

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

BRUNO CESAR SANTOS DE SOUZA

**O processo de institucionalização do Grêmio Recreativo Escola de
Samba Unidos do Porto da Pedra.**

Rio de Janeiro

2017.

BRUNO CESAR SANTOS DE SOUZA

**O processo de institucionalização do Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos
do Porto da Pedra**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História Social.

Orientadora: Prof. Dr. Joana D'Arc do Valle Bahia

Rio de Janeiro

2017

De todo o amor que eu tenho

Metade foi tu que me deu

Salvando minh'alma da vida

Sorrindo e fazendo o meu eu.

Para Helena Laranjeira Santos.

Agradecimentos:

Agradecer é talvez um dos momentos mais complicados da obra. Lembrar de todos os nomes que me auxiliaram nessa empreitada, sem deixar faltar um é missão muito difícil, quase impossível. Tenho em mente que necessitaria de escrever um sem número de páginas para poder abranger todos e todas que durante esse período me demandaram seu tempo, sua atenção e seus ensinamentos. Infelizmente, não o posso fazer. Todavia, buscarei, tal como um historiador, formular uma linha do tempo afim de lembrar de todos aqueles que, ao longo desses dois anos me ajudaram.

Sendo assim, parto do princípio para agradecer imensamente aos meus pais Claudia Helena e Felix Teixeira por toda a educação, amor, conselhos e, principalmente pelo caminho que me ensinaram a traçar. Ao meu avô Uberlando por tido tanta paciência em me ajudar nos deveres de casa, quando eu ainda era criança e mesmo depois de velho. Eis, com toda certeza, meu espelho. A minha amada avó Helena, que quando recebeu a notícia de que seu neto havia passado para o mestrado ficou tão orgulhosa que “não conseguia caber dentro de si”. Hoje, tenho certeza, ela está comemorando lá do céu a vitória do seu neto. A minha irmã Daniella, ao meu primo Caio e a querida Camila Cupti pelo carinho e fé depositados. Ao mais amado dos amados, meu príncipe e aquele que me faz levantar da cama todo dia com uma enorme vontade de conquistar o mundo: Heitor Paiva de Souza, meu filho.

Aos amigos Vinicius Ferreira, Leonardo Alves, Romário Ferreira, Diego Cesar, Arthur Guetten por sempre estarem perguntando sobre o trabalho, por me darem força e, principalmente por me fazer entender – talvez sem intenção - que um trabalho acadêmico tem a necessidade de ser entendido por todos.

Agradeço imensamente a minha orientadora Joana Bahia por todos os ensinamentos, conselhos e créditos dados a essa pesquisa. Obrigado professora por abrir meus horizontes, me fazendo conhecer novos autores, novas perspectivas e novas maneiras de enxergar o mundo. Sem a senhora esse trabalho não seria possível.

Ao professor Martin Curi, pelas excelentes exposições onde misturava história e antropologia e demonstrava que não existe limite para os nossos objetos e objetivos. A professora Daniela Calainho pelas didáticas e acolhedoras aulas. A professora Iza

Quelhas por me fazer entender que história e literatura muito dialogam. A Professora Hebe Matos por esclarecedores debates e pela demonstração de conhecimento. Ao professor Felipe Ferreira por mostrar, de maneira apaixonante que o carnaval é muito mais do que uma festa, é história, é geografia, é sociologia, é arte. Muito obrigado aos meus mestres.

Reconhecimento máximo os professores e professoras da UERJ FFP, sejam eles do período da graduação ou mesmo do Programa de Pós Graduação em História Social. Ensinarão-me com amor e dedicação a pesquisar, escrever e mais importante: a passar o conhecimento para aqueles que o buscam.

Aos amados Eduardo Gomes e Gilson Felipe, por estarem desde o início da graduação, mostrando que além da parte acadêmica, a faculdade também é um ótimo lugar para se fazer amigos. A Mariana Rodvalho, de maneira especial por escutar minhas incertezas, ler o trabalho a ponto de se tornar especialista na história da Porto da Pedra e, além de tudo dizer a palavra certa no momento certo. Meu muito obrigado. Meu agradecimento especial a Diego Deziderio que mesmo quando eu iniciava essa caminhada de maneira tímida e sem grandes pretensões, me ajudou como se ajuda a um irmão. Jamais esquecerei, grande amigo. Para Emanuelle Diniz por todas as leituras atentas, pelos conselhos e por me mostrar que mesmo nas dificuldades existem pessoas boas e dispostas a ajudar. A grandíssima Denise Almeida pelos auxílios, conselhos e por mostrar como um verdadeiro professor deve caminhar.

Aos funcionários do PPGHS, em especial a senhora Andrea, que tanto nos auxiliou em documentos e sempre se mostrando disposta a fazer o seu melhor.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por proporcionar o fomento durante esses dois anos de mestrado. Demonstrando que a pesquisa e o ensino só se desenvolvem com investimento.

Aos amigos de turma do mestrado no PPGHS/UERJ de 2015/1 pelos debates acalorados e boas aulas que muito somaram para a minha pesquisa e para a minha vida. Em especial aos amigos da pós Guilherme Cavotti, Sonja Ribeiro, Jonatas Roque, Sayonara Sisquim, Luciana Pinto, José Vinicius, Luiza Sarraff que conviveram mais de perto comigo, seja nas aulas, nos cafés, nos encontros e nas risadas.

Agradeço aos meus entrevistados Seu Jorair Ferreira, Dona Ana Maria, Pedro Celestino, Paulo Chaffin, Pedro Gordo, Sebastião Bergara, Jorginho do Império, Dona Gilce de Oliveira, Mauro Quintaes, Miguel Sobrinho, Fabio Montebelo, Jaime Cezario, Maurício Pinheiro. Vocês são a história viva, uma fonte de água límpida que espero immortalizar com minhas humildes letras. Esse trabalho também é uma homenagem a vocês que proporcionaram ao povo tantas alegrias.

A todos os amantes do carnaval, em especial a comunidade e construtores dos festejos anuais do Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos do Porto da Pedra. Obrigado por nunca desistirem e mostrarem que todo novo ano é uma nova oportunidade para obter a vitória.

Por fim, agradeço a Jorge Lambel e Sérgio de Oliveira. Sem eles, com certeza, não haveria trabalho, Escola de Samba e um orgulho tão especial de ser Porto da Pedra.

*Eu vi sair,
de um pavilhão em São Gonçalo
Loucuras vindas de imaginários
Tão loucos quanto os que a gente já cantou.
(Vadinho, Carlinho e Pinto)*

RESUMO

A presente dissertação busca analisar, a partir da metodologia da história social, os processos de institucionalização que ocorreram entre os anos de 1973 e 1994 dentro da Instituição Carnavalesca Unidos do Porto da Pedra. Busca-se entender, entre outras hipóteses, como tais processos resultaram, no crescimento, ressignificação cultural e na popularização da Porto da Pedra para o Carnaval Carioca. Utilizamos fontes orais concedidas por aqueles (as) que de alguma maneira se entrelaçavam com a história da agremiação e puderam contribuir para a pesquisa. Consideramos ainda, a análise comparativa com outras instituições carnavalescas, o que nos possibilitou um olhar mais amplo e, também uma apreciação dos grupos sociais viventes nas cercanias do bairro de origem da Porto da Pedra, visando compreender como a Escola de Samba alterou a vida dessas pessoas.

Palavras-chave: Carnaval; Escolas de Samba; Porto da Pedra; São Gonçalo.

ABSTRACT

The present dissertation seeks to analyze, from the methodology of social history, the processes of institutionalization that occurred between 1973 and 1994 inside the Unidos do Porto da Pedra Carnival Institution. It seeks to understand, among other hypotheses, how such processes resulted in the growth, cultural resignification and popularization of Porto da Pedra for the Carioca Carnival. We used oral sources provided by those who somehow became entwined with the history of the association and were able to contribute to the research. We also considered the comparative analysis with other carnival institutions, which enabled us to have a wide view and also an appreciation of the living social groups that live in the origin neighborhood of Porto da Pedra, aiming to understand how the Samba School changed these people lives.

Key-words: Carnaval; Escolas de Samba; Porto da Pedra; São Gonçalo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1: De Bloco Carnavalesco à Escola de Samba: a institucionalização, crescimento e transformação da Porto da Pedra (1973 – 1985).....	23
Capítulo 1.1 O Nascimento da Agremiação Porto da Pedra.....	24
Capítulo 1.2. A Porto da Pedra e o Carnaval Gonçalense.....	44
CAPÍTULO 2: “Das cinzas às cores mais lindas” ¹ : O ressurgimento do G.R.E.S Unidos do Porto da Pedra (1985-1993).....	59
Capítulo 2.1: O fim do carnaval gonçalense e seus motivos.....	61
Capítulo 2.2: O show tem que continuar.....	70
Capítulo 2.3. O patrocínio da empresa COMTROL S/A e o ressurgimento da G.R.E.S Unidos do Porto da Pedra na década de 1990.....	84
Referências:.....	100

¹ Esse trecho faz alusão a um dos sambas concorrentes da parceria número 8, no ano de 2014. Ver em: <http://www.carnavalesco.com.br/noticia/porto-da-pedra-2015-ouca-o-samba-concorrente-da-parceria-de-oscar-bessa/8890>

O Processo de Institucionalização do GRES Unidos do Porto da Pedra.

Bruno Cesar Santos de Souza.

Capes.

Introdução

Objetiva-se enquanto pesquisa a análise do processo de institucionalização, organização e produção cultural do Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos do Porto da Pedra, entre os anos de 1973 e 1995, assim como seus efeitos políticos, culturais e sociais. Este trabalho está relacionado à dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em História Social da UERJ.

Pesquisa-se igualmente as estratégias utilizadas pelos organizadores do carnaval da Porto da Pedra tendo em vista a consolidação da agremiação no carnaval gonçalense e, posteriormente no carioca, entre fins da década de 1970 e em meados da década de 1990. Dentre essas estratégias destaca-se o convite a pessoas externas à comunidade e que, por sua experiência no mundo carnavalesco, contribuíram de maneira significativa para o crescimento da escola de samba. Todavia, ao serem introduzidos no ambiente da agremiação, causaram estranhamento e singelas modificações ao padrão estético e organizacional da escola. Por conta disso, investiga-se os conflitos internos e externos trazidos por essa modificação do caráter da agremiação, que desde 1981 institucionaliza-se enquanto escola de samba do município de São Gonçalo, e que em 1993 passa a pensar o desfile em solo carioca.

Por fim, averigua-se de que maneira uma instituição carnavalesca gonçalense, que até então não tinha sequer atravessado a ponte Rio-Niterói, ou seja, sem nenhuma tradição no carnaval carioca, pôde, em cerca de quatro anos (1993 – 1997), deixar de ser uma Escola de Samba desconhecida para conseguir o feito de desfilar entre as melhores do carnaval da cidade.

Para que esse objetivo fosse alcançado, foram selecionados alguns tipos principais de fontes. A primeira, a consulta a periódicos que retratam a época. Dentre os quais o Jornal o Fluminense e O São Gonçalo, dois jornais regionais que mostram um panorama mais próximo da criação da Porto da Pedra, uma vez que são muito mais

voltados para o público das cidades de São Gonçalo, Itaboraí e Niterói. Ambos os jornais possuem seções dedicadas ao carnaval conforme as celebrações vão chegando.

Outro tipo de fonte utilizada são os relatos orais. Divididas aqui entre entrevistas que foram concedidas a mim, tendo em mente o trabalho que estava sendo construído e também as conversações concedidas por integrantes da agremiação à jornais e sites e arquivos públicos ligados ao carnaval.

A primeira entrevista foi feita com Paulo Chaffin: comerciante do bairro (1977), fundador do Bloco carnavalesco Unidos do Porto da Pedra (com oficialidade 1978), comprador do G.R.E.S.U. Porto da Pedra (1993-95), diretor de apoio do G.R.E.S.U. Porto da Pedra (97-2012). Seu Paulinho, como é conhecido pelas ruas do bairro, nos esboçou um retrato de como eram as atividades comerciais e culturais no lugar e na agremiação ao longo das décadas de 1970 e 1980. Além disso, nos presenteou com documentos de suma importância para a história da Porto da Pedra, tais como atas de fundação, registros oficiais em cartório e diários oficiais.

Outra importante entrevista realizada aconteceu com Jorair Ferreira, que foi jogador do Unidos do Porto da Pedra Futebol Clube (time que ajudará a fundar o bloco carnavalesco), fundador do Bloco carnavalesco Unidos do Porto da Pedra (sem oficialidade 1973-75), fundador do Bloco carnavalesco Unidos do Porto da Pedra (com oficialidade 1978) e ex-presidente entre os anos de 1993 e 1997. Seu Jorair foi um dos sujeitos que mais contribui para esse trabalho, seja nas entrevistas, já citadas, ou mesmo no empréstimo de alguns documentos, tais como foto da época, atas de reuniões, estatuto do bloco (1978) e da escola de samba (1994).

Pedro Celestino, o Cabrinha, foi jogador do Aranha Futebol Clube (Time do bairro que ajudará a fundar o bloco Carnavalesco), fundador do Bloco (sem oficialidade 1973-75) e diretor Social do G.R.E.S.U. Porto da Pedra (1993-1997). Concedeu-nos duas entrevistas onde narrou o cenário existente no logradouro no período anterior a construção do bloco, em 1973. Contou-nos também sobre como se deu a gênese do bloco carnavalesco Unidos do Porto da Pedra e como os times de futebol do bairro ajudaram a fundar a agremiação. Além da entrevista concedida, também nos cedeu fotos da época bloco ainda sem registro oficial.

Jorge Antônio Carlos (Jorginho do Império) foi um importante diretor de carnaval da época e principal personagem da ida do GRESUPP para o carnaval do Rio de Janeiro. Foi a partir do contato com esse senhor que foi possível vislumbrar de que modo se deu o crescimento da Porto da Pedra durante o início da década de 1990.

Jorginho do Império também foi diretor de carnaval da Porto da Pedra entre os anos de 1993 e 1997.

Mauro Quintaes foi carnavalesco do GRESU Porto da Pedra entre os anos de 1994 e 1997 e em sua entrevista nos confidenciou toda a construção dos primeiros carnavais da agremiação em solo carioca. Discursando enquanto sujeito estranho ao bairro, uma vez que era morador de Jacarepaguá, nos deu sua visão do bairro do Porto da Pedra no período de sua chegada e a gradativa mudança a partir do crescimento da escola de samba no lugar, desse modo, evidenciando as modificações que a agremiação construiu no bairro.

Maurício Pinheiro (Maurição): Diretor de Harmonia do GRESU Porto da Pedra (1993-1999) nos mostrou os bastidores da construção do carnaval da escola durante os anos de 1994 e 1995.

Fábio Montebello, atual presidente da agremiação, foi também vice-diretor de segurança da Porto da Pedra (1994-1999) e nos ajudou a entender o processo de mudanças ocorridas ao longo da década de 1990, uma vez que viveu esse momento ímpar na história da agremiação.

Por conta desses relatos, faz-se menção a importância da memória dos sujeitos entrevistados, bem como a oralidade, que serviram como ferramentas para essa obra. Sem ambas (a memória e a vontade de explicitar através de entrevistas) não haveria maneira de se pesquisar sobre o processo de institucionalização da Porto da Pedra, uma vez que muito do que foi construído nesse passado se perdeu com o tempo.

O historiador francês Pierre Nora analisa esses objetos ao inaugurar a expressão “lugares de memória” que seriam, primeiramente, lugares em uma tríplice acepção: são lugares materiais onde a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos; são lugares funcionais porque têm ou adquiriram a função de alicerçar memórias coletivas e são lugares simbólicos onde essa memória coletiva – vale dizer, essa identidade - se expressa e se revela. São, portanto, lugares carregados de uma vontade de memória.

Para o autor, os dias de hoje trouxeram consigo uma mudança significativa no olhar relativo aos grupos sociais em relação ao que conservavam tradicionalmente com o passado. Nora entende que uma das discussões mais importantes para a cultura contemporânea situa-se no entrecruzamento entre a veneração ao passado, seja ele real ou imaginário e o sentimento de pertencimento a um dado grupo; entre a consciência coletiva e a preocupação com a individualidade; entre a memória e a identidade.

Nora conceituará os lugares de memória como, antes de tudo, um misto de história e memória, pois não há mais como se ter somente memória. Para Nora:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais.²

Outro autor que entra no debate acerca da memória é Maurice Halbwachs, que entende que as lembranças seriam incorporadas pela história à medida que fossem deixando de existir ou à medida que os grupos que as sustentavam deixassem de existir. Nora, por outro lado, entende de forma mais ampla que a categoria memória deixou de existir porque passou a ser reivindicada pelo discurso histórico. Para a pesquisa referente a Porto da Pedra, essas memórias foram pensadas como construções coletivas, “uma corrente de pensamento contínuo que retém do passado somente o que está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém”.³

Para Michael Pollak essas memórias marginalizadas, as quais o autor vai chamar de “memórias subterrâneas”, abriram novas possibilidades no terreno fértil da História Oral. Segundo o pensamento, não se trata de historicizar memórias que já deixaram de existir, e sim, trazer à superfície memórias “que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível” e que “afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados”⁴. É por isto que se pode afirmar, nos dizeres de Henry Rousso, que a “história da memória tem sido quase sempre uma história das feridas abertas pela memória”⁵.

Outra discussão importante que está entrelaçada com o resgate da memória é a construção da História Oral, que tem seu nascimento nos anos 1950, tendo o crescimento durante as décadas de 1970 e 1980, chegando ao Brasil com mais força durante os anos de 1990. Marieta de Moraes Ferreira entende a história oral como uma metodologia a serviço da historiografia e não como uma disciplina, mas que de certo modo, tem seu lugar fincado a cada ano mais como método de pesquisa.

Percebe-se logo a importância da história oral neste trecho da obra de Paul Thompson:

² NORA, Pierre Between. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. In: Projeto História. Nº 10. São Paulo: PUC, 1993. P.12.

³ HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro, 1990.p. 81-82.

⁴ POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. In Revista Estudos Históricos, vol. 02. 1989. PP 3-15.

⁵ ROUSSO, Henry. *A memória não é mais o que era*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. 5. Ed. Rio de Janeiro: Ed.FGV, 2002. p.93-101.

A história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos⁶.

Para a história oral serviria assim, para a melhor compreensão do passado, ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registro que comprovariam a veracidade do discurso. As entrevistas auxiliariam ao pesquisador a ter mais contato com o passado.

Além disso, a oralidade e a técnica da entrevista possibilitam ao historiador compreender como indivíduos experimentam e interpretam determinados acontecimentos, situações e modos de vida de um grupo ou sociedade em geral, o que tornaria o estudo mais bem baseado e concreto, trazendo fatos já acontecidos para o presente e assim clamando aos mortos que nos contem as suas histórias, trazendo para as gerações futuras o melhor entendimento das experiências vividas por outros.

Algo parecido com que é feito por Ginzburg que analisa em *O Queijo e os Vermes* a micro-história como uma prática baseada na redução da escala da observação em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental. Busca-se nesse trabalho uma diminuição escalar, para que possamos olhar mais atentamente para os sujeitos que construíram o carnaval de bairro no Porto da Pedra, e deram margem para a construção da agremiação, por exemplo.⁷

Para além dessas fontes e conceitos, opto também pelas publicações destinadas ao grande público do carnaval como um dos sustentáculos para o presente trabalho. Faz-se isso, pois as escolas de samba do estado do Rio de Janeiro têm sido desde 1950 alvo de questionamentos, estudos e teorias elaboradas por jornalistas, cientistas sociais, historiadores, estudiosos de artes, antropólogos, entre outros das mais diversas áreas. Esses buscaram entender as mais diversas peculiaridades que essa manifestação cultural apresentou ao longo de sua existência. Alguns desses autores escreveram suas pesquisas mais ou menos no mesmo tempo em que os fatos relativos a Porto da Pedra, aqui estudados, ocorreram. Com isso, entende-se que seus livros sobre a história do carnaval constituem uma espécie de memória desses autores. Estão entre eles Sérgio Cabral,

⁶ THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado: história oral*. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1992, p. 17.

⁷ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. S. Paulo: Cia das Letras, 1987.

Hiram Araújo, Felipe Ferreira, Eneida Moraes e Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti.

O jornalista e pesquisador Sérgio Cabral escreveu o livro intitulado *As escolas de samba do Rio de Janeiro* (1996) onde traz um panorama histórico e cultural das escolas de samba cariocas, indo buscar nas formas populares de brincar o carnaval o início do seu trabalho. Utilizarei o trabalho de Cabral para entender como as escolas de samba, as quais a Porto da Pedra se inspirou para institucionalizar-se, se criaram. Além disso, o autor traz à tona uma discussão sobre as comunidades que cercam essas agremiações, o que será muito bem vindo nessa pesquisa, pois visa-se aqui entender como a população ao entorno da Porto da Pedra auxiliou, modificou e foi modificada com a construção da mesma.

Hiram Araújo, outro autor por nós utilizado, inicia um debate acerca da modernização das escolas de samba, observando como as modificações das agremiações, sobretudo a partir da década de 1970, revolucionou a maneira de se pensar e fazer carnaval. Dentre essas mudanças está a implementação da figura do coreógrafo, do carnavalesco e de artistas vindos de fora da vivência do carnaval das escolas de samba, tais como ferreiros, engenheiros hidráulicos, pintores, entre outros. Décadas mais a frente, mais precisamente no ano de 1993 a Porto da Pedra vai passar por uma transformação parecida, onde também foram empregados pela agremiação essas mesmas categorias de profissionais. Nesse sentido, o trabalho de Hiram Araújo nos deu base para pensar de que maneira se deu a entrada desses trabalhadores, como ocorreu e os conflitos que gerou para a agremiação.

Felipe Ferreira - um dos mais renomados pensadores da cultura popular brasileira - é professor e pesquisador do Instituto de Artes da UERJ. Seus trabalhos conversam com a lógica da interdisciplinaridade e podem ser usados por várias ciências que pensam a cultura, tais como: história, antropologia, marketing, jornalismo e, principalmente, a artes.

No primeiro capítulo desta obra, ao qual fazemos um panorama do carnaval carioca do século XX e o surgimento das escolas de samba, Ferreira muito tem a nos auxiliar, uma vez que através de suas obras *Inventando carnavais: o surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas* e *O livro de ouro do carnaval brasileiro* propõe um debate acerca da cidade do Rio de Janeiro e sua população e produções culturais, que por suas características histórico-geográficas, sempre foram incentivadas a trocas culturais, o que permitiu o encontro de diversas

vivências de diferentes grupos étnicos. Segundo o autor, essas trocas acabariam por gerar inúmeras e novas expressões culturais da população carioca, dentre as quais os ranchos, blocos e cordões carnavalescos e, mais tarde, as escolas de samba.

Outra obra do autor, o texto *Traduzindo o enredo: o processo de produção das escolas de samba* será utilizado no terceiro capítulo com o objetivo de debater a indumentária de um desfile e de que modo formas plásticas podem diferenciar agremiações, tal como foi o caso da Porto da Pedra em 1994 ao se classificar em primeiro lugar por conta de uma “revolução estética no grupo de avaliação”.⁸

Em *Escolas de Samba: uma organização possível* onde além de explicar a construção de um carnaval, também debate a cultura popular, demonstra a festa como um espaço de adaptações e diálogos as novas realidades, onde coloca as escolas como elementos articuladores do passado e do presente. O que nos dá base para entender o segmento no mundo moderno, sobretudo, a partir da década de 1970, onde se encontra a gênese da Porto da Pedra.

A jornalista e escritora Eneida de Moraes, nascida em Belém (Pará), escreveu em 1958 o livro *História do Carnaval Carioca* onde descreve e faz um resgate histórico sobre diversas manifestações carnavalescas do Rio de Janeiro. Seus escritos nos darão base para entendermos, em um primeiro momento, a construção do carnaval na cidade do Rio de Janeiro ao longo do século XX e, também cabedal para dissertarmos sobre as manifestações culturais que foram sendo feitas na cidade de São Gonçalo – berço da Porto da Pedra- a partir da década de 1950.

Além disso, a autora escreve também sobre arte e cultura popular durante meados do século XX, esses dados nos serão úteis a partir do momento que dissertamos sobre a formação e mobilização cultural ocorrida no bairro do Porto da Pedra.

Buscando dar múltiplas visões para o trabalho, também utilizamos a antropóloga Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti. A autora que é ligada às questões culturais e que escreveu importantes livros sobre o carnaval, dentre os quais *O rito e o tempo: ensaios sobre o carnaval* onde refletimos sobre o crescimento da Porto da Pedra, sobretudo no período que tange 1978-1985 e, principalmente quando a agremiação precisou se reinventar, uma vez que passou a disputar o carnaval carioca,

⁸ Entrevista concedida por Mauro Quintaes em dia 17/05/2016.

sabidamente mais forte. Esses escritos, onde a autora traz a hipótese de que o carnaval das grandes escolas de samba passou a ser prisioneiro do seu próprio aumento, dão margem para observar o crescimento da instituição carnavalesca e como se deu seu processo de evolução no carnaval.

Em *Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile* observaremos sob o ponto de vista antropológico o carnaval, sua construção, o desfile e o tempo, além da idéia de modernidade X tradicional, pois a autora trabalha contrapondo a idéia do tradicional, evidenciado através de práticas comuns dentro de uma escola de samba, com a modernidade contida no visual, sobretudo a partir da década de 1980. Para Cavalcanti, existe uma tensão entre a festa e o espetáculo durante o desfile das escolas de samba, que segundo a mesma, dá base para a expansão e aprimoramento das próprias agremiações. A autora faz esses apontamentos de dentro de uma escola de samba, a qual analisa os bastidores e como se prepara para o carnaval.

Sua pesquisa está de acordo com as teses que apontam a década de 1960 como momento diferencial na vida das escolas de samba cariocas, e diz que foram esses anos que as agremiações passaram a conviver com carnavalescos e outros profissionais, tais como coreógrafos, pintores e engenheiros, que acabaram por trazer novas concepções técnicas e dramáticas desenvolvidas em seus nichos de atuação. Desse modo, Maria Laura elege as inovações como fato diferencial para a modernização e crescimento das escolas de samba nesse período. Outro ponto importante da obra da antropóloga é sua análise sobre as figuras que fazem o carnaval acontecer, sobretudo os carnavalescos, que são entendidos como intelectuais com claras propostas de atuação na cultura popular.

Todos esses autores e suas teses, além dos relatos orais e jornais da época ajudam a entender o processo de institucionalização do Grêmio Recreativo Unidos do Porto da Pedra. Todavia para compreender como uma escola de samba de São Gonçalo modificou características culturais, econômicas, políticas e sociais do seu bairro de origem, é necessário voltar no tempo, onde a Porto da Pedra surgiu para o carnaval no município de São Gonçalo. Embora não tenha caráter oficial, é possível afirmar que no ano de 1974 fora jogada a semente que resultaria na construção da agremiação, advinda da organização por parte de moradores e comerciantes do bairro.

O Bloco Carnavalesco Unidos do Porto da Pedra, baseado em um time de futebol do logradouro chamado Unidos do Porto da Pedra Social Clube, passou a desfilar, entre os anos de 1973 e 1975, pelas ruas do bairro e pelo centro de São

Gonçalo, com isso ganhando fãs por toda cidade. Contudo, da mesma maneira meteórica que começou, também encontrou seu fim, por razões organizacionais e, principalmente econômicas. Certo mesmo é que o movimento se tornou símbolo das atividades culturais do lugar e, mesmo não tendo caráter oficial e nem desfilando, ainda se mantinha vivo dentro do bairro, seja no pensamento dos foliões ou em atividades acanhadas, em festas e batuques arranjados “que varava a noite”⁹

Pode-se dizer que bloco carnavalesco conseguiu, em um curto espaço de tempo, modificar a história da população da região, uma vez que ensinou e foi ensinada pelos indivíduos que lá residiam e/ou iam até o bairro para se divertir e ajudar a construir qualquer que seja a atividade ligada ao bloco. Vale pontuar, que mesmo havendo atividades culturais no lugar, era apenas a Porto da Pedra que ensaiava ou fazia shows por todo o ano, promovia churrasco, bingos e rifas o que, de alguma maneira movimentava a vida cultural do bairro.

A tese será dividida em três capítulos. O primeiro intitulado **De Bloco Carnavalesco à Escola de Samba: a institucionalização, crescimento e transformação da Porto da Pedra (1973 – 1985)** visa debater, primeiramente, o bairro do Porto da Pedra, bem como suas atividades econômicas e culturais, para que possamos entender o espaço que foi berço do Bloco Carnavalesco Unidos do Porto da Pedra. Discute-se nesse segmento a geografia e utilizações do lugar para entender a organização social do bairro.

Utilizamos também fontes orais, documentos tirados de jornais da época e fotos para explanarmos sobre a construção do Bloco Carnavalesco Unidos do Porto da Pedra, seus desfiles pelas ruas do bairro e as mudanças que essa nova agremiação trouxe para o logradouro. Além disso, debatemos nessa seção sobre o crescimento do bloco, que foi convidado a desfilar e disputar o carnaval gonçalense, e como esse aumento promoveu mudanças para a localidade.

Por fim, demonstra-se de que maneira o bloco carnavalesco conseguiu se tornar uma escola de samba, desfilar durante a década de 1980, ganhar alguns títulos e também ter seus desfiles interrompidos por conta do esgotamento da renda destinada ao carnaval do município.

⁹ Entrevista concedida por Paulinho Chaffin em 20/08/2012.

O Segundo capítulo recebe por título **Das cinzas às cores mais lindas: O ressurgimento do G.R.E.S Unidos do Porto da Pedra (1985 – 1993)** e descreverá o hiato sofrido pela escola durante os anos em que ficou sem desfilar (1985 -1993), bem como a mudança desse cenário com a chegada da sua principal patrocinadora, a empresa Comtrol S/a. Para isso, é usada a interdisciplinaridade, onde além da história, buscamos em outras ciências sociais tais como sociologia, geografia, literatura, ciência política, economia e antropologia métodos para observarmos sob diferentes prismas esse período.

Nesse capítulo, estabelecemos uma discussão sobre a política econômica nacional da época e como esta auxiliou no esgotamento do patrocínio do carnaval gonçalense e, por seguinte, da Porto da Pedra. Contudo, pensamos como essa mesma política neoliberal da década de 1980, ajudou na chegada de novas empresas – dentre as quais a Comtrol S/a – que movimentaram o cenário político, econômico e cultural da cidade, recolocando a Porto da Pedra em cena e fazendo crescer as expectativas da escola de samba, que passou a mirar o carnaval carioca.

Apresentamos também um panorama das atividades realizadas pelo G.R.E.S Unidos do Porto da Pedra entre os anos de 1985 e 1992, período em que a escola de samba não desfilou oficialmente, apenas se apresentando pelas ruas do bairro.

O terceiro e derradeiro capítulo, intitulado **O carnaval de São Gonçalo ficou pequeno. Nós queríamos o Rio, nós queríamos o mundo.**¹⁰ tem como objetivo analisar o crescimento da agremiação em um curto espaço de tempo (1993 até 1996), o patrocínio da empresa Comtrol S/a, observando de que maneira esse dinheiro fazia o carnaval da G.R.E.S Unidos do Porto da Pedra, isso para entender o processo de organização da instituição na década de 1990, período em que a escola começa a se aventurar no carnaval carioca. Trabalhamos aqui ponderando sobre o aporte financeiro dado pela empresa Comtrol S/A, questionando como esse investimento transformou uma escola de samba pequena, para o nível do carnaval carioca, em uma agremiação com condições de disputar o campeonato com as demais escolas de samba da cidade do Rio de Janeiro.

Registramos também sobre o crescimento e o contínuo processo de institucionalização do Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos do Porto da Pedra, que a partir de 1992 começou a costurar acordos e se associar a ligas carnavalescas,

¹⁰ Relato contido na entrevista realizada com Seu Jorair Ferreira, no dia 26/11/2014.

tendo apoio de grandes escolas tais como Beija-flor de Nilópolis e União da Ilha do Governador. Verificamos ainda fatos importantes para o desenvolvimento da agremiação, tais como: a construção de duas quadras no curto espaço de três anos e como essa mudança modificou a territorialidade estabelecida à época.

Dialogamos ainda nesse capítulo sobre a contratação do diretor de carnaval Jorginho do Império, um dos grandes nomes do carnaval carioca daqueles anos, a vinda de um promissor carnavalesco à época, Mauro Quintaes, que sai da Caprichosos de Pilares, escola que nesse período freqüentava a principal divisão do carnaval carioca, a modificação que ocorreu com a vinda dos mestres de bateria Paulão e Cosme, que foram “cedidos” pela madrinha da escola: União da Ilha do Governador. Além disso, debate-se nesses escritos a própria lógica carnavalesca de apadrinhamento e como a União da Ilha passou a auxiliar a Porto da Pedra em sua empreitada no mundo do carnaval. Por fim, discute-se de que maneira foi construído o auxílio do então presidente da AESCRJ (Associação das Escolas de Samba da Cidade do Rio de Janeiro) Paulo de Almeida.

Sobre a conclusão, busca-se debater as consequências da institucionalização do Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos do Porto da Pedra para compreender as implicações que a organização enquanto escola de samba gerou para o bairro do Porto da Pedra e, por seguinte, para a cidade de São Gonçalo. Sabe-se que a Porto da Pedra enquanto agremiação carnavalesca modificou a vida cultural, econômica e social do seu lugar de origem, com isso, concluímos mostrando de que forma essas mudanças ocorreram e como geraram conflitos entre a agremiação e a comunidade que a cerca.

Capítulo 1.

De Bloco Carnavalesco à Escola de Samba: a institucionalização, crescimento e transformação da Porto da Pedra (1973 – 1985).

O presente capítulo trata da história da criação, organização e da oficialização do Bloco Carnavalesco Unidos do Porto da Pedra, a associação da instituição à AGESBC (Associação Gonçalense de Escolas de Samba e Blocos Carnavalescos), a transformação desse mesmo bloco em Escola de Samba, suas conquistas e a pausa dos desfiles no ano de 1985. Faz-se isso observando as relações sociais presentes no lugar, que acabaram por ser modificadas com o passar do tempo.

Para tal apresentamos um panorama da história da Porto da Pedra a fim de entender as décadas de 1970 e 1980 e sua acuidade para esse coletivo, que teve entre os anos de 1973 e 1974 sua criação enquanto bloco de arrastão e sem oficialidade e entre os anos de 1978 e 1985 sua oficialização, transformação e apresentações enquanto escola de samba.

Por fim, buscamos compreender como a criação e manutenção da agremiação transformou e recriou relações sócio-espaciais, memoriais e diretrizes culturais para dentro do bairro que a cerca.

1.1.O Nascimento da Agremiação Porto da Pedra.

As fontes e as entrevistas realizadas com a finalidade de compreender a formação do Unidos do Porto da Pedra nos transportam até a década de 1960, quando por organização dos moradores fazia-se o carnaval do bairro do homônimo. Dessa forma, mostra-se o papel fundamental da micro-história, da história oral, além da atuação basilar da memória como fator catalisador das informações e vivências desses indivíduos. Sem essas ferramentas não haveria maneira de saber sobre a organização, constituição e mobilização gerada por aqueles tempos.

Segundo a historiadora Marieta de Moraes Ferreira a história oral enraizou-se, não apenas no meio acadêmico, mas principalmente no seio dos movimentos sociais. Seu compromisso inicial foi o de ampliar a voz daqueles que não tinham acesso a construção da sua própria história. A narrativa, segundo essa visão, é feita por sujeitos comuns em suas respectivas rotinas, sendo eles trabalhadores fabris ou fundadores de um bloco de bairro, por exemplo.

Marieta de Moraes Ferreira diz que:

Nesse movimento, foi extremamente significativa a expansão dos debates acerca da memória e de suas relações com a história. Essas discussões estimularam o abandono de uma visão determinista que limita a liberdade dos homens, e levaram ao reconhecimento de que os atores constroem sua própria identidade. Demonstraram também de forma inequívoca que o passado é construído segundo as necessidades do presente, e que, portanto se pode fazer usos políticos do passado. Estas novas perspectivas evidentemente alargaram os horizontes da história oral: estavam neutralizadas as críticas tradicionais, já que a subjetividade, as distorções dos depoimentos e a falta de veracidade a eles imputadas podiam ser encaradas de uma nova maneira, não como uma desqualificação, mas como uma fonte adicional de significados para o pesquisador.¹¹

Dessa maneira, é negada a tese de que os personagens do passado seriam passivos na locomotiva da história. Eles perpetraram e arquitetaram - não necessariamente de maneira maniqueísta e/ou pensando no futuro - algo que tornou possível aos pesquisadores de hoje entender o que se passava numa sociedade distante no tempo e no espaço e escrever sobre ela, conhecendo mais de perto as relações sociais que ocorriam neste determinado período.

Nosso olhar, baseado em uma visão micro da história, nos aproxima do objeto e, somado a memória e a fala desses sujeitos, nos mostra as formas econômicas,

¹¹ FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (org.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1996. P.22.

políticas e culturais que circulavam pelos anos estudados, dando-nos ferramentas para compreender o movimento que é o carnaval e de que maneira ele pôde (e pode) modificar a vivência de toda uma comunidade.

Entre os anos 1960 e 1970, moradores do bairro do Porto da Pedra passaram a se organizar, mobilizar e celebrar folguedos ligados as comemorações juninas. Esses divertimentos ocorriam em uma região central do lugar: o largo da ATN (Arraial do Tio Nonô) e tinha como principal apoio financeiro e organizacional os próprios moradores e comerciantes do lugar. Tio Nonô, peça central nesse arranjo era um dos principais mentores do movimento, entre seus feitos¹² estava à organização de campeonatos de futebol e a construção do carnaval do bairro.

Sobre o largo da ATN, pode-se afirmar que o espaço tem para o bairro um papel imprescindível, pois é na região que se encontra o centro comercial, o local de moradia, o espaço de lazer e conflitos, etc. Em outras palavras, é lá que se constroem as mais distintas situações do convívio social. Para nossa história, o largo também exercera importante função, pois foi ali que ocorreram as principais atividades voltadas para a construção do Bloco Carnavalesco do Unidos do Porto da Pedra.

O antropólogo José Guilherme Magnani, pesquisador de questões referentes à cidade e suas práticas de lazer e formas de sociabilidade, nos mostra em seu texto *A rua e a evolução da sociabilidade* que:

É preciso levar em consideração a malha de relações que mantém com a sociedade envolvente: a dinâmica de um espaço não se esgota no seu perímetro, assim como o significado mais amplo de uma comunidade religiosa afro-brasileira vai além dos limites do terreiro.¹³

Seguindo a mesma linha de raciocínio, a antropóloga portuguesa Maria Lousada nos mostra que a praça é um lugar de construção social¹⁴. No nosso caso, o largo da ATN serviria como espaço de convivência, onde as trocas culturais, políticas e econômicas eram – e são – feitas diariamente. Indo além, afirma-se que esse núcleo citadino, onde figuravam lado a lado área de lazer, comércio e residenciais é produtor e produto de seus habitantes, sendo simultaneamente objeto e sujeito do bairro.

¹² Entrevista concedida por Dona Ana Maria em 16/06/2014.

¹³ LOUSADA, Maria. *Praça e sociabilidade: práticas, representações e memórias*. Disponível em: https://www.academia.edu/3684082/Pra%C3%A7a_e_sociabilidade_pr%C3%A1ticas_representa%C3%A7%C3%B5es_e_mem%C3%B3rias, Acesso em: 10/08/2016.

¹⁴ LOUSADA, Maria. As praças como lugares de sociabilidade: práticas e representações, in Miguel Figueira de Faria (coord.), *Praças reais: passado, presente e futuro*, Lisboa, Livros Horizonte, pp.45.

Segundo LOUSADA¹⁵:

Todos os lugares são simbólicos, neles se encontrando muitas culturas (as quais estão frequentemente em conflito), e todos os lugares estão em contínua criação e recriação (não são determinados de uma vez por todas), num processo em que a memória desempenha um papel importante na construção da sua identidade.

Ainda sobre o debate acerca da construção social do território, Hector Frugoli Junior¹⁶ disserta sobre a significação do espaço público, que segundo o autor é feita através da utilização do mesmo pelos indivíduos. Em outras palavras, as pessoas se apropriam do espaço coletivo atribuindo a ele outra significação. Essa atribuição pode não ter proximidade alguma com a forma original que havia sido pensada. Desse modo, o bairro, assim como a praça, a rua e todos os elementos que estão envoltos nas relações sociais são dinâmicos.

Magnani resume:

Estas formas de apropriação não são o resultado de escolhas individuais, nem são aleatórias: são resultado de rotinas cotidianas - ditadas por injunções coletivas que regulam o trabalho, a devoção, a diversão, a convivência e que deixam suas marcas no mapa da cidade. O resultado é um desenho bastante particular e que se sobrepõe ao desenho oficial da cidade: às vezes rompe com ele, outras vezes o segue, outras ainda não tem alternativa senão adequar-se.¹⁷

Sendo assim, entende-se que a construção da festa junina no centro do bairro do Porto da Pedra só pôde ser feita, pois naquele local havia mobilizações e espaços para tal empreitada. Existia ali uma rede de sociabilidade que permitiu que a mesma ocorresse. E, embora houvesse um local de convivência para seus habitantes, foram às apropriações de seus residentes que permitiu que naquele espaço existisse tal evento.

Rogério Haesbaert, outro autor que debate a acuidade do espaço para a sociedade, nos conta que o território pode ou não ser um conceito que integra todas as esferas sociais¹⁸. Em uma perspectiva histórica, pode também ser amplo e generalizante a ponto de abranger toda a história humana, ou apenas ser visto de forma mais restrita,

¹⁵ LOUSADA, Maria. As praças como lugares de sociabilidade: práticas e representações, in Miguel Figueira de Faria (coord.), *Praças reais: passado, presente e futuro*, Lisboa, Livros Horizonte, pp.46

¹⁶ FRUGOLI JUNIOR, Heitor., *Esboços de uma trajetória: Cidade, Pesquisa, Universidade*. Porto Alegre, Iluminuras v.12, n. 28, p. 18-40, jul./dez. 2011.

¹⁷ MAGNANI, José Guilherme. *A Rua e a Evolução da Sociabilidade*. 1993. Disponível em: <http://osurbanitas.org/antropologia/osurbanitas/revista/RUA.html>, Acesso em:10/08/2016.

¹⁸ HAESBAERT, Rogério. *Território e Territorialidade: Um Debate*. GEOgraphia, Rio de Janeiro, Ano IX - n 17, p 3-5. 2007

relacionando-se apenas a determinados contextos histórico-sociais, como no caso da Micro-História.

Todas essas abordagens encontram-se combinadas, porém se privilegiarmos as questões políticas e, dentro delas a questão do Estado, o território pode vir a ficar restrito as sociedades modernas articuladas em torno de Estados Nações. Segundo essa premissa, fica negligenciada outras formas de relação pré-existentes múltiplas no espaço, tais como as dos povos indígenas, dos quilombolas e da própria Porto da Pedra, pois não são Estados nacionais modernos e, desse modo não entendidas como pertencentes ao território.

Por outro lado, o território compõe de forma indissociável a reprodução dos grupos sociais, no sentido de que as relações sociais são espaciais ou geograficamente mediadas (delimitadas) por esses atores. Podemos dizer que essa é a noção mais ampla de território, passível assim de ser entendida a qualquer tipo de sociedade, estando ligada as relações sociais e culturais em seu sentido mais amplo.

Assim, fica demonstrada o valor de determinado espaço para uma comunidade, seja ela o largo da ATN para os moradores do bairro do Porto da Pedra ou o Campo de Marte para os parisienses. Seria a partir desses lugares que as pessoas exerceriam suas trocas físicas e sociais, tendo condições de estreitar seus laços enquanto vizinhança, criar identidade e sentimento de pertencimento a determinada cultural e localidade, no caso do logradouro aferido: as festas juninas e o carnaval.

Todavia, quando falamos em território, falamos também de relação de poder entre grupos. Essa disputa é construída pelos atores sociais, que podem vir a ser os mais diversificados, como por exemplo, o próprio estado, os movimentos sociais, a Igreja (e suas festas), os moradores do local e os comerciantes. Desse modo, o território envolve, ao mesmo tempo, a dimensão espacial concreta das relações de poder e o conjunto de representações abstratas sobre o espaço.

Entendendo que existem relações de poder, torna-se respeitável ressaltar a dimensão cultural e/ou simbólica de uma sociedade, pois o território, por exemplo, pode também ser definido por um princípio cultural de identificação ou pertencimento. Assim, seria um absurdo considerar a existência de um território que não fosse deliberada pelas relações sociais.

José D'Assunção Barros narra a importância do território para o ofício do historiador, pois segundo o autor, muito do ganho da historiografia, a partir da chamada virada cultural na segunda metade do século XX, tem a ver com interdisciplinaridade e

o entendimento de que sem o espaço que cerca seus objetos históricos caminharíamos pouco enquanto entendedores do tempo.

Tão logo se deu conta da importância de entender o seu ofício como a Ciência que estuda o homem no tempo e no espaço – e essa percepção também se dá de maneira cada vez mais clara e articulada em meio às revoluções historiográficas do século XX – os historiadores perceberam a necessidade de intensificar sua interdisciplinaridade com outros campos do conhecimento. Emergiu daí uma importantíssima interdisciplinaridade com a geografia, ciência que já tradicionalmente estuda o espaço físico – e, se considerarmos outras formas de espaço como o “espaço imaginário” e o “espaço literário”, poderíamos mencionar ainda a interdisciplinaridade com a Psicanálise com a Semiótica e com tantas outras disciplinas que ofereceram novas possibilidades de métodos e técnicas aos historiadores. Na verdade, a noção de espacialidade foi se alargando com o desenvolvimento da historiografia do século XX: do espaço físico ao espaço social, político e imaginário, e daí até a noção de espaço como “campo de forças” que pode inclusive reger a compreensão das práticas discursivas.¹⁹

Voltando a falar sobre o bairro do Porto da Pedra, ratifica-se que o Largo da ATN tem significativo desempenho dentro da organização social do lugar. Exemplos para demonstrar tal importância não faltam, pois sabe-se que mobilizações foram crescendo no lugar e novos grupos foram sendo criados. Tais confrarias, como Pé frio, Santos Futebol Clube, Unidos do Porto da Pedra Social Clube, entre outros, se autogeriam e promoviam festas, torneios dos mais variados esportes, churrascos, bingos em encontros periódicos. Elejo um grupo para elucidar como as práticas realizadas no bairro foram sendo observadas, melhoradas e passadas por moradores. Os Amigos do Balão era um grupo formado por indivíduos que freqüentavam as festas da ATN. O objetivo maior era soltar balões, doar pipas e socializar-se através de caldos e churrascos.²⁰

Conta-se que anualmente eram feitas duas confraternizações, uma durante as festas juninas e outra no dia de São Jorge.²¹ Embora fosse um tipo de organização coletiva, existiam algumas lideranças que tomavam a frente da elaboração dos folguedos, e dentre essas pessoas deve se destacar o papel de um senhor por nome de Jarbas Ferreira. Antigo morador do bairro, Seu Jarbas Gordo, como era chamado, tinha um comércio perto de onde é a ATN e também dava assistência à feitura do carnaval. Seu Jarbas será um dos principais mentores do Bloco Carnavalesco Unidos do Porto da

¹⁹ BARROS, José D’Assunção. *História, região e espacialidade*. In: Revista de História Regional 10 (1): 95-129. Verão, 2005. Disponível em: <http://revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/2211/1691>. Acesso em: 12/03/2016.

²⁰ Entrevista concedida por Jorair Ferreira em 14/09/2014.

²¹ Entrevista concedida por Dona Ana Maria em 16/06/2014.

Pedra e uma de suas principais funções era de “todo ano ir até a prefeitura para poder pegar a subvenção para as festas.”²²

Nesse sentido, observa-se a consolidação de uma geração de indivíduos residentes no bairro, que tinham seus comércios próprios e auxiliavam na organização das celebrações locais. Dentre os exemplos temos Seu Jarbas, Seu Raimundo, Seu Zé, Tio Nonô, entre outros. E no meio desse arranjo - organizacional, cultural e econômico - que jovens moradores do bairro, “se espelhando nos mais velhos”²³ começaram engendrar maneiras organizar o seu próprio carnaval. Inicia-se, de maneira tímida, a idéia da formação de um bloco de arrastão que desfilaria somente no bairro no período anterior a quaresma.

Algo relevante e que diferente esse novo grupo dos mais antigos é o fato de que esses jovens, todos com cerca de vinte anos, não possuíam emprego fixo e nem eram casados. Esse fator será por um lado oportuno para o crescimento do bloco, pois havia disponibilidade e vontade para se construir o divertimento, mas por outro lado, não possuíam fonte fixa de renda para manter o bloco e nem uma organização funcional para tal²⁴.

Contudo, entendemos que esses jovens moradores do bairro, alguns sendo parentes dos organizadores mais antigos, cresceram vendo-os construir as atividades sociais do lugar e de alguma maneira apreenderam algo. Para Michael Pollak:

É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar de uma memória herdada. De fato[...], podem existir acontecimentos regionais que traumatizam tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação.²⁵

Não se trata pois de uma experiência traumática como a relatada por POLLAK, mas sim de uma vivência compartilhada, já que esses jovens não haviam vivido ativamente nenhum dos processos mais antigos de construção cultural no bairro. Apesar disso, eles cresceram vendo seus pais, tios e vizinhos arquitetando os divertimentos da comunidade. Um acontecimento de suma importância para eles, pois além de desfrutar

²² Entrevista concedida por Pedro Celestino, o Cabrinha em 07/03/2014.

²³ Entrevista concedida por Jorair Ferreira em 14/09/2014.

²⁴ Entrevista concedida por Pedro Celestino, o Cabrinha em 07/03/2014.

²⁵ POLLAK, Michael. *Memórias e identidade social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol.5, n.10, 1992, p.202.

desse entretenimento, também se identificavam com a organização e as narrativas transmitidas ao longo do tempo.

Essa organização comunitária foi força motriz para a elaboração de inúmeras atividades no bairro, inclusive a criação do bloco carnavalesco Unidos do Porto da Pedra. Entendemos assim que existia no Porto da Pedra um tipo de herança cultural e organizacional, que de um modo ou de outro auxiliava na construção social e orientava aos mais novos a construir as suas expressões.

Tendo em vista os elementos históricos e organizacionais ligados ao lugar, outro fator preponderante para o nascimento do Bloco Carnavalesco Unidos do Porto da Pedra foi a construção comunitária de um campo de futebol no ano de 1973. Esse espaço serviria para competições e torneios entre moradores do bairro e arredores.

Espaço de sociabilidade, os terrenos baldios, em especial esse que se localizava próximo ao largo da ATN, tinham importância ímpar para a população, pois assim como já fora dito antes, eram espaço de convivência, sobretudo, dos mais jovens que faziam aproveitamento do espaço livre para brincar.

No texto *Praça e sociabilidade: Práticas, Representações e Memórias*, Lousada nos diz que: “Espaços urbanos por excelência, as ruas e as praças têm sido em cada época os símbolos da vida e da cultura cidadinas. Produzidas, representadas e vividas são simultaneamente objeto e sujeito da cidade - da sua paisagem física, humana e simbólica.”²⁶

Teorizamos assim, que foi a partir da organização dos habitantes do bairro do Porto da Pedra e arredores, além do desejo pré-existente de alguns de montar algo voltado para o carnaval e também a existência dos espaços para a construção de laços de afetividade e confiança que nasceu o Bloco Carnavalesco Unidos do Porto da Pedra.

Segundo relatos, o bairro do “Porto da Pedra era uma área populosa e com vários terrenos baldios”²⁷, e foi em um desses que um circo se instalou para apresentações no ano de 1973²⁸. Para Pedro Celestino, o Cabrinha, um dos fundadores da (futura) agremiação, a construção de um campo de futebol no bairro, e posteriormente a elaboração de um campeonato de futebol no mesmo terreno foi o pontapé inicial para o surgimento do bloco. Vale ressaltar que tanto a construção do

²⁶ LOUSADA, Maria Alexandre. As praças como lugares de sociabilidade: práticas e representações, in Miguel Figueira de Faria (coord.), *Praças reais: passado, presente e futuro*, Lisboa, Livros Horizonte, pp.45.

²⁷ Entrevista concedida por Maurício Pinheiro, Maurição em 17/07/ 2015.

²⁸ Infelizmente não há lembrança quanto ao nome do circo.

campo quanto a organização do campeonato foram feitas única e exclusivamente por moradores e comerciantes do local. Como relata Cabrinha:

O campo era num terreno baldio e tinha seus altos e baixos, tinha seus declives. Em frente à padaria do falecido Raimundo. Na época, não sei precisar mais ou menos a data, veio um circo fazer um show. Eles vieram e passaram uma máquina, deram uma melhorada. Depois que o circo foi embora, juntou eu o falecido Lambel e o falecido Elisiano (...). Nós fomos com um propósito de fazer um campeonato de futebol, cheguei para Raimundo e digo: “Raimundo o negócio é o seguinte, o circo foi embora e deixou o terreno aí, eu sei que esse terreno não é seu, se você ligar para o dono e pedir uma autorização para a gente ir à Prefeitura passar uma máquina, dar uma melhorada e fazer um campeonato de futebol, você topa?” ele: “Boa Cabrinha, boa idéia.” E ele ligou para o dono, o dono autorizou e nós fomos à Prefeitura. A Prefeitura veio com a máquina e passou a máquina, ajeitou e melhorou o campo, o Raimundo comprou as balizas, colocamos as balizas e ajeitamos ele, mas ficou aquele barro brabo. E todo dia ficava aquela faixa de oito, dez amigos tudo ajeitando o campo, para melhorar o campo.²⁹

A construção do campo aproximou vizinhos e amigos, que passaram a pensar cada vez mais em uma construção coletiva visando o carnaval do bairro: “Nós tínhamos a vontade de fazer mais do que já fazíamos (...) e já tinham uns blocos sendo feitos por São Gonçalo.”³⁰ Porém esse pensamento foi sendo deixado de lado por conta da feitura do campeonato de futebol. Seria esse o primeiro torneio de futebol jogado no campo do Porto da Pedra.

Quem fez o campeonato? Fomos eu, falecido Lambel (Jorge Luiz Seixas Guinâncio), Lelego (Nei Sebastião Silva), Antídio (da Conceição). Tinha o Seu Aroldo (Moreira) também, tinha mais gente, mas são essas pessoas que fizeram o campeonato. E esse pessoal vai ser muito importante para a gente fazer o bloco lá na frente. (...) a gente fez o campeonato e como todo mundo ali gostava de futebol, juntava para beber uma cerveja e também gostava de carnaval, aí decidimos fazer um bloco também.³¹

Sobre as lembranças de Cabrinha, quando ele afirma que foi a partir da construção do campo de futebol e, posteriormente a organização dos times para o campeonato que se construiu o bloco carnavalesco, percebe-se que ele vai até suas memórias para buscar as respostas das questões propostas. Segundo Henry Rousso:

A memória, no sentido básico do termo, é a presença do passado. (...) A memória, para prolongar essa definição lapidar, é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num

²⁹ Entrevista concedida por Pedro Celestino, o Cabrinha em 07/03/2014.

³⁰ Entrevista concedida por Pedro Celestino, o Cabrinha em 07/03/2014..

³¹ Entrevista concedida por Pedro Celestino, o Cabrinha em 07/03/2014.

contexto familiar, social, nacional. Portanto, toda memória é, por definição “coletiva”, como sugeriu Maurice Halbwachs.³²

Por conta dessa série de planejamentos e de realizações em conjunto, entendo que essas pessoas tiveram seus laços estreitados pelo futebol e pela construção de campeonatos organizados no início da década de 1970 e que, através dessas coligações gerou-se solo fértil para que o bloco carnavalesco Unidos do Porto da Pedra pudesse florescer. Além disso, também entendemos que esses jovens já tinham uma “bagagem organizacional”, pois observavam os mais velhos construírem as atividades do lugar desde o berço:

No porto da Pedra na época tinha um senhor por nome de Jarbas. Ele fazia o carnaval no Porto da Pedra, ele pegava a subvenção na prefeitura, e enfeitava o porto da pedra, só que nós que tínhamos o bloco fazíamos o carnaval no porto da pedra, só que nós não recebíamos nada por isso. Nós fazíamos o carnaval porque gostávamos.³³

Faz-se interessante verificar que, assim como a Porto da Pedra muitas outras agremiações carnavalescas deram seus primeiros passos em campos de futebol e não em desfiles pelas ruas. Exemplos não faltam: “O Independente Futebol Clube era, nos anos 50, um dos principais times de futebol de várzea da Zona Oeste do Rio de Janeiro”³⁴. Dessa equipe sairá a Mocidade Independente de Padre Miguel, escola de samba multacampeã do carnaval carioca. Na Ilha do Governador ocorreu que “assistindo a um desfile na terça-feira gorda de 1953, alguns amigos, que jogavam bola no União Futebol Clube, tiveram a idéia de fundar uma escola de samba que representasse o próprio bairro do Cacuia no carnaval insulano”³⁵, nascia assim a GRES União da Ilha.

Para além do discurso raso de futebol e carnaval como “paixões nacionais”, nota-se também a construção de uma história oficial parecida entre essas instituições. Esse fato, talvez ocorra por existirem trocas, aproximações, observações e espelhamentos das novas agremiações, como no caso da Porto da Pedra, para com as mais consolidadas, como no caso da União da Ilha do Governador e da Mocidade Independente de Padre Miguel, sejam no âmbito histórico (memória) ou mesmo em termos organizacionais. Observa-se aquilo que está dando certo e faz-se parecido.

³² ROUSSO, Henry. *A memória não é mais o que era*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.) *Usos e Abusos da história oral*. 7. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. Cap. 7. P.93-101. P.94.

³³ Entrevista concedida por Pedro Celestino, o Cabrinha em 07/03/2014.

³⁴ MUSSA, Alberto, SIMAS, Luiz Antonio. *Samba de Enredo: história e arte*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2010, PP.149.

³⁵ Idem. PP.146.

Em relação ao número de escola de samba que tem sua origem em blocos carnavalescos, exemplifica-se tal situação com duas das mais vitoriosas instituições do carnaval carioca: GRES Portela e GRES Estação Primeira de Mangueira.³⁶ Outro ponto que é de extrema relevância quando se fala sobre escolas de samba e suas origens é que a maioria esmagadora das agremiações carnavalesca que hoje desfilam na Marquês de Sapucaí³⁷ vieram de pequenas organizações de bairro.³⁸

Entretanto, existem aquelas que preferiram não se transformar em escolas de samba, talvez o exemplo máximo dessa lógica seja o Cacique de Ramos. O bloco criado em Ramos, na Zona Norte do Rio de Janeiro e que foi fundado em 20 de janeiro de 1961, é um dos principais blocos carnavalescos da cidade. Mantendo apresentações semanais, que dialogam com o pagode, samba e o partido alto.³⁹

Muitas similaridades aproximam o Cacique da Porto da Pedra. Na categoria de bloco, ambas são originárias de bairro periférico ao centro do Rio de Janeiro e apenas 13 anos separam as datas de aniversário de ambas as instituições. Assim como o Unidos “o cacique se torna ele mesmo, uma ‘grande família’ – uma enorme e eficaz rede de relações de troca e de ajuda mútua que veio, ano a ano, se concentrando em torno do núcleo inicial que funda o bloco.”⁴⁰ E tal como ocorreu com o bloco de Ramos deve-se destacar o comprometimento dos comerciantes e de moradores do local para o sucesso da empreitada.

Depois de observar as origens de algumas das escolas de samba e blocos carnavalescos espalhados pelo Rio de Janeiro, voltemos a falar sobre a Porto da Pedra, que apesar da afirmativa de Simas (2010) e Mussa (2010) de que a agremiação “se originou, em meados dos anos 70, do Porto da Pedra Futebol Clube, time vermelho e branco de São Gonçalo”⁴¹, se constituiu, segundo relatos⁴², a partir da socialização feita

³⁶ CABRAL, Sérgio. *As Escolas de Samba do Rio de Janeiro*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996.

³⁷ Construído em 1984, o Sambódromo da Marquês de Sapucaí, também conhecido como Sambódromo do Rio de Janeiro e oficialmente denominado como Passarela Professor Darcy Ribeiro, é o palco dos desfiles das escolas de samba do Grupo especial e do grupo de Acesso A, que ocorre anualmente durante o período de carnaval.

³⁸ MUSSA, Alberto, SIMAS, Luiz Antonio. *Samba de Enredo: história e arte*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2010; CABRAL, Sérgio. *As escolas de samba do Rio de Janeiro*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996.

³⁹ PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *Quem Sabe Faz a Hora... E Espera Acontecer*. In *Em Busca do Brasil Contemporâneo*, Rio de Janeiro, Notrya Ed., 1993.

⁴⁰ *Idem*, p.3.

⁴¹ MUSSA, Alberto; SIMAS, Luiz Antonio. *Samba de enredo: história e arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p.162.

por moradores ligados aos clubes de futebol e ao comércio do lugar. Todos amantes do carnaval. Assim, entendemos que as circunstâncias não foram tão simples como descritas pelos autores.



Time do Unidos do Porto da Pedra em inícios da década de 1970.

Ao observarmos a situação com um olhar metuculoso e não apenas ressaltando o que conta a historiografia tradicional da Unidos do Porto da Pedra⁴³, verificamos que nem todos os fundadores do bloco jogavam pelo Unidos do Porto da Pedra. Cabrinha e Antídio jogavam no time do Aranha. Lelego era ponta esquerda do Santos. Seu Jarbas, Seu Raimundo e Nonô nem jogavam bola. Entravam em campo pelo Unidos Lambel, Sérgio de Oliveira, Seu Jorair, Tião Bergara.

O time do Unidos tem uma grande importância para a fundação do bloco, foi dele, por exemplo, que partiu o maior numero de voluntários para a formação do divertimento. Contudo, não se deve delegar a ele a posição de fundador, isso porque

⁴² Tal informação foi retirada de relatos de Seu Jorair Ferreira, Pedro Celestino, Dona Ana Maria e Paulo Chaffin.

⁴³ Verificar a biografia da Porto da Pedra no site da instituição: <http://gresunidosoportodapedra.com.br/a-escola/sample-page/>

havia diferentes equipes e pessoas auxiliando nessa empreitada. O que ligava essas pessoas era o futebol de maneira geral, bem como a sociabilidade pré-existente. Dizer que o time do Unidos foi o principal e talvez único construtor do bloco carnavalesco é simplificar uma construção plural, fruto de uma socialização do bairro.

Entretanto, por conta do maior número de pessoas atuando para a criação do bloco, coube aos participantes dessa equipe decisões importantes, tais como o nome e as cores escolhidas. Segundo Jorair Ferreira:

O time do Unidos já era vermelho e branco. Eu jogava no time do Unidos e fazia parte da diretoria. Até um fato interessante, naquela época que a gente foi escolher as cores prevaleceu o vermelho e branco, porque o seu Aroldo Moreira era americano, América roxo. E pendeu o seguinte, os flamenguistas votaram pelo América porque tinha uma turma tricolor, quase que as cores foram as cores do fluminense, que é verde, vermelho e branco, mas prevaleceu às cores vermelho e branco, que era um desejo do seu Aroldo e foi mantido vermelho e branco para o bloco.⁴⁴



Foto doada por Seu Jorair Ferreira, tirada no ano de 1973, e que mostra do time do Unidos do Porto da Pedra Social Clube.

⁴⁴ Entrevista concedida por Seu Jorair Ferreira em 14/09/2014.

No ano de 1973 o bloco começou a desfilar pelas ruas do bairro, e mesmo sem muita organização foi chamado pela Prefeitura de São Gonçalo para se apresentar no festejo oficial da cidade. Ainda sobre esse convite, é válido mencionar que as eleições municipais ocorreriam no final de janeiro daquele mesmo ano⁴⁵.

Embora houvesse questões políticas envolvidas, o convite foi aceito com empolgação, mas existiam dois grandes problemas que deveriam ser solucionados. O primeiro tinha a ver com a parte operacional, pois segundo as regras da Associação Gonçalense de Escolas de Samba e Blocos Carnavalescos – AGESBC - o número mínimo de integrantes que os blocos deveriam ter era 150 pessoas. Esse, que pareceu ser um grande obstáculo durante as primeiras reuniões, passou a ser motivo de orgulho da direção do bloco, pois conta-se que “todos queriam participar dessa festa.”⁴⁶

O segundo problema era o capital, ou a falta de, pois, embora houvesse o auxílio de alguns comerciantes e moradores do bairro, a quantia estipulada para montar o desfile era demasiadamente grande para os bolsos dos foliões.

A antropóloga Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti nos conta que:

A produção de uma festa é tarefa complexa e custosa. Há papéis e atribuições definidos e fundamentais, na organização e no plano artístico. Esses papéis correspondem a posições sociais e requerem talentos, vocações e habilidades específicas. Durante a preparação, o círculo das pessoas envolvidas gradativamente se amplia, ganhando contornos próprios e variados.⁴⁷

Vestir um bloco inteiro, comprar e manter peças para a bateria, contratar determinados serviços como o de segurança, entre outras despesas exigidas pela AGESBC, era muito custoso e, nesse período, tanto os colaboradores quanto os diretores do bloco não tinham dinheiro suficiente para tal empreitada. No entanto, buscaram soluções. Primeiro, foram até a Prefeitura para conseguir um aumento na subvenção que, à época já era dada para o carnaval do bairro, “mas não conseguiram muita coisa”⁴⁸. Depois passaram livros de ouro - confeccionados na gráfica onde Cabrinha trabalhava - entre os moradores a fim de conseguir mais dinheiro. Essa foi uma das principais maneiras de arrecadar fundos nos tempos do bloco.

⁴⁵ BRAGA, Maria Nelma Carvalho. *O município de São Gonçalo e sua história*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Falcão, 1998

⁴⁶ Entrevista de Seu Jorair Ferreira no dia 14/09/2014.

⁴⁷ CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Superproduções Populares*. In: “Um Olhar sobre a cultura brasileira”. Rio de Janeiro, FUNARTE/ Ministério da Cultura, 1998. P.4.

⁴⁸ Entrevista concedida por Jorair Ferreira em 12/04/2015.

Nessa época eu trabalhava no Rio em uma editora (...) na avenida maracanã. Aí o falecido Lambel comentou que umas pessoas vieram convidar o bloco para desfilar na prefeitura, e que só poderia dar a resposta no dia seguinte. Eles me aguardaram a noite em frente ao botequim do Nivaldo e quando eu cheguei do serviço me contaram a história, aí eu falei para eles que podia dar a resposta para o pessoal da Prefeitura que nós íamos conseguir colocar o bloco na rua. E tinha que ser na época cinco e cinquenta pessoas. Aí o falecido Lambel me indagou: Cabrinha, o que fazer? Eu disse: Eu vou dar um jeito, amanhã quando eu vier vou vir com um livro de ouro. Voltei para editora no dia seguinte e falei com meu patrão da possibilidade de ele me fazer um livro de ouro (...). Ele ligou para a gráfica onde confeccionava os livros. Aí a gráfica confeccionou um livro de ouro, sem pauta. Na época, eu me lembro, eu que trouxe e era até um livro bem grande. A capa dele era vermelha.⁴⁹

Segundo Cabrinha “a primeira pessoa a assinar esse livro de ouro foi o Seu Raimundo, o dono da padaria”, que teria dado “uma quantia de cinco mil cruzeiros”, na época. “Cinco contos. Aliás, cinco mil reais na época era dinheiro”.⁵⁰ O próprio Cabrinha passava pelas ruas do bairro nos dias de folga e depois do trabalho conversando e convencendo as pessoas a doar certa quantia para que o bloco pudesse sair. Nessas idas e vindas foi ao escritório de advocacia de Geraldo Ornellas, próximo ao cemitério de São Gonçalo, onde também conseguiu uma boa quantia. Foi também ao cartório de Egidio Justes, morador do bairro. Até na casa do palhaço Carequinha, Cabrinha foi bater, mas para infelicidade do mesmo, Carequinha não estava em casa. Tayrone, filho do palhaço doou dinheiro para a causa.⁵¹ Contudo, essas doações não alcançaram o valor desejado, e foi somente em um momento de perda, que o bloco conseguiu finalizar o processo de ajuntamento do capital.

Ainda no ano de 1973, veio a falecer uma participante do bloco, esposa de Seu Djalma⁵². O viúvo, que trabalhava na Camélia das Flores⁵³, recebeu a visita e as condolências de um dos seus chefes: Sergio Moreira. Conta-se que um laço de amizade foi construído entre Cabrinha, Lambel e o Sérgio Barros Moreira naquele dia.

Durante o funeral Cabrinha e Lambel tiveram a idéia de pedir algum tipo de patrocínio para o Sérgio, uma vez que o mesmo havia lhes confidenciado que “gostaria de abrir uma floricultura em frente ao cemitério de São Gonçalo”⁵⁴. Vale ressaltar, que o tal cemitério fica localizado no bairro do Camarão, circunvizinhança do Porto da Pedra e onde muitos dos participantes do bloco moravam. Segundo o pensamento

⁴⁹ Entrevista de Pedro Celestino, o Cabrinha em 07/03/2014

⁵⁰ Idem.

⁵¹ Idem.

⁵² Infelizmente o nome dessa senhora que faleceu em 1973 não é lembrado pelos entrevistados.

⁵³ Camélia das Flores é uma loja localizada em vários municípios do Rio de Janeiro, que comercializa arranjos e flores.

⁵⁴ Entrevista de Pedro Celestino, o Cabrinha em 07/03/2014

haveria uma troca justa, o Sérgio investiria no recém construído bloco e o bloco faria a propaganda dessa nova floricultura. A proposta foi feita ainda no velório e foi prontamente aceita pelo senhor Sérgio Barros Moreira.

Na data marcada partiram para o Rio de Janeiro Cabrinha, Lambel e Nonô. Lá receberam quantia suficiente para comprar grande parte das peças para a montagem da bateria do bloco. Para Cabrinha “esse dinheiro (...) que o Sergio da Camélia conseguiu para a gente veio em um bom momento e daí, demos seguimento ao bloco.”⁵⁵

Com a notícia de que os organizadores do bloco conseguiram o dinheiro desejado houve entusiasmo pelas ruas do Porto da Pedra. Dona Aguida, famosa cozinheira do bairro, fazia sopas e caldos em frente a sua casa em dias ensaio do bloco, do dinheiro recebido só cobrava a parcela referente à compra dos ingredientes, deixando o lucro para a agremiação. Além disso, com a proximidade dos dias de carnaval aumentou-se significativamente as doações.⁵⁶

Ao destacarmos tais recordações, devemos também enfatizar o pensamento de Michael Pollak acerca das *memórias subterrâneas*. Tal pensamento percebe a construção memorial dos excluídos, dos marginalizados, das minorias, em oposição à memória oficial, legitimada pelo Estado. No caso da Porto da Pedra, o pouco que se tem desse momento (1973-1978) são as lembranças desses sujeitos, pois foi somente a partir de 1978 - ano em que o bloco foi oficializado em cartório - que a história oficial da instituição passou a contabilizar as memórias de seus fundadores.

As memórias antes silenciadas ou sem amplitude frente a uma oficial puderam então se expressar sob esse novo enfoque, fazendo emergir no cenário social, uma profusão de memórias que reclamam seu lugar na História. Essas mudanças significaram novos campos de enfrentamentos para a memória, afinal:

Uma vez rompido o tabu, uma vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa da memória, no caso, as reivindicações das diferentes nacionalidades.⁵⁷

Paul Ricoeur entende a memória como um fenômeno de reconhecimento, visto que traz à tona a dimensão do lembrar, e que além da lembrança, a memória também é formada pelo esquecimento e silêncio, sejam eles voluntários ou não. Para o autor nossa capacidade de lembrar está profundamente relacionada à nossa capacidade de esquecer.

⁵⁵ Entrevista de Pedro Celestino, o Cabrinha em 07/03/2014.

⁵⁶ Entrevista de Seu Jorair Ferreira em 12/04/2015

⁵⁷ RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp, 2007. P.70.

O esquecimento, nesse sentido, representa a uma das bases da constituição da memória. Com isso, podemos salientar que a memória é seletiva e se concentra somente sobre alguns fatos. O esquecimento, nesse sentido, pode ser caracterizado em duas ordens: o esquecimento daquilo que parece insignificante e não merece ser lembrado; e o esquecimento de ocultação, uma amnésia voluntária, da qual não se quer ter lembranças, porque ele perturba a imagem que se tem de si.⁵⁸

A Memória, segundo esse entendimento, também é uma resposta às demandas sociais e as reivindicações de identidades, tal como vemos no caso do Bloco Carnavalesco Unidos do Porto da Pedra, que é ponto de referência da memória para muitos dos moradores de São Gonçalo durante as décadas de 1970 e 1980.

Entretanto, para o autor a lembrança também tem o poder de transformar-se, de maneira consciente ou inconscientemente, modificando assim, o passado em função do presente, buscando apresentar este de forma mais confortável possível. Por conta disso, pode-se haver determinados percalços relacionados à entrevista, pois para aqueles que são questionados e convidados a darem seus relatos sobre a história de sua escola de samba desde do início e tem em mente que essa biografia nunca foi pesquisada amplamente, é recorrente uma história pautada nas vitórias e, vê-se mesmo nas dificuldades um momento de triunfo para glorificar.

Dessa forma, a memória se define pela capacidade de recorrer ao simbólico e por sua aptidão para criar mitos, que não são necessariamente visões falsas da realidade, simplesmente é a busca por outra maneira de descrever o real. Geralmente associadas a processos ideológicos e marcos sociais, as manipulações da memória estimulam a construção de narrativas que sustentem as identidades, e toda e qualquer narrativa se sustenta numa seleção de Memória.⁵⁹

Voltando ao debate acerca da construção do bloco, vale ressaltar que alguns desses marcos simbólicos geraram disputas e invenções de tradições⁶⁰ para esse grupo, e esses símbolos são importantes para a institucionalização desses ajuntamentos sociais, pois é através deles que se reúnem e constituem memórias. A bandeira, por exemplo, foi algo bastante debatido e pensado pelos fundadores do bloco, pois além da obrigatoriedade de ter que possuir tal objeto: “*Todas as agremiações DEVEM possuir*

⁵⁸ ⁵⁸ RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp, 2007, p.71.

⁵⁹ RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp, 2007. P.83-84.

⁶⁰ HOBBSBAWM, Eric e RANGER, Terence (eds.). *A Invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

estandarte (bandeira)”⁶¹, presente em: Normas e Regulamentos da AGESBC, parágrafo segundo, página 1, subseção: Do Desfile.

A primeira bandeira foi confeccionada por Dona Luci, esposa de Lelego, no ano de 1974, e tinha as cores vermelho e branco, e diferentemente do símbolo do Tigre⁶², o estandarte carregado pela Porto da Pedra na época eram duas mãos. Segundo informações a idéia era representar a união e amizade.⁶³



Carnaval de 1974, onde a bandeira aparece ao fundo. Imagem cedida por Pedro Celestino.

Tal como a construção histórica de uma nação europeia do século XIX⁶⁴, a história de como se deu a elaboração da bandeira serviu para dignificar a história da

⁶¹Segundo o Regulamento de Carnaval da Associação Gonçalense de Escolas de Sambas e Blocos Carnavalescos, ano de 1978 (livro emprestado a mim pelo Senhor Jorair Ferreira) Segundo as normas da AGESBC parágrafo segundo, página 1, subseção: Do Desfile.

⁶² A partir do ano de 1993, como veremos a mais a frente, o símbolo do GRESU Porto da Pedra passou a ser um tigre.

⁶³ Essa informação está contida na entrevista de Pedro Celestino, do dia 07/03/2014.

⁶⁴ HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence (eds.). *A Invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, pg. 57 – 64.

própria instituição. A constituição desse elemento simbólico demandou, segundo relatos, esforço coletivo e teria sido feito por uma antiga costureira da região. Essa narrativa demonstra que a comunidade estaria presente nesse momento, que pode ser entendido como o nascimento da instituição, em termos simbólicos.

Além disso, o material com que foi feita a bandeira também dialoga com essa mesma visão glorificante, pois o pavilhão teria sido improvisado em trapos e remendos, com materiais já usados e em um tecido que havia sobrado de um pano de mesa, demonstrando dessa forma que este era um bloco carnavalesco sem muitos recursos, mas que não se daria por vencido frente às dificuldades. Todos esses elementos somados corroboram com a idéia da exaltação de tal artefato e por seguinte da própria biografia da Porto da Pedra.

Cabrinha narrou:

A bandeira quem confeccionou foi à falecida esposa do Lelego, Luci. Eu lembro que nós não tínhamos mais dinheiro para nada, e na verdade a cola para fazer o desenho da mão e o nome tinha que ser cola de isopor, porque depois que ela seca para se soltar é complicado, é difícil, e nós não tínhamos mais dinheiro para comprar nada, tivemos que comprar aquela cola branca, e na época do desfile em 74 o tempo tava meio chuvoso, aquela chuvazinha meio garoa, fininha, e nós estávamos torcendo para não chover porque se chovesse aquela cola branca ia soltar a purpurina. Ai era quase cinco e pouca da tarde, e a Luci acabou de confeccionar a bandeira e foram buscar a bandeira. Nos juntamos na casa da Dona Aguida, numa mesa grande, a galera toda em volta para me ver desenhar a mão, ai eu desenhei a mão com uma caneta, ai fiz o nome Bloco Carnavalesco Unidos do Porto da Pedra, passei a cola por cima do desenho a caneta, joguei o bocal de prata e esperei mais ou menos uns cinco minutos, ai quando secou, balançamos ai todo mundo vibrou. Aí partimos. Na época tiramos em segundo lugar em 74.⁶⁵

Outro debate relacionado ao tema bandeira diz respeito ao que é apresentado pela mesma e o que ele representaria, pois para ser um símbolo de uma comunidade a insígnia da agremiação deveria, obrigatoriamente, dialogar com fatores ligados a essa mesma sociedade. O símbolo do Bloco Carnavalesco Unidos do Porto da Pedra – duas mãos que se apertam – buscava representar a amizade e a união do bloco, o que já corroboraria com o próprio nome da instituição (Unidos). Além disso, segundo Cabrinha: “A mão, quer dizer, quando você dá a mão a um amigo é amizade, união. Então surgiu a mão.”⁶⁶

Contudo, dentro do carnaval, não são poucas as agremiações que possuem esse símbolo – as mãos dadas e se apertando. Escola de Samba como GRES Unidos do Viradouro, GRES Unidos de Padre Miguel e GRES União do Parque Curicica ainda

⁶⁵ Entrevista de Pedro Celestino, o Cabrinha em 07/03/2014.

⁶⁶ Idem.

hoje utilizam essa alegoria em seus estandartes. Pensa-se que, por convenção ou por princípio de analogia formal ou de outra natureza, o símbolo indicado sugere adesão da agremiação, seus componentes e comunidade.

Sobre o desfile, sabe-se que depois de um ano se apresentando pelas ruas do bairro do Porto da Pedra, o bloco do Unidos partiu no ano de 1974 para o centro da cidade. Nessa primeira exposição longe das ruas do lugar de origem, a indumentária escolhida para as mulheres era um bolero vermelho com bolinhas brancas, uma fita na cabeça e short branco, já os homens vestiam bermuda branca com a camiseta vermelha, a bateria vinha de chapéu de palha e tamanco.⁶⁷

O samba do ano de 1974 foi cantado em entrevista por Seu Jorair⁶⁸:

Todo mundo dizia / Ele dizia / Que o Unidos não saia. / Que não saia. / É conversa fiada. / É bafo de boca. / E deixa quem quiser falar. / Deixa quem quiser falar. / Vamos botar para quebrar. / Quando amanhecer o dia. / O Unidos vai descer / Cantando a sua melodia.

Para o segundo ano de desfiles do Bloco Carnavalesco Unidos do Porto da Pedra no centro da cidade de São Gonçalo os foliões vestiram-se de bermuda branca com a franja vermelha ao redor do joelho, um colete vermelho e um chapéu de palha copa alto pintado de vermelho.⁶⁹ Em 1975 a música do bloco foi composta por Sirley⁷⁰, que havia ganhado a concorrência dos demais compositores do bairro e escreveu:

Ele é o quente do lugar. / Deixa a moçada agitada. / Castiga com esse samba que está um chuí / Tá ou não tá? / Chuá Chuá / É o vermelho e branco / E ninguém vai nos segurar. / Tá, não tá.

Já nessa época o bloco passou a ter cada vez mais dificuldades de conseguir o dinheiro para as suas atividades. Com o afastamento de alguns seus principais organizadores, o bloco começou a se desfazer. Lelego, por exemplo, arrumara outro emprego, Cabrinha havia se mudado, importantes dirigentes e foliões tinham se mudado do bairro. Jorge Lambel havia saído do bairro por conta de uma briga que arrumara com outro morador. Soma-se a isso a uma obra que havia destruído o terreno baldio onde o bloco realizava os seus ensaios. Para Cabrinha:

⁶⁷ Entrevista de Pedro Celestino, o Cabrinha em 07/03/2014.

⁶⁸ Entrevista de Seu Jorair Ferreira em 14/09/2014.

⁶⁹ Entrevista Paulinho Chaffin em 20/08/2012.

⁷⁰ Jorair Ferreira em entrevista me confidenciou que não lembrava o sobrenome do compositor do samba de 1975.

Era muito difícil. As mesmas pessoas que a gente ia pedir dinheiro já não davam novamente. Você sabe que o carnaval você tem que ter doações, tem que ter doações. Se não tiver ninguém para sustentar... E a gente não tinha dinheiro, eu não época desempregado, Lambel desempregado, vários deles desempregados, o único que tinha emprego fixo era Lelego, ele trabalhava em colégio.⁷¹

Entre os anos de 1975 e 1978 a agremiação passou a se apresentar somente pelas ruas do lugar. Por esses tempos, houve tentativas infrutíferas de restabelecer de maneira plena os desfiles da Porto da Pedra por São Gonçalo, entretanto - como dito anteriormente - a falta de capital e apoio foi preponderante para que esses desejos não saíssem, por hora, da cabeça de seus idealizadores.

Contudo, a manutenção das apresentações periódicas pelo bairro, que por si só já é um demonstrativo da importância do bloco para a comunidade que a cerca, será o diferencial para que a Porto da Pedra possa retornar inteiramente anos mais a frente. Além disso, o crescimento do carnaval gonçalense entre fins dos anos 1970 e início da década de 1980 terá grande importância para o não esgotamento da agremiação. Afinal de contas, tempos de carnaval pedem um bloco. Todos esses fatores serão discutidos no próximo item.

⁷¹ Entrevista de Pedro Celestino, o Cabrinha em 07/03/2014.

1.2. A Porto da Pedra e o Carnaval Gonçalense.

O município de São Gonçalo - localizado na região metropolitana do estado do Rio de Janeiro - possui uma tradição relacionada a desfiles, procissões e paradas militares. Em todo aniversário da cidade, alguns colégios (foto) desfilam indo desde a Praça Esthephânia de Carvalho, popularmente chamada de pracinha do Zé Garoto, até a Prefeitura.



Desfile do Colégio Castelo Branco em 1970⁷²

Em dias sacros é comum ver procissões pela cidade partindo de determinada igreja católica e chegando a outra. Para a antropóloga Maria Laura Viveiros Cavalcanti existe um dialogo entre as festas religiosas e as festas profanas, como o carnaval. Os métodos utilizados muitas vezes se repetem, o que faz a autora pensar em um ligação entre essas duas estruturas. O emparelhamento em fila que existe nas procissões, também existe em um bloco, por exemplo.⁷³

Além de estudantes, foliões ligados a blocos carnavalescos e escolas de samba também desfilam pelo município utilizando a Rua Feliciano Sodré como principal via para suas apresentações. Seu Jorair Ferreira nos relata a quantidade desses grupos:

⁷² Visto no site: <http://extra.globo.com/noticias/educacao/colégio-de-sao-goncalo-encerra-exposicao-de-fotos-401642.html> (29/06/2016 as 15:19)

⁷³ CAVALCANTI, Maria Laura. *Os estudos de folclore no Brasil*. In: Seminário folclore e cultura popular. PP.95-101. Rio de Janeiro, IBAC, 1992.

Aqui em São Gonçalo, já naquela época tinha muito bloco, sabe? O pessoal gostava de brincar o carnaval. Tinha o Bloco das piranhas no Mauá, que não desfilava, mas era bloco. Tinha o Cruzamento do Amor do Boassú, tinha o Bloco das Margaridas, tinha o pessoal do Marimbondo, tinha a Banda Gonça, mas eu não sei se é dessa época que você ta me perguntando. Ah o Amigos do Zé, ali no Zé Garoto. Tinha uma porção. E tinha a gente, que só desfilava no Porto da Pedra.⁷⁴

Embora essa movimentação cultural acontecesse com frequência na cidade, o Porto da Pedra estava, nesse momento, sem grandes atividades relacionadas ao carnaval, pois da mesma maneira meteórica teve seu início, o bloco carnavalesco Unidos do Porto da Pedra também se estagnou, mantendo apenas algumas apresentações na localidade. Foram razões organizacionais e, principalmente econômicas que levaram a agremiação a esse caminho. Certo mesmo é que, o movimento se tornou símbolo das atividades culturais do lugar.

E mesmo não tendo caráter oficial e nem desfilando por muito tempo, o Bloco Carnavalesco Unidos do Porto da Pedra ainda se mantinha vivo dentro do bairro, seja no pensamento dos foliões ou em atividades acanhadas em festas e batuques feitos pelas ruas do Porto da Pedra, em especial próximo do largo da ATN.

Entender a importância do debate acerca da cultura e de que maneira essa estrutura auxilia na construção social do ser é um dos debates traçados por Peter Burke, no seu livro *O que é história cultural?*⁷⁵ Onde além de afirmar o progresso da história cultural, o autor também dialoga sobre o termo, que pode ser entendido, genericamente, como um conjunto de práticas e atividades de um determinado grupo social.

De maneira mais ampla, as tradições da cultura popular e as interpretações culturais da experiência histórica e humana acabaram por se tornar objeto da história, que buscou em outras disciplinas como geografia, antropologia e sociologia métodos para alcançar esses elementos. A história cultural se ocupou com a análise e representações de culturas em dado período e lugar. Seus objetos de estudos são as relações familiares, a língua, as tradições, a religião, arte, entre outras. Sendo assim, afirma-se que a história cultural é fruto das relações interdisciplinares, visto que abarca varias fontes científicas de estudos.

Perceber como ocorrem essas relações sociais é base para o entendimento de que a agremiação Porto da Pedra alterou a vida social dos moradores. Pois para esse

⁷⁴ Entrevista de Seu Jorair Ferreira em 14/09/2014.

⁷⁵ Burke Peter, *O que é História Cultural?* Trad. Sergio Goes de Paula 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008.

grupo de pessoas as atividades ligadas ao carnaval passaram a ter nova relevância. Obviamente que os festejos anteriores a quaresma não pararam no lugar, mas o bloco, que atraía a atenção das pessoas que lá viviam, diminuiu consideravelmente suas atividades. Disserta-se isso, pois a Instituição Carnavalesca Porto da Pedra ensinou e foi “ensinada” pelos indivíduos que lá residiam e/ou iam até o bairro para se divertir e ajudar a construir qualquer que seja a atividade ligada ao bloco.

As festas promovidas no bairro prosseguiram, porém agora sem as fantasias e o desfile do Unidos. Novos blocos foram sendo feitos, como por exemplo, o Em Cima da Hora, da Brasilândia (bairro vizinho), Unidos do Marimbondo e outros foram se mantendo, como o Cruzamento da Alegria (Boassu) ⁷⁶. E mesmo o Unidos do Porto da Pedra – como já fora dito - mantinha alguma atividade e mesmo não organizado enquanto bloco de arrastão fazia tímidas apresentações: “o pessoal da bateria do bloco, treinava a bateria as quartas e sextas, e no carnaval ensaiava nos dias tradicionais.” ⁷⁷

Segundo Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti:

Geralmente, o ponto de partida é um núcleo restrito de pessoas, grupos de parentesco, amizade ou vizinhança, ligados muitas vezes a clubes sociais, a escolas, à sede de uma Paróquia, a uma Diocese, a um terreiro de Candomblé, a uma Irmandade de devoção religiosa, a uma Prefeitura. Por vezes, a sociabilidade popular produz a sua própria forma organizacional, como no caso clássico dos Grêmios Recreativos das Escolas de Samba cariocas que se espalhou para diferentes cidades do país: São Paulo, Porto Alegre, São João del Rei e tantas outras. O interesse mútuo de diversos grupos do mesmo tipo tende a criar movimentos associativos – há no Brasil diversas associações de Folias de Reis, de Quadrilhas, de Repentistas, de Violeiros, de Congadas, entre outras. ⁷⁸

Sabe-se, contudo, que no ano de 1978, um senhor por nome de José Paulo de Oliveira Chaffin mudou-se para o bairro e lá abriu um bar. Esse estabelecimento ficava localizado na Rua Vinte Dois de Setembro, no centro do Porto da Pedra, próximo ao largo do ATN. Também se tem ciência de que entre os anos de 1973 e 1974, Paulinho, que era morador do bairro vizinho e gostava de carnaval, desfilou no Unidos do Porto da Pedra. A vinda desse sujeito para o bairro e a abertura do bar serão fatores preponderantes para a reestruturação do bloco.

A localização central do bar no Porto da Pedra tem sua importância para o regresso da instituição, pois como o bairro é extenso ter um ponto de encontro no centro

⁷⁶ Entrevista com Paulinho Chaffin em 20/08/2012.

⁷⁷ Entrevista de Seu Jorair Ferreira em 14/09/2014.

⁷⁸ CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Superproduções Populares*. In: “Um Olhar sobre a cultura brasileira”. Rio de Janeiro, FUNARTE/ Ministério da Cultura, 1998. P.4.

da vizinhança é de grande estima para a manutenção das atividades ligadas aos ensaios, por exemplo. Ademais, um dos principais problemas para a pausa do bloco em 1974 - a falta de um espaço para ensaio e para guardar as coisas - estava sanado, pois em cima do bar havia um terraço, que serviria como depósito da bateria e fantasias. Outro ponto positivo na posição do comércio é que ao lado do bar havia um terreno baldio, onde o bloco poderia voltar a ensaiar.

Não se pode, entretanto, retirar as esferas econômicas e políticas desse debate, isso porque algumas das figuras que ajudaram a refazer o bloco determinados interesses para com o lugar.⁷⁹ Vale lembrar que o bairro do Porto da Pedra é populoso e, nesse momento carente de um líder político. Outro fator que deve ser levado em consideração é o afastamento dos sujeitos que haviam pensado o bloco anteriormente como Jorge Lambel, Lelego, Cabrinha. Estes estavam distantes por motivos financeiros e/ou pessoais. Por conta disso, ficou a cargo desse novo grupo - alguns já estavam desfilando ou mesmo com posições relevantes no bloco em seus primeiros anos - colocar a mão na massa.

Entretanto, há uma disputa acerca de quem são esses fundadores. Essa querela se deu a partir do momento em que existem dois momentos de “criação” do bloco: um em 1973 e outro em 1978. Assim, pergunta-se: quem foram os membros fundadores e em que ano a escola foi criada? A escola de samba, hoje, mantém-se neutra, comentando em seu site oficial sobre todos os momentos, mas dando atenção especial para o ano de 1978, elegendo-o como o nascimento da agremiação e comemorando anualmente essa data como aniversário da instituição. Para nós pouco importa esse debate relacionado ao ano em si ou mesmo quem foram os construtores desse bloco, o mais relevante para um cientista social são as relações sociais que se construíram a partir da construção dessa agremiação carnavalesca.

O discurso de fundação de que foi em 1978 o ano da fundação da agremiação foi mencionado por Paulinho Chaffin na entrevistas que realizamos. Esse fato não causa estranheza, pois se observarmos com cuidado verificaremos que Paulinho é um dos maiores interessados em dizer que foi a partir de sua chegada ao bairro que o bloco teve seu início ou pelo menos o seu crescimento. Já em sua primeira frase diz: “Ninguém

⁷⁹ Pode-se citar os nomes de Agenor de Queiroz, José Carlos Rodrigues, Jorair Ferreira, Nilton Bispo, Aroldo Moreira, Jorge Brum e o próprio Paulo Chaffin

tem como contar nada da Porto da pedra, porque ninguém viveu o início da Porto da pedra”⁸⁰. Seguindo o pensamento:

Porque nós registramos o bloco no dia 8 de março de 1978 e participamos do primeiro carnaval oficial no município em 79. Tanto é que a data de aniversário da escola é oito de março, até tem umas camisas “andando” por aí, que eles fizeram a partir do ano retrasado, umas camisas vermelha e branco escrito “78”, aquilo representa o ano de fundação do bloco, oficialmente, porque nós tivemos que ir à imprensa oficial, preencher um gabarito, aguardar através daquele gabarito uma publicação no diário oficial do estado, dando condições e nomeando a agremiação como oficial no carnaval.⁸¹

Paulinho se apega ao discurso da oficialidade para se colocar enquanto membro fundador, contudo para se alocar nesse patamar, acaba por negar o passado de bloco sem oficialidade feito por Cabrinha, Lelego, Sirley e outros. Continua dizendo:

Tinha esse bloco de arrastão que parou, o pessoal do seu Raimundo e ensaiavam no terreno de Cesar. Mas se é que ela (a Porto da Pedra) era do time do time de futebol não era oficial, ela não era oficial porque o bloco não era registrado. O bloco passou a ser registrado de 78 para 79, onde eu pego o documento e posso te mostrar que a sede provisória era ali no meu bar Rua Abílio Jose de matos, 1254. daquelas pessoas que participavam do futebol na época, algumas delas até participaram do início aqui comigo fazendo parte da diretoria da escola. Agora, eu não vinculo. Sempre falo isso, sempre questiono.⁸²

Paulo Chaffin resume:

A questão toda é a seguinte, em 72 para 73 se iniciou, só que ela não era documentada, então se ela não era documentada... Ela é igual a um ser humano, se você nascer e seus pais não forem no cartório registrar o seu nascimento, você não existe. Não é verdade? Você só vai passar a existir a partir do momento que forem no cartório e registrarem “fulano nasceu”, né? Para isso a data de aniversário e fundação é oito de março de 1978, o time do unidos nem tinha mais. E não tinha vínculo nenhum com o bloco carnavalesco que se iniciou em 78.⁸³

Porém, ao analisarmos o processo de criação de uma instituição, necessita-se criticar todos os documentos que comprovem a “veracidade” do discurso. Deve-se atentar aos registros feitos em atas, documentos autenticados em cartórios, as falas, as vivências relatadas, as fotos e os vídeos. Para a historiadora Angela de Castro Gomes tanto arquivos pessoais, quanto fontes orais em nada se diferem dos documentos escritos:

De forma alguma para ser desconsiderada, mas exatamente para ser refletida e problematizada, sendo associada a outros tipos de documentação e sofrendo o crivo de um rigoroso tratamento teórico-metodológico. Nisso os documentos pessoais em nada diferem de todos os demais documentos

⁸⁰ Entrevista concedida por Paulo Chaffin em 22/05/2012.

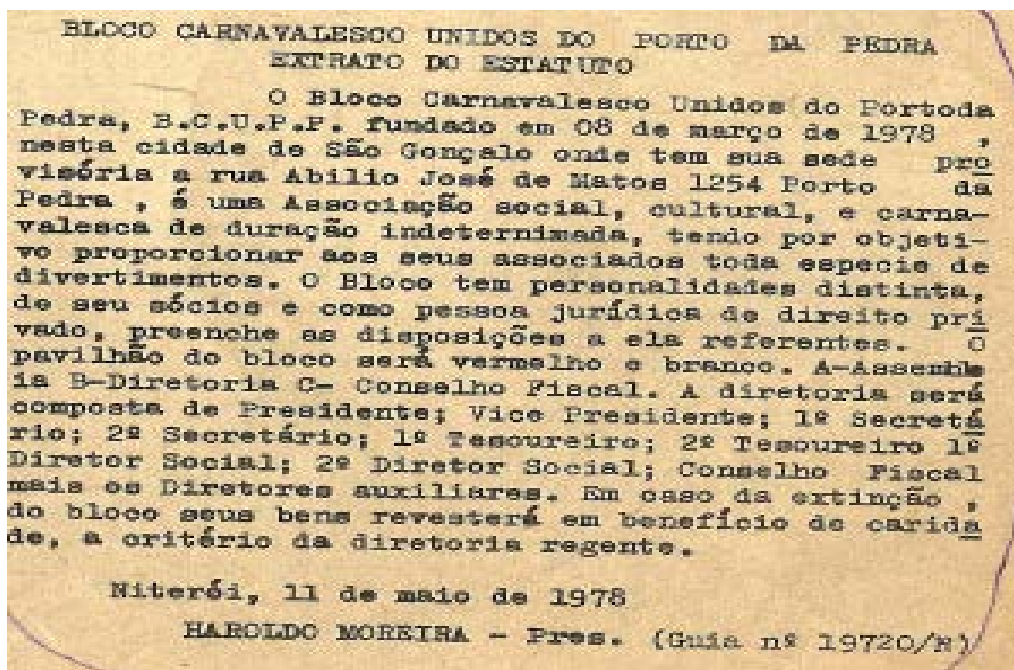
⁸¹ Entrevista concedida por Paulo Chaffin em 22/05/2012.

⁸² Entrevista concedida por Paulo Chaffin em 22/05/2012.

⁸³ Idem.

históricos. Dito de outra forma, o feitiço pode estar em toda parte, havendo apenas alguns lugares mais perigosos que outros.⁸⁴

Contudo, mesmo havendo uma disputa entre grupos acerca da origem da Porto da Pedra, certo mesmo é que a partir de 1978 o Bloco Carnavalesco do Unidos do Porto da Pedra, com alguns poucos membros da antiga diretoria e também novos membros, começou a se restabelecer, ensaiando periodicamente pelas ruas do bairro e se preparando para disputar o carnaval da cidade de São Gonçalo. Para tal feito, foram necessárias algumas modificações no caráter da agremiação, que passou a ser oficializada em cartório e a possuir firma reconhecida



Oficialização do Bloco em Diário Oficial.

Sendo assim, foi conclamada em oito de março de 1978 a fundação do Bloco Carnavalesco Unidos do Porto da Pedra, onde foram empossados como diretores os senhores: Agenor de Queiroz, José Carlos Rodrigues, Jorair Ferreira, Paulo Chaffin, Nilton Bispo, Aroldo Moreira, Jorge Brum, entre outros.

⁸⁴ GOMES, Ângela de Castro. *Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados*. In: *As leituras possíveis dos documentos pessoais* do Seminário Internacional sobre Arquivos Pessoais, Rio/São Paulo, CPDOC/FGV-IEB/USP, 1997, PP. 126.

Com o retorno do bloco e de suas atividades, a vida cultural do lugar passou também por uma reformulação, afinal de contas, existia um bloco ensaiando no bairro e esse fato já faz gerar renda, segurança, divertimento, entre outras estruturas para uma boa parte dos moradores. Mudanças na armação do ensaio do bloco também podem ser relatadas. Se antes o bloco ensaiava (parado) em bares e esquinas e se apresentava em festas e botequins da região, agora ele passou a desfilar (andando) pelas ruas do bairro, muito em função da disputa que se daria no ano seguinte. Havia também uma nova quadra na Rua Duarte Coutinho, número 17-A, que, segundo seu Jorair, era extremamente improvisada, mas que mesmo assim “não tirava a animação das pessoas envolvidas”⁸⁵:

Se chovia não tinha ensaio. Um palanque de madeira que nós improvisamos corneta. Aquelas cornetas antigas que a gente cantava. Eu mesmo cantava. A bateria comia e eu cantava. Corneta, corneta. A gente montava as cornetas na rua, porque não tinha esse monte de som. Antigamente era corneta na rua.⁸⁶

Depois de muitos ensaios e mobilizações das mais variadas conjecturas, a Porto da Pedra voltou, no ano de 1979 a desfilar pelas ruas do centro do município. Com um enredo que homenageava a Festa Junina - tema tão tradicional para os moradores do local - a agremiação obteve segunda colocação na disputa. A primeira posição ficou com o Cruzamento do Amor, antigo bloco de enredo de São Gonçalo e grande rival da Porto da Pedra nesses tempos. E com isso subiu da série B do carnaval de blocos de enredo do município de São Gonçalo para a Série A, uma vez que eram promovidos o primeiro e o segundo lugar.

Para nós, esse carnaval tem grande relevância, pois através dele podemos verificar mais de perto esses sujeitos e analisar suas práticas, notando, por exemplo, a importância da agremiação para os moradores do bairro, durante a década de 1970 e 1980, naquilo que tange as estruturas culturais e/ou econômicas. Um exemplo desse apelo que o bloco tinha para com o lugar se dá no fato de que, nesse primeiro momento de disputa, houve foliões que não puderam desfilar, pois o número máximo de participantes já havia estourado.⁸⁷

“Mundo Infantil” foi o enredo que trouxe o primeiro título para a Porto da Pedra. Entretanto, a vitória no carnaval de 1980 foi muito maior do que o simbolismo de levantar o troféu de campeã. Com esse título a instituição poderia, através de uma norma no estatuto da Associação Gonçalense de Escolas de Samba e Blocos

⁸⁵ Entrevista de Seu Jorair Ferreira em 14/09/2014.

⁸⁶ Idem.

⁸⁷ Idem.

Carnavalescos, deixar de ser um bloco carnavalesco e se tornar uma escola de Samba. Neste ano a quadra havia sido transferida para a Rua 22 de setembro.

Porque o próprio estatuto da associação das escolas de samba de São Gonçalo tinha uma cláusula que dizia que os blocos que obtivessem a primeira e a segunda colocação automaticamente passariam a ser escola de samba. Ai deixou de ser Bloco Carnavalesco Unidos do Porto da Pedra para ser Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos do Porto da Pedra.⁸⁸

Por conta disso, no dia 23 de janeiro de 1981, os organizadores da agora Escola de Samba Unidos do Porto da Pedra Jorair Ferreira, Paulo Chaffin, Aroldo Moreira, Franklin Barros, Nilton Bispo, Jorge Brum, Amilton Vieira, Adilson Pinto, Agenor de Queiroz Filho, Jarbas Ferreira e Jair Vieira de Souza foram empossados enquanto a primeira diretoria da Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos do Porto da Pedra, sendo a firmas de Nilton Belarmino Bispo e Jorair Ferreira reconhecidas pelo cartório Cunha Mota.

⁸⁸Entrevista com Paulinho Chaffin no dia 20/08/2012.

CARTÓRIO DO 1.º OFÍCIO

UNHA MOY

ACYR VIEIRA DUARTE
Escritor



ACYR VIEIRA DUARTE, Serventário Interino do Primeiro Ofício de Justiça desta Cidade e Comarca de São Gonçalo, Estado do Rio de Janeiro, Escrivão de Civil, de Orfãos e Ausentes, Oficial do Registro Especial de Títulos e Documentos, por nomeação na forma da lei, etc.

CERTIFICA, que revendo em seu poder e cartório o livro A- nº 10 do Registro de Sociedades Cíveis, sob o nº de -

Asssembleia extraordinária do Bloco Carnavalesco Unido do Porto da Pedra (atual GRÊMIO RECREATIVO ESCOLA DE SAMBA UNIDOS DO PORTO DA PEDRA). As 21:00 (vinte e uma horas) do dia 18 de janeiro de 1981 (mil novecentos e oitenta e um, reuniram-se os sócios do Bloco Carnavalesco Unido do Porto da Pedra, em sua sede provisória, à Rua Duarte Coutinho nº 17-A nesta cidade, para tratar da seguinte ordem do dia: a) o bloco passa para a categoria de escola, b) eleição e posse de diretoria. a) Sendo o Bloco Carnavalesco Unidos do Porto da Pedra se classificado em 1.º (primeiro) lugar no desfile carnavalesco de São Gonçalo de bloco de 1.º grupo, e de acordo com os estatutos da Associação Gonçalense de Escolas de Samba e Blocos Carnavalescos, no artigo 7.º parágrafo primeiro, o bloco carnavalesco Unidos do Porto da Pedra passou a categoria de Escola de Samba, com o nome de GRÊMIO RECREATIVO ESCOLA DE SAMBA UNIDOS DO PORTO DA PEDRA, ficando em vigor os estatutos do Bloco Carnavalesco Unidos do Porto da Pedra para o Grêmio Recreativo E.S.U.P. Pedra. b) Foi eleita a diretoria do Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos do Porto da Pedra, com as seguintes cargas. Presidente: Jorair Ferreira, Vice Presidente: Jose Paulo de Oliveira Chaffin, 1.º Secretário Milton Belarmino Bispo, 2.º Secre

Documento que possibilitou a mudança de Bloco Carnavalesco para Escola de Samba (parte 1).

Lírio, Adilson Finto Moura. 1º Tesoureiro Antônio Vieira de Souza. 1º Diretor Social: Agenor, digo, Social Jorge Brum de Souza. 2º Diretor Social: Agenor Queiroz Filho, conselho Fiscal. Jarbas Ferreira, Jair Vieira de Souza e Aroldo Moreira, sendo imediatamente empossados em, digo, imediatamente empossados em seus cargos. E não havendo mais nada a tratar, foi encerrada a reunião às 23:00 (vinte e três horas). A presente ata foi assinada pelo presidente do Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos do Porto da Pedra. São Gonçalo, 18 de janeiro de 1981. Reconheço as firmas de Nilton Berlamino Bispo e Jorair Ferreira, São Gonçalo, 23 de janeiro de 1981. Em test^o (sinal Público) Da Verdade (a) Acyr Vieira Duarte. E feito o registro foi entregue ao apresentante na mesma data e devidamente anotado.. Eu, (a) Acyr Vieira Duarte- Oficial, escrevi e subscrevo. E R A o que se continha em o livro e folhas antes descrito que atendendo a pedido verbal de parte interessada, fiz passar por certidão. Nesta cidade e Comarca de São Gonçalo, Estado do Rio de Janeiro, aos 23 dias do mês de janeiro do ano de mil novecentos e oitenta e um.

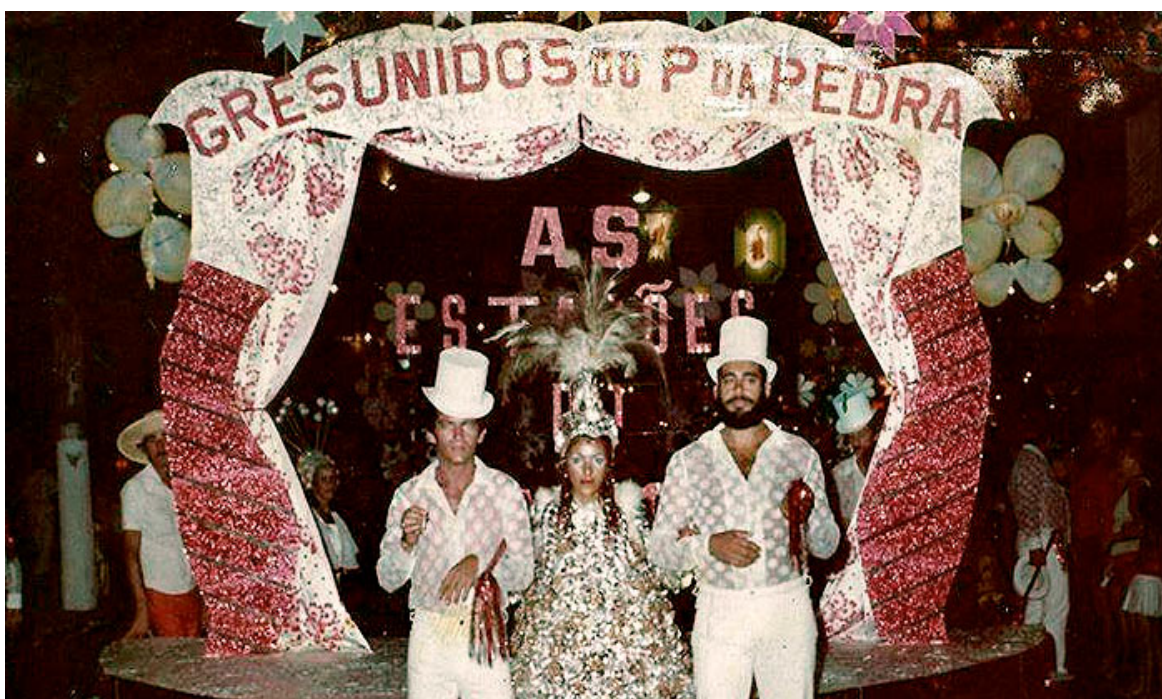
São Gonçalo, 23 de janeiro de 1981

ACYR VIEIRA DUARTE- TABELIÃO

CARTÓRIO DO 1º OFICIAL
 CENVA MOTA
 RUA ITAPERIÁ, 100 - JARDIM BOTANICA - LOJA 1
 24040-000 - SÃO GONÇALO RJ
 ACYR VIEIRA DUARTE - Tabelião
 Matrícula 100000
 Adelaes Feres Feres - Secretário
 Matrícula 100000
 Marcondes da Oliveira e Silva
 Matrícula 080224
 Rosalinda Nunes
 Matrícula 080225

Documento que possibilitou a mudança de Bloco Carnavalesco para Escola de Samba (parte 2).

Eis que em 1981, já como escola de samba a Porto da Pedra veio defender o título do carnaval de São Gonçalo. Com o enredo *As Estações do Ano*, a agora Escola de Samba levou o segundo lugar, porém no quesito desempate, acabou por ficar com a terceira posição, deixando a segunda colocação para o Unidos do Marimbondo, escola tradicional do carnaval gonçalense. Em 1982 os preparativos foram todos no sentido de trazer novamente o título. Agora como Escola de Samba, e a Porto da Pedra acabou por ganhar o carnaval, com o enredo *No Reino da Fantasia*. Na ocasião, a principal concorrente ao título era a Unidos dos Invasores, extinta Escola de samba de São Gonçalo, que também era situada no bairro do Porto da Pedra.



Desfile de 1981: As Estações do Ano.

O ano de 1983 foi marcado pelas eleições municipais que impossibilitaram o desfile oficial da cidade. A prefeitura tinha a pretensão de deixar de arcar com a subvenção das escolas e entendia que as agremiações deveriam manter-se por conta própria. Esse foi um dos fatores preponderantes para o esgotamento de várias instituições carnavalescas do município.

Em 1984 foi marcado pela volta do carnaval, e o enredo apresentado pela Porto da Pedra foi *Domingo na Praça*, que falava sobre a pracinha do Zé Garoto, importante local de socialização e centro comercial da cidade. Com um samba do compositor

Hamilton Caçador a escola acabou ficando com a segunda colocação nesse que seria o seu último carnaval disputado em São Gonçalo, deixando o primeiro lugar para o Cruzamento do Amor.

Com a diminuição da subvenção por parte da Prefeitura, iniciou-se uma série de debates onde a discussão principal era o futuro da agremiação. Internamente confrontavam-se duas propostas sobre o que fazer. Para alguns, liderados por Paulinho Chaffin, a agremiação deveria se voltar para o carnaval do bairro, mantendo seus desfiles por São Gonçalo. Outro grupo, encabeçado por Jorair Ferreira, pensava que “a Escola já estava madura o suficiente para vãos maiores”⁸⁹ e que deveria mudar de liga, migrando para o carnaval de Niterói ou mesmo para o do Rio de Janeiro. Certo mesmo é que, essas disputas somadas a grave crise financeira e organizacional pela qual a instituição estava passando auxiliou a Porto da Pedra a não desfilar mais no carnaval gonçalense, mantendo atividades apenas pelas ruas do bairro.

Nesse momento o país passava por um período de transição entre a ditadura civil-militar e a redemocratização e, apostava no neoliberalismo como tática direcionadora da economia. Segundo essa doutrina, desenvolvida a partir da década de 1970, deve-se haver liberdade de mercado e uma restrição à intervenção estatal sobre a economia, só devendo esta ocorrer em setores imprescindíveis e, ainda assim num grau mínimo.

Seguindo tal cartilha, os postos da indústria naval da Baía da Guanabara, base empregatícia dos moradores do Porto da Pedra e grande fomentadora dos municípios da região, foram sendo pouco a pouco privatizados. Para o professor Sydenham Lourenço Neto a inconsistência econômica somada à instabilidade política gerou aquilo que convençamos a chamar de “a década perdida” em 1980. Desde modo, entendemos o motivo do carnaval na cidade e, por seguinte os investimentos de São Gonçalo na Porto da Pedra terem diminuído de forma tão drástica a partir dessa modificação estrutural que houve nos arredores do município.

E com a falta de investimento, a Porto da Pedra teve que novamente enrolar a sua bandeira e manter-se timidamente em apresentações pelas ruas do bairro, uma vez que não tinha dinheiro para fazer grandes desfiles pelo centro de São Gonçalo. Contudo, o mesmo movimento de privatizações que vai fazer diminuir em grande escala o dinheiro destinado ao carnaval e atividades culturais de São Gonçalo e região, é também

⁸⁹ Entrevista concedida por Seu Jorair Ferreira, em 14/09/2014.

o responsável por trazer grandes empresas privadas para a Baía de Guanabara, dentre as quais a Control S/a, companhia de limpeza e retirada de óleo de navios, que será a grande impulsionadora do GRES Unidos do Porto da Pedra, como veremos a seguir.

A última tentativa de se manter o carnaval no bairro do Porto da Pedra na década de 1980 foi entre os anos 87 e 88, quando Paulinho Chaffin quis retornar com a Escola, mas teve problemas com alguns outros fundadores e não conseguiu financiamento para tal empreitada. Por conta disso criou outra agremiação que foi batizada de Grêmio Recreativo Império do Porto da Pedra, agremiação que durara pouco tempo.⁹⁰

⁹⁰ Entrevista com Paulinho Chaffin em 20/08/2012.

Capítulo 2.

“Das cinzas às cores mais lindas”⁹¹: O ressurgimento do G.R.E.S Unidos do Porto da Pedra (1985-1993).

Compreende-lo (o carnaval) é, ao mesmo tempo compreender a cidade que o realiza, as tensões que a constituem e nela se desenvolvem.⁹²

Na segunda parte da obra, que de forma geral busca compreender os procedimentos constitucionais da Instituição Carnavalesca Unidos do Porto da Pedra, procura-se analisar o período histórico situado entre os anos de 1985 e 1993. Tal data corresponde ao momento em que a – agora – Escola de Samba gonçalense decide por interromper seus desfiles na principal liga carnavalesca de sua cidade de origem, apresentando-se pelas ruas do bairro homônimo, como já fora visto no capítulo anterior.

Nesse sentido, entendemos que para basear historicamente a dissertação é necessário considerar e analisar três pontos específicos: o fim do carnaval gonçalense, seus motivos, políticas e decorrências; o que fez a Porto da Pedra durante esse hiato de desfiles (1985-1993); e de que maneira ocorreu a reestruturação do GRESU do Porto da Pedra no início da década de 1990. Nesse espaço também se discute o surgimento da empresa Comtrol S/a., principal responsável pelo reaparecimento da Agremiação, e sobre seus gestores Jorge Lambel e Sérgio de Oliveira, considerados patronos da Escola de Samba.

Em suma, pondera-se sobre o cenário político-econômico do município de São Gonçalo e região com o intuito de entendermos as políticas públicas referentes ao carnaval. Feito isso, apresentamos as atitudes tomadas pela instituição (1985 – 1993),

⁹¹ Esse trecho faz alusão a um dos sambas concorrentes da parceria número 8, no ano de 2014. Ver em: <http://www.carnavalesco.com.br/noticia/porto-da-pedra-2015-ouca-o-samba-concorrente-da-parceria-de-oscar-bessa/8890>

⁹² CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros. Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora Ufrj, 2008. pp 26.

ressaltando também a chegada da Control S/a, empresa fundamental para o crescimento da Porto da Pedra no início da década de 1990.

2.1.O fim do carnaval gonçalense e seus motivos.

Como demonstrado na primeira parte da obra, a Instituição Carnavalesca Unidos do Porto da Pedra – concebida a partir de sociabilidades pré-existentes em suas cercanias - iniciou sua caminhada, primeiramente, enquanto Bloco de Arrastão (1973), desfilando apenas pelas ruas do bairro. Contudo, as coisas mudaram quando seus dirigentes receberam convites por parte da Prefeitura de São Gonçalo para se apresentar no carnaval oficial da cidade. Nesse período, a agremiação desenvolveu-se substancialmente, haja vista a necessidade de se estruturar para poder competir com outros blocos espalhados pela cidade.⁹³

Entretanto, a partir do ano de 1976, e principalmente no ano de 1977, a Porto da Pedra começou a enfrentar uma série de contratemplos. Tais reveses - como falta de capital para promover e organizar eventos, a saída de importantes dirigentes, a insuficiência de pessoal, falta de um espaço para executar os seus ensaios e também para guardar os instrumentos - foram preponderantes para o esgotamento da instituição por aqueles tempos. Esta situação só foi sendo modificada com a saída de antigos dirigentes e a chegada de um novo grupo de comerciantes locais capitaneados por Paulinho Chaffin.

Chaffin, como é conhecido pelo bairro e também no mundo carnavalesco, era um antigo folião do bloco, e nesse momento havia acabado de se mudar para o bairro. Além disso, foi no ano de 1978 que ele abriu um bar no centro da vizinhança, o que possibilitou para o bloco um lugar para reuniões e ensaios.

O bar que o Paulinho abriu deu uma vida para a Porto da Pedra, até porque era bem fácil de parar ali (...) era bem localizado e o Paulinho deu uma baíta força para que a escola (bloco) não acabasse. Acho que isso foi já foi em 78.⁹⁴

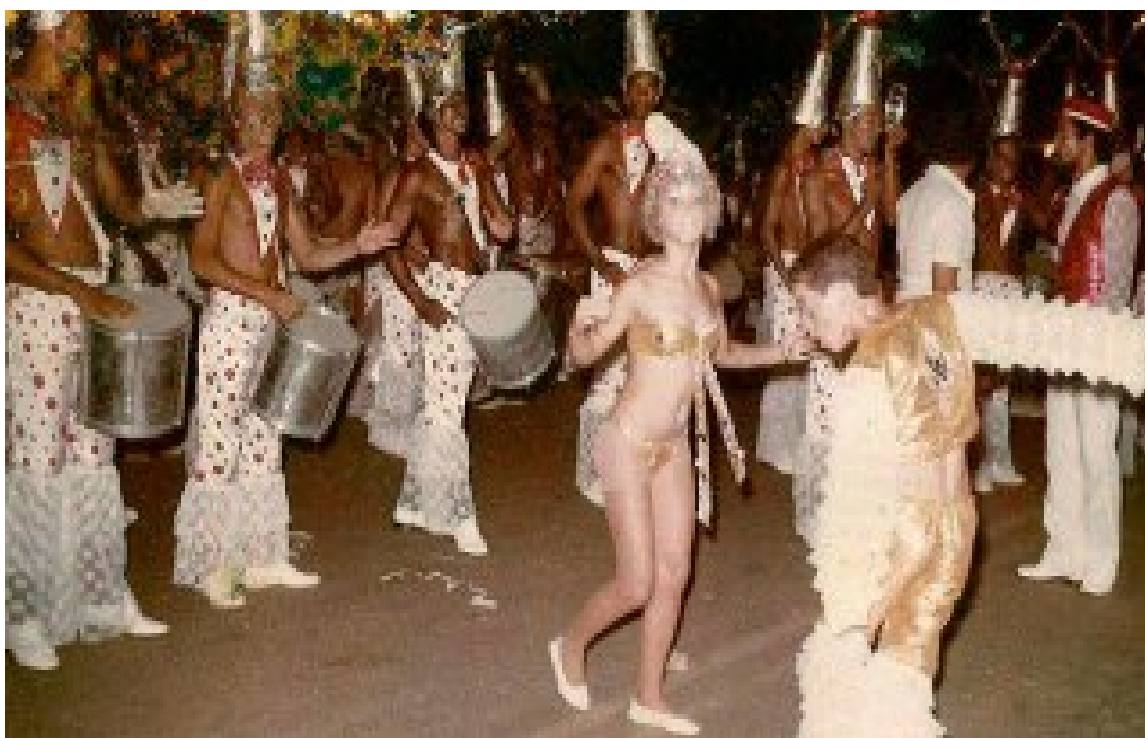
Vemos então que a Porto da Pedra enquanto agremiação carnavalesca não “enrolou a bandeira” durante a década de 1970, mas sim modificou a sua direção, que deixou de contar com sujeitos como Cabrinha, Jorge Lambel e Lelego para ser administrada por esse grupo ligado a Paulo Chaffin. Contudo, houve um diretor que se manteve mesmo com a troca de pessoal; seu nome é Jorair Ferreira, e foi de extrema

⁹³ SOUZA, Bruno Cesar Santos de. Orgulho e Paixão de uma cidade: A História do G.R.E.S. Unidos do Porto da Pedra. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2015.

⁹⁴ Entrevista concedida por Seu Jorair Ferreira, em 14/09/2014.

importância para que houvesse harmonia durante essa mudança. Outro fator que foi alterado com a troca da direção da agremiação é o seu caráter jurídico. Diz-se isso pois a agremiação passou a ser registrada por documentos “oficiais”.

Durante esse período, a Porto da Pedra começou a sofrer mudanças estruturais profundas. Acabou modificando, além do seu corpo de dirigentes, seus métodos. A oficialização do bloco em março de 1978 e a associação à AGESBC (Associação Gonçalense de Escolas de Samba e Blocos Carnavalescos) são duas das medidas tomadas por esse novo grupo de dirigentes, que após ganhar o carnaval de 1980, modificou o caráter do Bloco transformando-o em Escola de Samba⁹⁵.



Ritmistas do GRES Unidos do Porto da Pedra desfilando na década de 1980.

O GRES Unidos do Porto da Pedra, que havia escolhido as cores vermelha e branca como oficiais⁹⁶, continuou a desfilar no carnaval gonçalense até o ano de 1985, quando encerrou sua participação. Dentre os prováveis motivos para tal desfecho, apontamos três: problemas internos gerados por disputas entre os dirigentes, a falta de

⁹⁵ Os blocos carnavalescos que chegassem em primeiro e segundo lugar, no principal grupo da AGESBC, poderiam escolher se continuariam como Bloco ou se transformaria em Escola de Samba.

⁹⁶ As cores do bloco têm a ver com a coloração do Time do Unidos do Porto da Pedra Social Clube, umas das equipes que ajudaram a fundar o Bloco Carnavalesco Unidos do Porto da Pedra. Ver capítulo um.

verba gerada pelo esgotamento da máquina pública naquilo que tange o financiamento do carnaval do município e o crescimento de grupos religiosos, sobretudo protestantes, contrários à feitura do carnaval na cidade.

Sobre a querela entre os administradores da Escola de Samba, conta-se que esta não existiu única e exclusivamente pela brusca diminuição da subvenção do carnaval, pois já em inícios da década de 1980 havia uma prematura ideia de levar o carnaval da Porto da Pedra para fora do município de São Gonçalo.⁹⁷

Sabe-se ainda que diferentes grupos ligados a Jorair Ferreira e Paulo Chaffin pensavam caminhos distintos para o futuro da agremiação. Para os liderados por Jorair Ferreira, a Porto da Pedra deveria sair do carnaval gonçalense e almejar maiores desafios. Os partidários de Paulinho Chaffin ponderavam que a agremiação deveria se manter no carnaval gonçalense. Essa confrontação e principalmente a diminuição do capital recebido suscitou o fim do GRESUPP, ou pelo menos uma pausa em suas atividades.⁹⁸

Para avaliarmos o declínio do carnaval organizado pela Prefeitura ao longo da década de 1980 – incluem-se aqui os desfiles de Blocos e Escolas de Samba da cidade, a construção de palcos e apresentações de shows por toda São Gonçalo, embelezamento das ruas voltadas para a própria festa, e também o aparato policial e de limpeza - necessitamos analisar economicamente São Gonçalo, que durante esse período passava por uma recessão.⁹⁹

Para entendermos como a crise de 1970 / 1980 se abateu sobre o município, e dessa maneira sobre seu carnaval, precisamos voltar um pouco mais no tempo, indo até os primórdios da formação econômica da cidade. No século XVII, São Gonçalo era umas das principais produtoras de cana de açúcar do país¹⁰⁰, e no XVIII tornou-se uma importante fornecedora de produtos primários e de gêneros alimentícios para o Rio de Janeiro.¹⁰¹

⁹⁷ Entrevista concedida por Seu Jorair Ferreira, em 14/09/2014.

⁹⁸ Embora não desfilasse por nenhuma associação, A G.R.E.S. Unidos do Porto da Pedra continuou a se apresentar pelas ruas do bairro.

⁹⁹ Mata, Salvador e Silva. São Gonçalo 1890 – 1990. São Gonçalo: Ed. Belarmino de Mattos, 1993.

¹⁰⁰ MATA, Salvador e Silva. São Gonçalo no Século XVII. São Gonçalo. Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1997.

¹⁰¹ MATA, Salvador e Silva. São Gonçalo no Século XVIII. São Gonçalo. Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1998.

Dito isso, é notório afirmar que a economia gonçalense e as suas bases, desde sua formação, muito têm a ver com o atendimento do mercado externo - seja ele o da Capital do Brasil ou mesmo para a exportação da cachaça feita na cidade. Para tal, bons portos eram necessários para fazer o escoamento da produção.

Nas primeiras décadas do século XX, São Gonçalo, bem como toda a banda oriental da Baía da Guanabara, manteve sua economia ligada ao Rio de Janeiro - nesse momento Distrito Federal. A produção de alimentos - sobretudo frutas - era a especialidade gonçalense¹⁰². Para Carlos Lessa, a venda de alimentos e a produção de bens de consumo eram formas do mercado gonçalense se manter aquecido.¹⁰³

Deste modo:

A importância da atividade portuária em São Gonçalo, que diferente do Rio de Janeiro, se explica, primeiro, pela necessidade de escoamento da produção agrícola e via de acesso de mercadorias e pessoas para o interior do antigo Estado do Rio de Janeiro.¹⁰⁴

Um fator atrativo para essas empresas que se instalavam na região e que vendiam para a capital eram os bons acessos fluviais presentes no município. Um exemplo de corporação que decidiu se alojar em São Gonçalo é a Companhia de Cimento Portland, que ficava localizada às margens do Rio Guaxindiba (São Gonçalo).

Entre as décadas de 1920 e 1940, a cidade viu seu parque industrial crescer a reboque do desenvolvimento da principal cidade da região metropolitana do Estado. As obras ligadas à expansão da construção civil auxiliaram na geração de emprego e renda.¹⁰⁵

Tanto para Niterói, e principalmente para São Gonçalo, esse foi um período de substancial desenvolvimento econômico, a ponto de o pensador gonçalense Luiz Palmier apelidar o pólo industrial da cidade, que ia desde os bairros do Porto Velho até o Vila Lage, de “Manchester Fluminense”¹⁰⁶.

¹⁰² GUIMARÃES, Alberto Passos. Quatro Séculos de Latifúndio. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1968.

¹⁰³ LESSA, Carlos. O Rio de Janeiro de todos os Brasis: Uma reflexão em busca de auto-estima. Rio de Janeiro: Record, 2000.

¹⁰⁴ FERNANDES, Rui Aniceto Nascimento. Um santo nome. Histórias de São Gonçalo do Amarante. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2000. P 15.

¹⁰⁵ MATA, Salvador e Silva. São Gonçalo 1890-1990. São Gonçalo, Ed. Belarmino de Mattos, 1993.

¹⁰⁶ PALMIER, Luiz. São Gonçalo Cinquentenário. São Gonçalo: IBGE, 1940.

O governo desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek (1956 – 1961) manteve a economia do lugar aquecida, e investiu na cidade através do Plano de Metas, onde priorizou a expansão da indústria naval e a modernização do parque têxtil. Grandes construções da época - tais como a expansão da construção civil e a construção do Estádio Mario Filho - representaram um aumento acentuado na produção e venda de cimento e derivados produzidos em fábricas localizadas em São Gonçalo.¹⁰⁷

Entretanto, com a mudança da capital federal para Brasília, a economia fluminense foi acometida por um declínio.¹⁰⁸

A decadência do Estado do Rio de Janeiro, como um todo, é anterior a década de 1970, mas é comumente associada à perda da função administrativa de Capital Federal. Essa posição política, privilegiada, dividia o Estado em núcleo e periferia e ainda hoje é nítida essa divisão do Estado. São Gonçalo, por sua vez atuava como periferia de Niterói, Capital do antigo Estado do Rio de Janeiro, produzindo bens e alimentos como complementaridade do mercado carioca.¹⁰⁹

Embora a crise do setor fabril da região tenha sido anterior a 1970, foram nesses dez anos que ela atingiu a economia do lugar de maneira aguda, sobretudo em relação à indústria naval. Tal como *reação em cadeia*, a diminuição da produção naval atenuou a fabricação de outros produtos utilizados por essas mesmas fábricas. Metais, produtos químicos, indústrias têxteis e mesmo a fabricação de alimentos tiveram queda de produção. Essa ação gerou o fechamento de inúmeras manufaturas entre os municípios de Niterói e São Gonçalo.¹¹⁰

Sendo um dos municípios mais afetados pelo colapso industrial local, São Gonçalo teve uma alta nos níveis de desemprego, o que acabou por gerar uma baixa na arrecadação. Se em 1975 havia vinte e três mil trabalhadores, segundo os dados do

¹⁰⁷ MENDONÇA, Adalton da Motta Mendonça. Transformações Sócio-Econômicas no eixo Niterói-Manilha em São Gonçalo/RJ. 2007. 249 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. P 121 – 127.

¹⁰⁸ LESSA, Carlos. O Rio de Janeiro de todos os Brasis: Uma reflexão em busca de auto-estima. Rio de Janeiro: Record, 2000.

¹⁰⁹ MENDONÇA, Adalton da Motta Mendonça. Transformações Sócio-Econômicas no eixo Niterói-Manilha em São Gonçalo/RJ. 2007. 249 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. P 121.

¹¹⁰ MENDONÇA, Adalton M. Município de São Gonçalo, das indústrias às ruínas e vazios industriais: planejamento urbano e perspectivas de revitalização. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional). Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

Sindicato Nacional da Construção Naval, na década seguinte esse número caiu mais do que a metade.¹¹¹ Em reflexo disso, os subsídios que esses mesmos setores recebiam foram sendo pouco a pouco diminuídos e até cortados. Tal ato gerou o fechamento de muitas outras empresas ligadas à cadeia produtiva do setor naval, fazendo crescer ainda mais os resultados negativos da economia gonçalense e niteroiense.¹¹²

Entre fins de 1970 e ao longo de toda década seguinte, os setores que conseguiram manter-se de pé em meio ao arrefecimento econômico eram os de química, material de transportes, siderúrgicos e metalúrgicos, todos ligados a produções de outros locais do estado, tal como a indústria petrolífera de Campos e o setor alimentício de Petrópolis. Todavia, conforme passavam os anos, mesmo esses foram minguando. Isso deve-se ao fato de o governo ditatorial brasileiro ter resolvido apostar em medidas neoliberais na época, o que sufocou o empresariado local que se beneficiava diretamente dos investimentos governamentais, via BNDE. Sem esses subsídios, o setor - que era antes tido como grande arrecadador de capital e gerador de empregos na banda oriental da Baía de Guanabara - se esvaiu.¹¹³

Outro aspecto que deve ser levado em consideração para a acentuação da crise econômica eram as articulações políticas da época e como elas se formavam. Sabe-se que quem chefiava o Estado do Rio de Janeiro era Leonel Brizola, ferrenho opositor do governo civil-militar, que ainda vigorava na direção do país. Esse enfrentamento entre governo federal e estadual fez a economia local sofrer ainda mais do que os demais Estados da federação.

Este quadro de estagnação foi, de certo modo, impulsionador de novas propostas para políticos, e serviu principalmente para o empresariado refletir sobre outras ações para a recuperação da economia local. Nesse bojo, incluímos a empresa Control S/a dos empresários Jorge Luiz Seixas Guinâncio e Sergio de Oliveira, sobre a qual falaremos detalhadamente mais a frente.

Ainda sobre as questões econômicas relacionadas à região que engloba os municípios de Niterói, Itaboraí e São Gonçalo, há outro aspecto que deve ser

¹¹¹ OLIVEIRA, Floriano José Godinho. Reestruturação produtiva e regionalização da economia no território fluminense. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós- Graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003. P. 63.

¹¹² Idem, P. 80.

¹¹³ OLIVEIRA, Floriano José Godinho. Reestruturação produtiva e regionalização da economia no território fluminense. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós- Graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003. P. 83.

mencionado para finalizar a análise: o descobrimento e exploração de petróleo em Campos. Esse fato foi preponderante para o fechamento - ou até mesmo a mudança - dessas fábricas da região para o norte do Estado.¹¹⁴

Essa diminuição do capital investido no carnaval da cidade pode também ser explicada através da análise dos professores Gelsom Rozentino e Sydenham Lourenço Neto, que entendem que a chegada da década de 1980 trouxe para a economia brasileira mudanças estruturais consideráveis¹¹⁵. Traçando um panorama desse momento histórico, percebe-se que o governo ditatorial à frente da administração federal brasileira tinha um plano de neoliberalização para a economia do país.

O chamado neoliberalismo é uma releitura das teses liberais do século XIX e XX - principalmente - e delimita, através de suas crenças, um distanciamento do aparelhamento estatal para com as coisas econômicas. Não entraremos aqui em uma discussão sobre a validade desses preceitos, mas sim buscaremos observar como essa escolha modificou e definiu o caminho da cidade de São Gonçalo e, por seguinte, da Porto da Pedra.

É correto afirmar que, muito do capital gonçalense durante a década de 1970 e 1980 era proveniente das indústrias navais e petrolíferas instaladas em seu litoral. O bairro do Gradim, por exemplo, vizinho ao Porto da Pedra, possuía algumas empresas ligadas a construção de navios e chatas. Tem-se ciência também que muito dos investimentos ligados a essa área está diretamente ligado a Petrobrás.

Assim sendo, o afastamento de grandes empresas e indústrias do ramo naval e a elas ligadas diminuiu consideravelmente a arrecadação de capital da cidade. Essa estagnação acabou por afetar os municípios que coletavam impostos e ganhavam com a geração de emprego para o local. Tal fato foi responsável pelo arrefecimento do investimento da Prefeitura em programas sociais, como o carnaval.

Outro fator que deve ser exposto aqui é o desagrado da população gonçalense com a festa. Isso porque passou a existir na cidade de São Gonçalo – e ainda vigora

¹¹⁴ A exploração desta Bacia iniciou-se com a descoberta do Campo de Garoupa e teve seu início comercial em 1977, no campo de Enchova, com uma produção de 10 mil barris por dia em uma plataforma flutuante. Ver mais em: <http://www.ompetro.org.br/index.php/producao-de-petroleo-e-gas-na-bacia-de-campos>.

¹¹⁵ ALMEIDA, Gelsom; NETO, Sydenham Lourenço. Estado, Hegemonia e Lutas de Classes: interesses organizados no Brasil recente. São Paulo: editora canal6, 2012.

erroneamente no pensamento de muitos dos seus cidadãos - um entendimento de que o carnaval não trazia nenhum tipo de benefício para o município, servindo apenas para gastar o dinheiro do contribuinte. Para essas pessoas, a festa simbolizava a bagunça, as brigas e servia unicamente para desordenar o município.

Outra coisa é que naquela época começou a ter muita gente pobre contra o carnaval. (...) eles falavam que se a cidade não tinha dinheiro para um monte de coisa também não deveria ter dinheiro para o carnaval. Uma idéia, desculpa o termo, muito burra. Porque a gente sabe que o carnaval, na verdade, traz dinheiro.¹¹⁶

Tal debate acaba por se tornar corriqueiro em algumas praças onde o carnaval tem força e, se torna tema de amplas discussões entre teóricos do carnaval e camadas médias da população que, simplesmente o vivem. Todavia, entendemos que o carnaval, ao contrário do que pensam alguns, é sim fonte de renda e, principalmente fomentador de melhores condições sociais e culturais para as populações que dele se aproveitam.

Ainda dissertando sobre o afastamento da população perante o carnaval, há de se pontuar que nesse mesmo período houve, na cidade de São Gonçalo - bem como em todo o Brasil - um aumento considerável de praticantes de religiões protestantes.

Entre 1980 e 1989, o número de templos cresceu 2.600%. Nos primeiros anos, sua distribuição geográfica concentrou-se nas regiões metropolitanas do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Salvador. Em seguida, expandiu-se pelas demais capitais e grandes e médias cidades. Na década de 1990, passou a cobrir todos os Estados do território brasileiro, período no qual logrou taxa de crescimento anual de 25,7%, saltando de 269 mil (dado certamente subestimado) para 2.101.887 adeptos no Brasil, de onde se espalhou para mais de oitenta países. Em todos eles, conquista adeptos majoritariamente entre os estratos mais pobres e menos escolarizados da população.¹¹⁷

Embora essa informação pareça ter pouco envolvimento com o fim do carnaval gonçalense, entende-se que nesta época havia um forte pensamento contrário a prática de algumas festas populares por parte dos adeptos dessas religiões.

Começou a surgir muito crente. A cidade já tinha crentes, mas era diferente, sabe? Os caras não se metiam com o carnaval. Aí do nada começaram a implicar com a gente que fazia samba. Acho que eles achavam que a gente era da macumba. Teve uma vez que quase teve confusão porque abriu uma igreja de porta ali no Boa Vista e veio um monte de mulher de saia grande e cabelo preso dar papelzinho no nosso ensaio, achei aquilo muita safadeza.

¹¹⁶ Entrevista concedida por Seu Jorair Ferreira.

¹¹⁷ MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. Estudos avançados, vol.18, no.52 São Paulo Sept./Dec. 2004

A gente não ia na casa deles para falar mal da religião deles. Eles também não tinham que ir lá e falar isso.¹¹⁸

Há de se considerar que esses cidadãos gozavam inteiramente de seus direitos políticos. Dessa forma, suas demandas, tal como a diminuição do subsídio para as festas populares, eram levadas em consideração pelos vereadores e prefeitos da cidade nesse dado período.¹¹⁹

¹¹⁸ Entrevista concedida por Seu Jorair Ferreira.

¹¹⁹ FRESTON, Paul. *Protestantismo e política no Brasil : da constituinte ao impeachment*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo. 1993.

2.2.O show tem que continuar.

Após análise da situação política econômica e social de São Gonçalo, entende-se com mais clareza quais foram os caminhos tomados e quais as consequências que essas escolhas acarretaram para o município e seus habitantes. Conforme demonstrado, houve uma diminuição dos gastos públicos e também dos investimentos em áreas culturais, tal como o carnaval.

Também se tem ciência de que sem seu principal patrocinador – a Prefeitura – o GRES Unidos do Porto da Pedra também não conseguiria se manter por muito mais tempo, o que fatalmente ocorreu no ano de 1985, quando a agremiação decidiu por encerrar suas apresentações no centro da cidade.

Uma vez entendido o panorama geral do caso, pergunta-se: e a Porto da Pedra e sua gente? Sabe-se que entre os anos de 1985 e 1992, o GRESU Porto da Pedra não se apresentou em nenhum desfile oficial, seja em São Gonçalo ou em outras cercanias; restringiu-se a aparecimentos pelas ruas do bairro. Tal fato por si só já demonstra o apelo comunitário e importância que a agremiação detinha para com os habitantes do lugar.

Ainda falando sobre o período de encolhimento da Porto da Pedra em fins dos anos 1980, faz-se necessária a menção de que tal fato trouxe para a elaboração da pesquisa certas dificuldades, uma vez que se a agremiação pouco se apresentava, pouco se tem registrado. Esse foi um dos grandes desafios que essa tese nos proporcionou.

Todavia, assim como já havíamos feito no início da obra, buscamos elucidar o final da década de 80 e início da década de 90 através das vivências e memórias dos sujeitos que participaram - de alguma maneira - da história do bairro ou da agremiação. Novamente recorreremos às memórias para decifrar esse momento histórico.

Em meio às análises sobre a constituição da memória, descobriu-se que a engenhosidade da mente humana não tem limites, e da mesma maneira como constrói lendas e edifica instituições, também estabelece - através de experiências - coletividades. Estas estruturas sociais são base para o convívio social humano.¹²⁰

Outro ponto apreciado diz respeito à condição de seletividade da história, pois se sabe que nem todas as vivências constituem a biografia de um lugar ou de uma

¹²⁰ HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence (eds.). *A Invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, pg. 59.

instituição como a Porto da Pedra, por exemplo. E se existe qualquer tipo de seleção, há necessariamente uma construção, um apontamento.

E se a memória é socialmente construída e sofre alterações ao longo do tempo, podendo ser modificada conforme as demandas do presente, assim também ocorre com a documentação. Desse modo, não há maneiras de se distinguir a fonte escrita e fonte oral.¹²¹

Sendo assim, ao dissertarmos sobre a constituição da memória, evidencia-se que mesmo um evento já acabado é resgatado por fatos atuais, ou seja, o passado emerge de acordo com as demandas do presente, e disso deriva seu caráter de incompletude e de fragilidade. Desse modo, algumas narrativas são feitas ao longo do tempo.

Sujeitos que hoje são entrevistados sobre o passado da Instituição Carnavalesca Unidos do Porto da Pedra recobram e direcionam suas memórias ao fato solicitado, e se articulam com aquilo que mais lhes é mais próximo. Isso normalmente os coloca em lugar de destaque, pois exerceriam eles posições de agentes do processo ou mesmo observadores, o que já delega as estes (as) colaboradores (as) – e as suas memórias – grande importância.

Contudo, é preciso ter em mente que a memória e tudo que dela se origina é resultado de disputas. Diferentes grupos, não necessariamente rivais e que tenham entrecruzamentos entre seus respectivos passados, buscam através de suas memórias a legitimidade para suas histórias. Afirma-se isso, pois se sabe que uma das principais bases para as relações sociais do presente é o passado e como ele foi concebido.

Vemos por exemplo que, dentro de uma comunidade que possui apreço por certa instituição, como é o caso da Porto da Pedra, ter algo a ver com a construção da mesma delega status social ao indivíduo. Isso implica dizer que ter seu nome relacionado ao símbolo cultural do lugar ou ser agente desse processo histórico tem seu valor simbólico.

Desse modo, entendemos os motivos de alguns dos (as) entrevistados (as) se reafirmarem enquanto fundadores, como é o caso de Cabrinha e Paulinho Chaffin, ou então como guardiões da História da Instituição, como Seu Jorair Ferreira. Para eles, e principalmente para essa geração, fazer parte do bloco do bairro ou ser seu criador é de extrema significância, haja vista a estima dessa instituição para as pessoas do lugar.

¹²¹ AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos & Abusos da história oral. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. Pp 14.

Outro fato interessante, é que estes colaboradores não tecem suas narrativas sem antes demonstrar que possuem determinados artefatos que corroboram para a sua versão da história. Como já foi explicitado aqui, todos os supracitados colaboraram com alguns documentos – oficiais ou não - da agremiação, além de suas respectivas entrevistas, e se apegam a estes objetos para demonstrar a veracidade do seu discurso.

Como dito anteriormente, a construção da memória é um campo de disputa, e esses objetos são as armas desses senhores frente ao prêmio que é fazer parte da história do lugar e do seu símbolo cultural. Vale lembrar também que a sociabilidade existente no bairro do Porto da Pedra tem como um dos seus símbolos culturais a própria Instituição Carnavalesca, e esse já é motivo suficiente para a disputa acerca do passado da mesma.

Todavia, não se deve pensar que tais indivíduos que viveram os acontecimentos pesquisados e que hoje auxiliam a análise a partir de suas vivências, modificariam suas versões de maneira premeditada para que sejam eles os principais articuladores desse passado. Eles apenas se utilizam de suas memórias para se colocarem na história da agremiação e desse modo na história do lugar.

Obviamente que cada indivíduo contará a sua versão da história - não que esta seja verdadeira ou falsa, mas apenas uma parte importante do fato. Além disso, podemos presumir que um sujeito imbuído da história presente e dos seus paradigmas encontrará dificuldades em registrar o seu passado, que por vezes já foi esquecido, reinventado ou mesmo modificado ao longo do tempo.

Um bom exemplo de como essa construção se dá é o próprio termo *escola de samba*, que teria sido inventado na década de 1930, período em que agremiações como Portela e Mangueira iniciavam suas respectivas trajetórias.¹²²

Entretanto, se existe um direcionamento quando o assunto é a década de fundação dessas instituições, o mesmo não se pode dizer no momento em que procuramos saber sobre a origem do nome dado a estas instituições.

Cartola, por exemplo, dizia que o termo tem ligação com o fato de os músicos que lá se apresentavam serem tão bons, que ensinavam, assim como professores; por isso o local deveria se chamar ‘escola’. Outra lenda sobre a criação do termo vem do Morro do Estácio e, segundo Ismael Silva, tem a ver com uma escola que havia no local

¹²² CABRAL, Sérgio. *As Escolas de Samba do Rio de Janeiro*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996.

e que servia de refúgio para os sambistas quando estes escapavam da polícia. Entretanto, tanto uma quanto a outra significação foram dadas anos mais a frente, quando o termo já era substancialmente utilizado e poucos sabiam o motivo.

Para Felipe Ferreira, durante a década de 1930, o termo escola era amplamente utilizado pelo governo varguista, tornando-se sinônimo de coisa boa. Querendo os sambistas a “aceitação” da população, usaram um termo comum a maioria dessas pessoas.¹²³

No livro *Escola de Samba, Ritual e Sociedade*, de José Sávio Leopoldi encontramos algo sobre esse debate acerca do termo e como se deu a sua construção. Diz ele que:

A designação *Escola de Samba* não se impôs abruptamente: “Não houve uma decisão de criar um novo tipo de grupo carnavalesco chamado escola de samba” – diz Sérgio Cabral. “Fundaram mesmo foi um bloco que recebeu o título de escola de samba, uma espécie de agnome do Deixa Falar. O nome escola de samba só viria se impor anos mais tarde quando outros blocos carnavalescos (como a Estação Primeira de Mangueira, por exemplo) foram substituindo aos poucos a expressão bloco carnavalesco por escola de samba”.¹²⁴

Para José Ramos Tinhorão:

Até pelos menos 1934, as denominações bloco e escola de samba coexistiam sem preferência. (...) Em 1932, o jornal carioca Mundo Esportivo referia-se às Escolas de Samba chamando-as de “Escolas de Melodia da Metrópole”¹²⁵

Ainda sobre a questão da memória e de que maneira ela se constitui, vale a pena fazer menção a Pierre Nora, historiador francês, que durante a década de 1980 inaugurou o conceito de *lugares de memória*. Tal concepção disserta sobre espaços que podem ter um triplo significado, um triplo entendimento e uma tripla aplicabilidade.

Para o autor, estes seriam lugares físicos onde a memória social se constrói e também pode ser alcançada. Da mesma maneira, estes poderiam acionar algum tipo de vivência, pois possuem ou trouxeram para si, ao longo do tempo, uma função de basear as memórias coletivas. Além disso, tais lugares são simbólicos, onde a memória coletiva se expressa e se revela. Acredita-se que o autor tenha pensado nesse conceito para

¹²³ FERREIRA, Felipe. *O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro*. Rio de Janeiro. Ediouro: 2004

¹²⁴ CABRAL, Sérgio. *As Escolas de Samba*. Rio De Janeiro: Fontan, 1974, pp.22. In: LEOPOLDI, José Sávio. *Escola de Samba, ritual e sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Ufrj, 2010, 102.

¹²⁵ TINHORÃO, José Ramos. *Pequena história da música popular*. Petrópolis: Vozes, 1974, pp.171.

definir uma fronteira entre memória e o tempo histórico e seus mais diversos espaços.

126

Em outras palavras:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais ¹²⁷

Contudo, segundo o autor, História e Memória seriam conceitos que, embora ligados e complementares, seriam necessariamente opostos: a memória seria algo vivo dentro do ser, enquanto a história estaria atrelada a construção de situações já passadas e incompletas.

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações ¹²⁸

Outro papel da memória seria dar base para a manutenção de vários grupos e suas respectivas identidades. Assim sendo, voltamos ao ponto inicial da nossa discussão, uma vez que as narrativas empregadas pelos mais diversos personagens atuantes no fim da década de 1980 baseiam-se em suas memórias e no modo notável como ela é mantenedora de laços sociais.

Assim, a partir das memórias existentes para diferentes grupos, pode-se atribuir vários sentidos à elaboração de um carnaval, aos seus espaços ou mesmo às origens de uma agremiação. Isso porque a memória capitania a lembrança e a história a transmite.

De acordo com Pierre Nora:

Na mistura é a memória que dita e a história que escreve. É por isso que dois domínios merecem que nos detenhamos, os acontecimentos e os livros de história, porque não sendo mistos de história e memória, mas os instrumentos, por excelência da memória em história, permitem delimitar nitidamente o domínio. Toda grande obra histórica e o próprio gênero histórico não são uma forma de lugar de memória? Todo grande acontecimento e a própria noção de acontecimento não são, por definição lugares de memória? As duas questões merecem uma resposta precisa. ¹²⁹

¹²⁶ NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. Projeto História, nº 10, p. 25 dez, 1993.

¹²⁷ Idem, pp.13.

¹²⁸ NORA, Pierre Between. “Entre Memória e História: a problemática dos lugares”. In: Projeto História. Nº 10. São Paulo: PUC, 1993, pp 9.

¹²⁹ NORA, Pierre Between. “Entre Memória e História: a problemática dos lugares”. In: Projeto História. Nº 10. São Paulo: PUC, 1993, pp 7.

Com isso, entendemos que a institucionalização, os ensaios de rua e os desfiles podem ser considerados propagadores dos acontecimentos passados, e além disso são também guardiões da memória dos diferentes grupos que se identificam com outros ali retratados, associando memória e história. “Enredos que contam as histórias das comunidades, ou de moradores, como o (palhaço) carequinha são normalmente comprados pela comunidade (...) e são esses que o povo mais canta forte.”¹³⁰

Considerar os preparativos de uma escola de samba ou mesmo o desfile de carnaval como uma memória única e uniformizadora implica demonstrar de que forma efetivamente este passado foi construído para que esse objetivo pudesse ser alcançado.

Isso pode ser observado na construção “heróica” tanto do nome escola de samba, descrita anteriormente, quanto na edificação da memória do reavivamento da instituição carnavalesca Unidos do Porto da Pedra.

Nesta perspectiva, a produção anual feita por uma escola de samba, que apresenta para o público um enredo - que, por definição, conta história e levanta questões sobre a sociedade - se configura como instrumento de divulgação de uma memória. Este guarda em suas narrativas, gravuras e fotografias que, uma vez visualizadas, constituem importantes acervos selecionados - de acordo com a significação que possui para diferentes grupos.

E é a partir do conceito de construção histórica, baseada na memória, de Pierre Nora, que nos aproximamos do pensamento dos indivíduos que, por ocasião desta pesquisa, começaram a memoriar para então discorrer sobre como se deu a reconstrução da agremiação gonçalense.

Hoje em dia, quando se conversa com algum amante da Porto da Pedra sobre sua história - indo desde a fundação do bloco - o discurso que mais se escuta é, obviamente, o oficial, propagado pela própria instituição. Uma das maneiras de se verificar isso é o site da agremiação, que mantém um espaço reservado para a biografia da mesma. Contudo, mesmo nesse local, reservado para discorrer sobre toda a história da instituição, há um hiato acerca do período por nós discutido aqui: o fim da década de 1980 e o início dos anos noventa.

Esse é, certamente, um momento de encerramento de muitas das atividades da Escola de Samba gonçalense, período em que a Porto da Pedra deixa de desfilar o

¹³⁰ Entrevista com o Carnavalesco Jaime Cezario, no dia 18/11/2015.

carnaval de sua cidade e passa a se apresentar poucas vezes pelo bairro, sobretudo conforme o carnaval se aproximava. Contudo, mesmo isso é motivo para debate.

Existem algumas pessoas que entendem que durante esse período a Escola de Samba encontrou seu fim, não tendo nenhuma atividade.

Dizer que a Porto da Pedra, a Escola que a gente desfilava quando era mais novo continuo depois que parou é uma grande de uma mentira, não tinha isso. A Porto da Pedra era um bloquinho do pessoal aí, virou escola, desfilou um tempo e depois acabou. Quem falar o contrário está mentindo.¹³¹

Ao contrário, outros entendem que, mesmo sem desfilar, a Porto da Pedra se mantinha viva pelas ruas do bairro enquanto instituição carnavalesca.

A Escola parou, parou, parou, parou. Mas a gente que gostava mesmo, continuava fazendo uns batuques aqui, umas festinhas ali. (...) Sempre que chegava perto do carnaval eu pedia para o falecido Sirley fazer umas marchinhas, a gente chamava uns meninos da bateria, uma garotada que queria aprender e assim a gente continuava com a Escola. (...) Parou de Desfilar, mas de existir não. A gente continuava com a Porto da Pedra.¹³²

Observando esses dois pensamentos, podemos reafirmar que a memória coletiva está em constante disputa da qual a Porto da Pedra é digna, uma vez que é parte fundamental para a funcionabilidade social do lugar. Porém, não se deve julgar tais posicionamentos, pois como já fora dito, fazer parte da construção social de algo relacionado ao seu lugar de origem é decerto algo que vale o embate.

Outro ponto diz respeito à construção da memória em si. Não que sejam verdadeiras ou falsas, julgar tais coisas não é nosso papel enquanto cientistas sociais. Todavia, evidenciam-se tais situações para demonstrar que a história é uma criatura viva, imprescindível para os viventes, e que é diariamente refeita e desenhada aos caprichos do presente.

Sendo assim, entende-se as disputas sobre as narrativas acerca da Porto da Pedra dessa época e também as diferentes maneiras de se contar o que se passou por aqueles tempos. Isso porque fazer parte da construção de determinado símbolo para a comunidade que a cerca é decerto valoroso para os moradores dessa região.

Em outras palavras, estar presente - mesmo que não o tenha feito - na reestruturação da Escola de Samba do bairro é simbólico dentro de uma sociedade que

¹³¹ Entrevista concedida por Sebastião Bergara, em 22 de novembro de 2016.

¹³² Entrevista concedida por Seu Jorair Ferreira, em 14/09/2014.

tem entre seus moradores certa ligação com o carnaval e festas populares.¹³³ Outro modo de contar algo sobre esse período e trazer a memória e principalmente a legitimidade dessa história para aqueles que sabidamente não fizeram parte desse momento.

Nessa época aí que você tá me perguntando eu não posso falar muito, porque eu não tava. Nem eu, nem o Lambel, Nem o Lelego (...) esse pessoal todo que ajudou a construir a Porto da Pedra estava longe, eu estava casado, Lambel estava pegado com uns bicos que ele fazia, Lelego já era pai, ou seja, todo mundo tinha uma obrigação maior do que tomar conta de bloco.¹³⁴

Dar relevância para aqueles que anteriormente tinham feito parte da construção do bloco e que nesse momento já não estavam mais tão ativos nessas funções como antes é também um dos papéis da memória. Sujeitos que não são lembrados em determinado ponto da história da agremiação, trazem, de algum modo, a narrativa para si, mantendo-se, de uma maneira ou de outra, vivos na lembrança da instituição. Além disso, esses sujeitos acabam por modificar a pauta do debate para deslocar o assunto para o campo com mais aptidões históricas, mantendo assim o diálogo e também se mantendo na história enquanto sujeito ativo.

Ou seja, não tendo espaço nas memórias da Porto da Pedra em fins dos anos 1980, Cabrinha, por exemplo, retornou ao seu sítio histórico, onde habitam as suas memórias e onde pode novamente ser parte integrante da construção da memória - fazendo isso com certa dose de saudosismo.

Até acho que o pessoal que mexeu na Porto da Pedra fez um bom trabalho, mas deixar a escola acabar? Deixar ficar do jeito que ficou naquela época? Ah isso a gente não ia deixar. O pessoal que fez o bloco junto comigo (...) teria feito melhor. Modéstia a parte, a gente criou a Porto da Pedra do nada, o pessoal acabou, levantou ela e depois deixou acabar.¹³⁵

Além disso, é interessante verificar que hoje, observando o passado, Cabrinha tem condições de tecer novos comentários e reescrever suas memórias, uma vez que nos dias atuais tem ferramentas históricas que à época não tinha. Seu Pedro Celestino vislumbra anos mais a frente, entre 1992 e 1993, para basear a sua análise sobre o período em que a Porto da Pedra ficou parada.

Eu não posso falar muito, não estava por aqui pelo Porto da Pedra, mas eu sei que a Escola parou. Jorair ainda tinha uns instrumentos, mas para mim escola de samba tem que estar na rua, desfilando, senão para que serve? Para dizer

¹³³ Ver Capítulo 1.

¹³⁴ Entrevista de Pedro Celestino, o Cabrinha em 07/03/2014.

¹³⁵ Entrevista de Pedro Celestino, o Cabrinha em 07/03/2014.

que tem? Nessa época ficou tudo muito fraco. (...) Tanto é que, quando o pessoal que fazia o bloco pegou a Escola de novo (1993) a Escola começou a andar. Foi só (Jorge) Lambel voltar, o falecido Lelego voltar e até seu Jorair mesmo que a escola começou a andar de novo. (...) Lambel ainda mandou me chamar e eu ajudava como dava.¹³⁶

A história oficial, como já havia dito, se abstém desse debate; porém, personagens que ajudaram a construir essas novas memórias dão uma outra roupagem para esses fatos que ocorreram nesse momento, e que serão de suma importância para os anos que se seguiram. Nesse sentido, muito nos parece, ao analisar os acontecimentos de maneira mais distante, que todos os episódios ocorridos ao longo da década de 1980 e até mesmo o período de encolhimento serviram para o grande momento da Instituição, que ocorreu anos mais a frente: a ida da GRES Unidos do Porto da Pedra para o carnaval carioca.

É aquele negócio, Deus tem um plano para tudo no mundo. Eu sinceramente, vendo tudo isso hoje, acho que esse tempo foi na verdade um aprendizado. O pessoal era muito cru e passou a entender e saber o que era carnaval. Além disso, voltou uma galera boa depois, voltou o Lambel e o Sergio com dinheiro (...) aí a gente pode fazer um bom carnaval.¹³⁷

Isso é afirmado já que alguns, como Seu Tião Bergara, entendem que a agremiação encontrou seu fim justamente quando parou de desfilar o carnaval gonçalense, e o que veio anos mais a frente foi outra instituição, outra Escola de Samba, “que só usava o mesmo nome”.¹³⁸

Os que se apegam a esse discurso normalmente fazem parte do grupo que posteriormente construiu essa “nova” Porto da Pedra. Baseariam ainda seus argumentos em algumas situações, tais como a mudança do Estatuto e a modificação de toda a estrutura e pessoal que existiu ao longo da década de oitenta. Essa, por exemplo, é a teoria levantada por Tião Bergara, morador do bairro e folião da Porto da Pedra ainda em tempos de bloco, com e sem registro.¹³⁹

Sebastião Bergara, embora não participasse ativamente da direção da Porto da Pedra durante a década de 1980, auxiliou bastante com afazeres e na organização da Escola de Samba durante os desfiles em São Gonçalo, e principalmente quando a agremiação desfilava no seu lugar de origem. Teria sido ele que fechava os acordos

¹³⁶ Entrevista de Pedro Celestino, o Cabrinha em 07/03/2014.

¹³⁷ Entrevista concedida por Sebastião Bergara, em 22 de novembro de 2016.

¹³⁸ Entrevista concedida por Sebastião Bergara, em 22 de novembro de 2016.

¹³⁹ Vale lembrar que a Porto da Pedra foi fundada enquanto bloco de arrastão no ano de 1973, todavia foi somente cinco anos mais a frente (1978) com um novo grupo de diretores que a instituição se registrou em cartório. A data comemorada pela agremiação é a de 1978.

entre os comerciantes do bairro que quisessem contratar a bateria da Porto da Pedra, ou que pelo menos ela parasse na frente do seu bar, tornando-se assim um importante articulador financeiro da Agremiação.

Os irmãos Bergara ajudavam muito, o Tião era pau para toda obra, ajudava a comprar as coisas, arrumava umas apresentações nos bares. O irmão dele ajudava na bateria, acho que ele era da macumba e fazia a bateria (...) a gente pode dizer que ele foi nosso primeiro mestre de bateria.¹⁴⁰

Para Sebastião Bergara, a Porto da Pedra que retornou na década de 1990 pouco ou nada tinha a ver com a instituição que havia fechado suas portas na década anterior. Segundo o mesmo, era outra Escola de Samba que acabou por utilizar os documentos da “antiga” Porto da Pedra para poder “pular etapas e não ter que fazer todo o percurso novamente”¹⁴¹.

Aquela escola de samba que a gente fez em 80 parou de funcionar, ela simplesmente não existia mais. Pode até ter uma monte de gente que te fale que ela tava pelo bairro e coisa e tal, mas não tinha nada no bairro na época. Jorair que volta e meia fazia um pagode, pegava uns instrumentos antigos, mas isso não era aquela escola, era outra coisa. A Porto da Pedra estava morta e enterrada.¹⁴²

Ao longo desse processo, faz-se necessário observar que essa é uma das pouquíssimas falas que dizem algo relativo a uma ruptura na história da Porto da Pedra. Nesse sentido, poderíamos entender que Tião Bergara estava insatisfeito com a maneira que a história da Porto da Pedra é contada, e ao ser convidado a dar o seu relato sobre esses eventos, colocou-se – a si mesmo e ao seu grupo - em lugar de evidência.

Outro viés contado por Seu Jorair contradiz essa fala, pois ao contrário de Sebastião Bergara - que busca se inserir na memória da Instituição demonstrando a sua importância durante o período - visa a manutenção das memórias que ele e seu grupo propagam. Seu Jorair Ferreira, através da sua narrativa, estaria “protegendo um passado” onde ele mesmo era um dos principais sujeitos.

Seu Jorair se coloca então como guardião das tradições; seria ele o mantenedor das esperanças de que um dia a Instituição retornaria. Obviamente, essa é uma fala atual de um homem que viu e ajudou na construção desse passado.

Eu guardei a Bandeira lá em casa, a bandeira e os documentos. Tanto é que é na minha casa que Lambel e outros amigos foram buscar as papeladas para

¹⁴⁰ Entrevista de Pedro Celestino, o Cabrinha em 07/03/2014.

¹⁴¹ Entrevista concedida por Sebastião Bergara, em 22 de novembro de 2016.

¹⁴² Idem.

dar início novamente na escola. (...) Fiz isso por carinho, para lembrar depois. Era um tempo muito bom.¹⁴³

Outra narrativa que se mostrou bastante interessante ao longo da pesquisa - uma vez que traz um contraponto para esse debate - é a de Pedro Gordo; isso porque pode ser interpretada como uma visão de um sujeito que estava de fora, uma vez que, embora gostasse de carnaval, não ajudava na elaboração do mesmo.

Pedro Gordo é filho de um dos comerciantes que na década de 1970 ajudou financeiramente na construção do Bloco Carnavalesco, e assim como o pai, também se manteve perto do carnaval com um comércio no bairro. Sendo morador do bairro e folião durante o carnaval, Pedro nos trouxe uma nova luz acerca desse debate. Para Pedrão, como também é chamado pelas ruas do bairro, “tudo que tinha o nome de Porto da Pedra o pessoal daqui ia atrás.”¹⁴⁴

Aqui (Porto da Pedra), os moradores são bem bairristas. Por exemplo, quando tinha jogo de futebol do Unidos, ia torcida. Eu mesmo ia. Era um monte de gente que ia atrás de uns pernas de pau, mas que eram uns pernas de pau que estavam representando o bairro, você ta me entendendo? O pessoal gosta do bairro, sabe?¹⁴⁵

E continua:

Sobre o bloco, eu acho igual ao Tião, não tinha mais Porto da Pedra, tinha uns sambas por aqui, isso nunca deixou de ter, tinha até a esquina do pecado. (...) Aí (Jorge) Lambel veio uns anos depois e pegou a Porto da Pedra de Jorair (...) e deixou o mesmo nome. Até porque o pessoal gostava. E tudo que tinha o nome de Porto da Pedra o pessoal daqui ia atrás.¹⁴⁶

Embora amigo de muitos dos já citados, Pedro Gordo mantinha-se um tanto quanto distante da feitura do carnaval, o que, como já dito anteriormente, nos traz uma nova vivência acerca do assunto, que é a passagem da Porto da Pedra do final dos anos oitenta para o início dos anos noventa.

Eu gostava da putaria que tinha, gostava de beber, falar bobagem, arrumar umas namoradas, estar com o pessoal. Mas de fazer? Deus que me livre. Era muita gente já para fazer, era muito cacique e pouco índio.¹⁴⁷

¹⁴³ Entrevista concedida por Seu Jorair Ferreira em 12 de dezembro de 2016.

¹⁴⁴ Entrevista concedida por Pedro Gordo, em 22 de novembro de 2016.

¹⁴⁵ Entrevista concedida por Pedro Gordo, em 22 de novembro de 2016.

¹⁴⁶ Entrevista concedida por Pedro Gordo, em 22 de novembro de 2016.

¹⁴⁷ Entrevista concedida por Pedro Gordo, em 22 de novembro de 2016.

A aparição do Pedro Gordo trouxe para nossa pesquisa uma nova visão sobre esse mundo, o do folião. Embora quisesse participar dos prazeres proporcionados pelo carnaval e pela Porto da Pedra, esta figura pouco se importava em estar presente na elaboração do carnaval.

O folião é, sem dúvida, o principal artista do espetáculo que são as festas populares e onde encontramos o carnaval. É para ele e com ele que a festa ocorre. A figura do brincante está presente nesses tipos de festas desde tempos imemoriais - não que essas comemorações sejam o carnaval.¹⁴⁸ Talvez isso seja uma latente condição social do ser humano, pois, como pode-se observar, faz parte de um ritual complexo que anualmente se repete e que envolve danças, gestos, brincadeiras, toques... Em suma, a socialização.¹⁴⁹ Segundo Leach: “A ação ritual e de crenças são expressões semelhantes e devem ser entendidas como formas de afirmação simbólica sobre a ordem social.”¹⁵⁰

Ainda dissertando sobre o ritual presente nas festas carnavalescas e também nas comemorações populares espalhadas pelos mais diversos lugares, sabe-se que a dança tem um papel importantíssimo:

A dança não só aciona todo o sistema muscular do dançarino como também requer a atividade dos dois sentidos capitais, a visão, que guia o dançarino em seus movimentos entre os outros, e a audição, que lhe permite seguir o ritmo da música. Assim, o dançarino encontra-se em uma condição em que todas as atividades corporais e mentais estão harmoniosamente dirigidas para uma mesma finalidade.¹⁵¹

E, mesmo o Pedro, esse folião descrito acima, procurava manter determinada distância das questões organizacionais, o que não lhe retirou nenhum tipo de experiência no que tange o ato de memoriar e socializar durante o carnaval. Contudo, esse personagem do carnaval do bairro do Porto da Pedra também auxiliava de algumas outras maneiras: por vezes doando dinheiro para a feitura do carnaval do bairro e também da escola (anos mais a frente), emprestando seu carro para afazeres da Instituição Carnavalesca Unidos do Porto da Pedra, sendo o Rei Momo das brincadeiras

¹⁴⁸ FERREIRA, Felipe. *O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro*. Rio de Janeiro. Ediouro: 2004

¹⁴⁹ CAVALCANTI, Maria Laura. *Carnaval, Ritual e Arte*. Rio de Janeiro. 7 letras: 2015.

¹⁵⁰ LEACH, Edmund (1967). APUD: LEOPOLDI, José Sávio. *Escola de Samba, Ritual e Sociedade*. Rio de Janeiro. Editora UFRJ. 2010, pp 43.

¹⁵¹ RADCLIFFE-BROWN (1948). APUD: CAVALCANTI, Maria Laura. *Carnaval, Ritual e Arte*. Rio de Janeiro. 7 letras: 2015, pp 35.

carnavalescas do lugar, doando frutas do seu comércio e também fazendo parte do grupo mais importante para o carnaval - aqueles que se divertem.¹⁵²

Contudo, mesmo existindo inúmeras memórias, histórias e personagens no passado do GRES Unidos do Porto da Pedra que, como já foi verificado ao longo das páginas dessa dissertação, estão em constante conflito, alguns fatos são entendidos pela maioria esmagadora dos (as) entrevistados (as) de maneira harmoniosa. Tais acontecimentos podem ser narrados de diversas maneiras, mas a base da história é a mesma:

Lá por aqueles anos que a gente estava falando, Sérgio de Oliveira montou uma empresa de limpeza de óleo e chamou o (Jorge) Lambel para ser sócio dele (...). A empresa que esses dois montaram ajudou a levantar a Porto da Pedra e colocou a Escola para desfilas no Especial.¹⁵³

Conforme apontado por Tião Bergara e, como será abordado no próximo sub-capítulo mais detalhadamente, a empresa montada por esses dois importantes personagens da história do bairro do Porto da Pedra auxiliou no retorno da agremiação gonçalense ao carnaval. Além disso, existem aqueles que entendem que havia um projeto desses dois sujeitos, que utiliza a Escola de Samba, mas que se pretendia atender ao bairro através de ações culturais¹⁵⁴

Todavia, é interessante verificar que a empresa, nomeada de Companhia de Transporte de Óleo ou simplesmente COMTROL S/a, pode em cerca de dois anos no mercado se estabelecer enquanto uma grande firma no mercado de limpeza e transporte de óleo retirados da Baía da Guanabara e, ainda pôde injetar uma volumosa quantia para a elaboração do carnaval da Porto da Pedra.

Visto que nesse subitem discutiu-se a memória acerca da Porto da Pedra e, como ela é construída pelos personagens que viverão o final da década de 1980, elucida-se na próxima parte do texto a principal força motriz que auxiliou nessa reconstrução: Control S/a.

Entretanto pergunta-se: Quem são os seus donos? Como a empresa foi montada? Por que tamanho investimento em setores culturais (carnaval) através da

¹⁵² Pedro Gordo, como é o popularmente conhecido pelas ruas do bairro é morador e folião das atividades culturais ocorridas no lugar. Pedro possui até os dias de hoje uma quitanda no centro do bairro, porém já teve açougue, mercadinho entre outros tipo de comércio e,desse modo, vivenciou inúmeras das passagens por nós estudadas.

¹⁵³ Entrevista concedida por Sebastião Bergara, em 22 de novembro de 2016.

¹⁵⁴ Entrevista concedida por Mauro Quintaes, em 17 de maio de 2016.

Porto da Pedra? Como essa empresa ajudou a Porto da Pedra a desfilar no carnaval do Rio de Janeiro? Todos esses questionamentos serão respondidos a seguir.

2.3. O patrocínio da empresa COMTROL S/A e o ressurgimento da G.R.E.S Unidos do Porto da Pedra na década de 1990.

Dentro do mundo carnavalesco sabe-se que:

Não existe maneira de fazer carnaval sem dinheiro, carnaval que eu digo é botar uma Escola na rua, mesmo que seja para desfilar em São Gonçalo. Sem dinheiro, não tem como. E quem disser ao contrário, de duas uma: ou é mentiroso ou não sabe nada de carnaval.¹⁵⁵

Maria Laura Viveiros Cavalcanti também analisa o ritual, o tempo e dinheiro:

Tempo extraordinário, risonho e festivo, tempo de tolerância e renovação. (...) Entretanto, tempo tenso, de uma competição sempre refeita, que não só custa suor e dinheiro – por vezes muito – como gera renda e emprego, movimentando a vida de milhares de pessoas.¹⁵⁶

Torna-se claro que, mesmo com toda a vontade de se “colocar o bloco na rua” faz-se necessário determinado capital para que a festa aconteça. A Porto da Pedra, seja enquanto Bloco Carnavalesco ou Escola de Samba, é um exemplo disso, pois teve ao longo de sua biografia, pelo menos, dois momentos de esgotamento financeiro que levaram a Agremiação a uma brusca diminuição ou mesmo ao seu fim temporário, como foi visto ao longo do capítulo um e dois.

A necessidade de investimento fez com que as Escolas de Samba buscassem nos mais variados patrocinadores maneiras de conseguir tal capital. Isso se dá porque além do dispêndio do material, há de se contratar profissionais, que mesmo que prestem o serviço de maneira improvisada, tal como era e, é em algumas escolas de samba¹⁵⁷, cobram pelo trabalho.

Para angariar fundos, as Escolas de Samba dialogaram, ao longo de suas respectivas histórias, com os mais diversos tipos de chancelas. E se observarmos a Porto da Pedra como tipo ideal para essa análise, nós verificaremos que em seus primórdios foram os livros de ouro passados pelo bairro e assinado por moradores e comerciantes que mantinham as agremiações de pé. Ou seja, era a organização e custeio de toda uma população que mantinha essas estruturas. Segundo Maria Isaura Pereira de Queiroz, as

¹⁵⁵ Entrevista com Paulinho Chaffin no dia 20/08/2012.

¹⁵⁶ CAVALCANTI, Maria Laura. *Carnaval, Ritual e Arte*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2015. Pp.169.

¹⁵⁷ LEOPOLDI, José Sávio. *Escola de Samba, Ritual e Sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Ufrj, 2010. P.p 62.

grandes escolas do Rio de Janeiro tiveram, assim como a Porto da Pedra, no início de sua história auxílios comunitários que se baseavam na lógica da doação e, já nesse momento os bicheiros doavam boas quantias.¹⁵⁸

Entendemos esse tipo de investimento da mesma maneira que Cavalcanti¹⁵⁹, que nos conta que os bicheiros investiam / investem o capital econômico em uma estrutura comunitária e, dessa maneira tal aplicação retorna em forma de capital social.

160

Pierre Bourdieu inaugura a lógica do *Capital Social*, e nos mostra que este possui várias acepções. Contudo, sua fórmula mais utilizada está ligada a soma de conceitos advindos da teoria social e da lógica econômica de capital. Para o autor, tanto capital social como capital cultural necessitam de se interligar para que desse jeito possamos dar conta da estrutura, do funcionamento e da classificação do mundo social.¹⁶¹

Desse modo, podemos considerar que o capital econômico pode ser aplicado lado a lado a outros tipos de estruturas, o que ofereceria a conceituação do objeto muito mais olhares e definições. Em outras palavras, poderíamos observar o investimento do bicheiro, descrito acima, não apenas pelo viés econômico, mas também pelo emprego desse dinheiro, que não necessariamente voltaria para as mãos do investidor em forma de papel moeda, mas sim em forma de reconhecimento social.

Para Bourdieu:

O conjunto dos recursos reais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento mútuos, ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como o conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros e por eles mesmos), mas também que são unidos por ligações permanentes e úteis.¹⁶²

Analisando também a partir do olhar micro e observando os indivíduos, podemos ver através da obra de Pierre Bourdieu que os sujeitos, que fazem parte das

¹⁵⁸ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Carnaval Brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

¹⁵⁹ CAVALCANTI, Maria Laura. *Carnaval, Ritual e Arte*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2015. Pp.156 – 157.

¹⁶⁰ BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). *Escritos de educação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

¹⁶¹ BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

¹⁶² BOURDIEU, P. O capital social – notas provisórias. In: CATANI, A. & NOGUEIRA, M. A. (Orgs.) *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998, pp 67.

mais variadas estruturas, se arranjam de acordo com o tipo de capital acumulado, que pode ser cultural, econômico, social e simbólico.

O capital social, que muito nos interessa nessa análise, diz respeito à uma gama de afinidades, analogias e semelhanças que cada ser constrói ao longo de sua vivência. Desse modo, tal capital está associado às relações interpessoais, que podem ser diárias ou ocorridas uma vez no ano, como no caso do carnaval. Na utilização desse capital estão às pessoas, que se constituem através das mais diversas estruturas, dentre as quais as Escolas de Samba.

Nesse sentido, podemos afirmar que as Escolas de Samba desde a sua formação é um ritual de integração social¹⁶³, e que “sempre guardaram íntima relação com o ambiente mais imediato, no sentido de que sua atividade, em geral, constituía um catalisador das manifestações sociais da comunidade”¹⁶⁴.

Além dessa estrutura social baseada em redes de doações e troca de capitais¹⁶⁵, faz-se necessário dizer que o distanciamento do Estado como órgão gerenciador das culturas públicas¹⁶⁶ muito contribuiu para que, dentro do carnaval, a lógica do mecenato fosse implementada.¹⁶⁷

Com a proibição dos jogos de azar no ano de 1946, pelo governo Dutra, os apontadores do jogo de bicho passaram a viver na clandestinidade e, necessitavam de maneiras de serem aceitos socialmente, uma dessas maneiras era a troca de capital econômico por capital social, que já fora explicado acima. Contudo, ainda houve durante esse período o crescimento das periferias urbanas no Rio de Janeiro, que sem a tutela do Estado ficou a margem dos contraventores.

A expansão da rede do jogo do bicho na cidade preencheu, dessa forma, os vazios administrativos deixados pelo poder público. Enraizado-se em seus territórios de ação, neles encontrou as agremiações locais: clubes de futebol e as escolas de Samba. Assim sendo, na medida em que se demarcavam, em toda a cidade, as grandes áreas territoriais de atuação de cada banqueiro, iniciava-se o relacionamento mais estreito entre os “banqueiros” de um determinado território e as agremiações nele sediadas.¹⁶⁸

Durante o período da ditadura civil-militar brasileira, o crescimento do jogo do bicho e, conseqüentemente do investimento do carnaval cresceu de forma espantosa,

¹⁶³ LEOPOLDI, José Sávio. *Escola de Samba, Ritual e Sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Ufrj, 2010. P.p 149.

¹⁶⁴ Idem, pp 71.

¹⁶⁵ BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

¹⁶⁶ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Carnaval Brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

¹⁶⁷ CAVALCANTI, Maria Laura. *Carnaval, Ritual e Arte*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2015. Pp.155-167.

¹⁶⁸ Idem, pp 157.

pois segundo Aloy Jupiara e Chico Otavio, o governo buscava maneiras de entrar nas áreas mais distantes, todavia entendia que tal ação não deveria envolver grandes montantes de capital, nem de pessoal e nem de logística. Uma solução encontrada para esse problema foi deixar na mão do jogo do bicho a organização de determinadas áreas periféricas.¹⁶⁹ Além do mais, o inimigo com o qual o Estado se preocupava, à época, eram os comunistas, não os “pacíficos” e “ordeiros” bicheiros.

Dentro do imaginário popular, a figura do bicheiro se cristalizou em um ser de boa índole, que não fazia mal se não fosse atrapalhado em seus negócios. Eles atuavam em áreas que o Estado não operava, mantendo investimentos em segurança, infraestrutura do bairro e, sobretudo agindo como fornecedor cultural. Tal fato, talvez tenha sido credenciado pela lisura do tratamento com o qual os apontadores tratam os apostadores e, também pela “palavra de honra”, uma vez que a banca sempre paga.

Visto isso, voltemos ao assunto referente ao carnaval gonçalense e a história da Porto da Pedra. Como já mencionado, entre o ano de 1985 e 1993 a GRES Unidos do Porto da Pedra não desfilou nenhum carnaval oficial, justamente por conta da falta de investimento, além de outros elementos, tais como brigas entre diretores e falta de pessoal.

Deste modo, a escola ficou parada durante alguns anos, sendo restabelecida no final ano de 1992, porém tendo seu retorno confirmado em 1993. A volta da agremiação só foi possível graças ao investimento de dois moradores do bairro do Porto da Pedra, que haviam acabado de ingressar no lucrativo comércio de óleo refinado. Seus nomes são Jorge Luiz Seixas Guinâncio ou popularmente conhecido como Jorge Lambel e Ubervaldo Sergio de Oliveira.

A empresa mencionada é a COMTROL S/a:

A Comtrol Comércio e Transporte de Cargas Ltda, é uma empresa focada no desenvolvimento sustentável, fundada em 1991, apresenta soluções para a destinação ambientalmente correta de resíduos gerados em atividades marítimas e industriais, oferecendo serviços desde a coleta e transporte até a recuperação, reutilização e descarte.¹⁷⁰

Segundo o site da instituição, a firma possui tamanho médio e trabalha com alguns importantes investidores nacionais e internacionais, tendo contrato de prestação de serviços para empresas como Petrobras e Odebrecht. A Comtrol é dona de uma frota

¹⁶⁹ JUPIARA, Aloy; OTAVIO, Chico. Os porões da contravenção. Jogo do Bicho e ditadura militar: a história da aliança que profissionalizou o crime organizado. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2016.

¹⁷⁰ <http://www.comtrolbr.com/site/a-comtrol/release> , visto em 06/01/2017.

própria para fazer a coleta e transporte de material. Os serviços prestados pela empresa vão desde “gerenciamento total de resíduos, incluindo coleta, transporte e destinação final de resíduos sólidos e líquidos, não perigosos e perigosos, gerados por embarcações, plataformas de petróleo, indústrias.” Contudo, seu maior produto é, certamente, o óleo retirado de embarcações as quais recebem tais benefícios.¹⁷¹

Sua fundação se deu no ano de 1991, quando Sergio de Oliveira e Jorge Lambel, que eram amigos de infância, nascidos e criados no bairro do Porto da Pedra, passaram a investir juntos no negócio de extração e transporte de óleo na Baía de Guanabara. Contudo, esse não havia sido o primeiro plano da dupla para ganhar dinheiro. Além disso, o fato de procurarem ganhar mais dinheiro tinha um motivo: as combalidas contas de ambos.

O Sérgio e o Lambel também gostavam muito desse negócio de apostar, de rinha de galo, corrida de cavalo. E o dinheiro que ele ganhava no escritório não estava dando para as despesas. Ele precisou arrumar um outro negócio para poder manter a casa.¹⁷²

Casado e já pai de um menino, Sérgio precisava, assim como Lambel, aumentar seu ganho mensal, pois havia adquirido pesadas dívidas referentes a apostas. Primeiramente, ele investiu na fabricação e venda de gelo.

Saia ele o Lambel de tardinha e a noite para vender gelo. Vendia gelo para bares, restaurantes, boteco em geral. (...) As vezes eles iam para a Praia das Pedrinhas ou para o Mercado de Peixe de Niterói para vender também para os pescadores. Acho que foi aí que surgiu a idéia de criar peixe.¹⁷³

Ainda mantendo o comércio do gelo, “porque tinham clientes certos e isso dava um dinheirinho”¹⁷⁴. A dupla, que precisava de dinheiro para equilibrar seus vencimentos, pensou em investir em um novo negócio: criação e venda de peixes. A idéia teria sido dada por um dos pescadores aos quais eles vendiam o gelo e que também morava no Porto da Pedra.¹⁷⁵ Para tal, compraram alguns viveiros para os animais se reproduzirem e também um barco. Entretanto, a falta de experiência e alguns seguidos furtos a sua propriedade fizeram com que Sérgio deixasse de lado sua jovem empresa.

¹⁷¹ Ver mais em: <http://www.controlbr.com/site/a-control/release> (visto em 06/01/2017)

¹⁷² Entrevista concedida por Dona Gilce de Oliveira, viúva de Sérgio de Oliveira, em 09 de janeiro de 2017.

¹⁷³ Entrevista concedida por Dona Gilce de Oliveira, viúva de Sérgio de Oliveira, em 09 de janeiro de 2017.

¹⁷⁴ Entrevista concedida por Dona Gilce de Oliveira, viúva de Sérgio de Oliveira, em 09 de janeiro de 2017.

¹⁷⁵ Entrevista concedida por Sebastião Bergara, em 22 de novembro de 2016.

Naquela época, o Sérgio, que era um cara muito bom, um verdadeiro empreendedor, sabe? Então, ele tinha juntado um dinheiro, acho até que tinha vendido um carro que ele tinha. Ele pegou esse dinheiro e abriu um negócio para ele mesmo, ele comprou uns viveiros de peixe e um barco ‘furrequinha’ com um rapaz que morava aqui no Porto da Pedra também. (...) Esse negócio não deu certo, porque toda noite vinha uns safados e levavam os peixes de Sérgio. Então ele desistiu.¹⁷⁶

É importante ter em mente que o bairro do Porto da Pedra fica localizado no litoral da Baía de Guanabara e, dessa forma possui contato direto com o mar e rios. Para os moradores investir em produtos que venham da Baía da Guanabara não é incomum.

Era assim aqui no Porto da Pedra, não tinha muito emprego e quando uma pessoa queria arrumar uns trocados tinha que dar seu jeito. Eu já tive açougue, que meu falecido pai me deixou, já tive bar e sempre tive isso aí que tenho hoje. (...) o Sérgio naquela época falou com Seu Zé, que era pescador (sic) e viu que dava para arrumar um dinheiro com peixe, acho até que ele andou pescando antes de entrar mesmo no negócio.¹⁷⁷

Contudo, como visto acima, tal negócio não deu certo, porém havia lhes dado o caminho das pedras para um novo e lucrativo empreendimento. Este estaria novamente ligado ao mar, entretanto dessa vez o produto a ser trabalhado não viria da extração animal, mas sim mineral.

Para que o barco do Sérgio pudesse andar, eles compravam óleo barato com um senhor que morava na beira da praia. Aí um dia parece que eles perguntaram para esse coroa como que ele conseguia o óleo. Foi então que ele deu a planta para o negócio da vida dos dois. O pessoal podia retirar óleo dos tanques dos navios que ficavam parados na Baía.¹⁷⁸

Vale à pena mencionar que, assim que Sérgio comprou o barco e investiu no criadouro de peixes, ele também passou a conhecer a região, pois embora fosse morador do bairro, pouco sabia sobre pesca e, ainda mais menos sobre o lucrativo negócio ligado ao manejo de óleo. Sendo assim, ele acabou por adquirir habilidades de navegação e também passou a ter conhecimento das atividades lícitas e ilícitas ligada ao óleo.

Esse conhecimento acerca do enriquecedor mercado da extração de óleo chegou a ambos de maneira curiosa. Foi-me confidenciado que, Sergio e Lambel buscavam maneiras de conseguir reduzir os gastos e, assim sendo buscaram maneiras de comprar o combustível para o seu barco onde fosse mais barato. Chegaram então a um pescador da Praia das Pedrinhas.

¹⁷⁶ Entrevista concedida por Sebastião Bergara, em 22 de novembro de 2016.

¹⁷⁷ Entrevista concedida por Pedro Gordo, em 22 de novembro de 2016.

¹⁷⁸ Entrevista concedida por Sebastião Bergara, em 22 de novembro de 2016.

Eu sinceramente acho que foi assim: um dia Sergio e Lambel estavam vendo todos aqueles pescadores sem dinheiro com o barco cheio de óleo e eles com os tanques vazios. Aí eles foram se informar né?! (...) Todo mundo sabia onde podia tirar, que horas podia ir lá na Ilha tirar o óleo. Todo mundo, menos o Sergio e o Lambel.¹⁷⁹

Tal transação era deveras lucrativa, pois o óleo que era deixado nas ilhas próximas ao litoral gonçalense já era refinado e, em algumas vezes usado apenas uma vez pelos navios, que não o reutilizavam.

O que acontecia lá era o seguinte, os navios vinham deixavam o óleo que já tinha usado e iam embora. Não tinha onde deixar eles deixavam em qualquer lugar mesmo. (...) Eles deixavam o óleo que já tinham usado uma ou duas vezes. Eu trabalhei com esse negócio, sei como é que é. Um navio não pode ficar usando e usando o mesmo óleo, duas vezes até dá, mas mais do que isso pode escangalhar o maquinário. Então eles largavam, porque também não tinha onde deixar.¹⁸⁰

Segundo me foi confidenciado, esse óleo refinado era utilizado uma ou duas vezes pelos navios e rebocadores que faziam a travessia na Baía de Guanabara e, embora não pudessem mais ser utilizados por essas embarcações, ainda possuíam vida útil para outros negócios, como por exemplo, a indústria de limpeza e a indústria química, que davam serventia para os compostos químicos desse produto. Outro possível destino para o óleo refinado ou “queimado”, como era chamado pela população, eram navios menores, onde seus proprietários não tinham o problema da reutilização. Além disso, o óleo refinado poderia ser misturado a óleo diesel virgem, o que adulteraria o produto, mas que aumentaria seu volume. Sendo assim, postos de gasolina, borracharias, caminhoneiros, empresas de ônibus, entre outros poderiam comprar o produto.

¹⁷⁹ Entrevista concedida por Sebastião Bergara, em 22 de novembro de 2016.

¹⁸⁰ Entrevista realizada em 12/12/2016. A pessoa prefere que sua identidade seja mantida em segredo.

N.º: 53049

O Globo

Data: 22/07/2001

Entenda como tudo começou

• Uma mina de ouro (negro) na Baía de Guanabara. Foi o que descobriram, há mais de dez anos, Joel Nolasco, José Carlos Ferreira de Castro e Jorge Lambel, limpando tanques de navios petroleiros e retirando das águas da baía o óleo derramado. Recebiam verbas da Petrobras e permissão para vender o combustível recuperado. Anos depois, passaram a desviar óleo diesel, lubrificantes e produtos nobres como benzeno, tolueno, neutro básico, neutro médio, neutro pesado, black stock, etileno e outros. Os três foram assassinados.

Era preciso garantir o sucesso das operações de desvio de combustíveis e a impunidade dos envolvidos. Juntaram-se num único grupo empresários do ramo de navegação, transportes de combustíveis e estaleiros, funcionários de companhias de petróleo e policiais.

O grupo montou um esquema de "laranjas" e empresas de fachada para permitir que o combustível roubado passasse pelo mercado negro e retornasse ao mercado formal, sem deixar vestígios. Contrataram um despachante e uma advogada que realizou várias alterações contratuais substituindo sócios, alterando a divisão de cotas e aumentan-

do os capitais dessas empresas.

A formação da empresa Control ilustra bem as suspeitas investigadas pela Polícia Federal. Seu histórico começa com a criação da Sermapi (Serviços Auxiliares Marítimos Piloto SA), em 1970, para combater a poluição por óleo no mar. Em 1984, foi autorizada a recuperar por meio de filtragem e negociar os óleos e seus derivados retirados de porões dos petroleiros e do mar. Seis anos depois, foi criada a Control para a coleta, drenagem, transporte marítimo e ferroviário e a venda do óleo recuperado.

Eram sócios da empresa Valmir Barbosa Coelho, José Carlos Ferreira de Castro, Renato Cezar Ferreira Bittencourt, Antonio José Maylasky Pereira da Cunha Ferrer e Célio Costa Souza. Na segunda alteração contratual, em 1992, o capital da empresa passa de um milhão de cruzeiros para vinte milhões de cruzeiros. No mesmo ano, a Control incorpora a Sermapi.

Em 1994, Célio vende suas cotas a Jorge Lambel, Ubervaldo Sergio de Oliveira e Nilson Neves de Almeida. No dia 15 de maio de 1995, José Carlos se retira da sociedade e sete dias depois é morto. Nilson morre em abril de 1996. Seus herdeiros venderam suas cotas para Jorge Lambel.

N.º: 53047

O Globo

Data: 22/07/2001

Adulteração e roubo de combustível estão ligados

ANP e Polícia Federal unem esforços no Rio

• Há pelo menos seis meses a Agência Nacional de Petróleo (ANP) iniciou no Rio ações de fiscalização para combater a adulteração de combustível no estado. Acreditando estar no rastro de donos de postos de gasolina inescrupulosos, acabou descobrindo que os comerciantes estão na ponta final da chamada máfia do óleo, que é responsável pelo desvio de combustível de navios fundeados na Baía de Guanabara.

As investigações começaram com um levantamento simples: os fiscais cruzaram as informações das distribuidoras de combustíveis para saber quais postos de gasolina deixaram de comprar combustível nos últimos meses. Paralelamente, localizaram distribuidoras atuando ilegalmente na Região Metropolitana do Rio. Numa delas, em Duque de Caxias, cinco tanques de óleo foram lacrados e três caminhões apreendidos com óleo adulterado.

Notando a gravidade da situação e apoiada por investigações da Divisão de Combate ao Crime Organizado e Inquéritos Especiais — unidade da PF, em Brasília, que combate o crime organizado no país — o diretor-geral da ANP, David Zybersztajn, formou sua própria tropa de choque: chamou o general Zamir Weloso; o delegado Pedro Berwanger, ex-superintendente da PF do Rio; e ainda convocará mais dois delegados federais para a equipe.

Dos 1.717 postos de gasolina cadastrados no Rio, cerca de 50% deles estão na categoria que a ANP define como “bandeira branca”: não representam nenhuma distribuidora de petróleo. É para este grupo que a investigação está direcionada. Os fiscais acreditam que eles possam estar sendo usados pela máfia do óleo.

Na quinta-feira passada, fiscais da ANP e federais fecharam as principais saídas do Rio. A ação — barreiras foram montadas em estradas em dez pontos do estado — tinha por objetivo apreender caminhões que transportam combustível adulterado. Após dez horas de operação, 15 caminhões foram apreendidos e mais de 500, fiscalizados.

Ao passo que haviam sido informados do comércio de extração de óleo, juntaram o capital adquirido e o colocaram nesse perigoso negócio. Inclusive contratando pessoal.

Todo esse processo de investimentos e reinvestimentos ocorreram entre os anos de 1988 e 1991 desse modo, nos faz dissertar sobre um dos motivos pelos quais entendemos que esse segundo empreendimento deu certo: a ECO 92.

A Eco-92 foi uma Conferência das Nações Unidas ocorrida no ano de 1992 na cidade do Rio de Janeiro, que visava debater e lançar programas acerca do meio ambiente, desenvolvimento, desmatamento e maneiras de se utilizar da natureza de maneira sustentável. Obviamente que tal evento não seria pensado de um ano para o outro, o que deu tempo para a cidade do Rio de Janeiro se preparar para sediar o acontecimento. Isso fez gerar inúmeras medidas de proteção a natureza, o que incluía despoluição da Baía de Guanabara.¹⁸¹

Com a Eco 92 alguns projetos relacionados a despoluição da Baía de Guanabara começaram a acontecer e, mesmo com um aporte financeiro do governo federal, houveram algumas propostas menos custosas que buscaram nas populações das regiões litorâneas de Baía algum tipo de solução para essa situação.¹⁸² Alguns habitantes das praias de São Gonçalo passaram a ir até as ilhas próximas e a barcos ancorados para retirar o óleo e então vender a algum órgão do governo.

Os moradores daqui, ainda mais o pessoal da praia começaram a pegar óleo e vender, eles vendiam para posto, para caminhoneiro, para outros barcos. Tinha até gente que tirava de um barco, botava no tonel e vendia para o mesmo barco.¹⁸³

Assim sendo, Sérgio de Oliveira e Jorge Lambel a ganhar bastante dinheiro com o novo empreendimento, que rapidamente já havia lhes dado lucro.

Era um dinheiro fácil, era só meter a mão e pegar. O lugar que o pessoal pegava era abandonado (...) tinha umas ilhas por aqui por perto que mais parecia uma mina de ouro (...) outra coisa também é que era fácil de vender.¹⁸⁴

¹⁸¹ Ver sobre em: <http://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2014-07/despoluicao-da-baia-de-guanabara-comecou-na-decada-de-90-sem-eficacia>

¹⁸² Ver em: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,em-20-anos-despoluicao-da-baia-de-guanabara-vira-esgoto-imp-851258>

¹⁸³ Entrevista realizada em 12/12/2016. A pessoa prefere que sua identidade seja mantida em segredo.

¹⁸⁴ Entrevista realizada em 12/12/2016. A pessoa prefere que sua identidade seja mantida em segredo.

Segundo relatos, ambos tiravam manualmente o óleo das embarcações deixadas na Baía da Guanabara e, principalmente os resíduos deixados nas ilhas existentes na região. Contudo, a canoa que Sérgio havia comprado para o seu negócio de peixes suportava apenas levar quatro barris médios e, por conta disso a dupla fez novo investimento e comprou um navio de porte maior.

Às vezes era até engraçado, a gente via o Sérgio e o Lambel com aquele caíque na cabeça indo para praia, quem sabia pilotar mesmo era o Sérgio. (...) Eu lembro que os negócios iam bem e eles compraram uma chata, sabe? Se eu me lembro bem, o barquinho que eles compraram carregava 16 barris daqueles de óleo. (...) Eram dois caras bons, trabalhadores.¹⁸⁵

Nº 37890
Jornal do Brasil
Data: 10/04/00

Produto é desviado de navios

A partir dos depoimentos de Vanilson Figueiredo de Carvalho, as investigações do Ministério Público estadual revelaram toda a mecânica da Máfia do Óleo para furtar combustível de navios da Petrobras. O produto seria transportado em pranchas ou chatas que, atracadas nos navios da Petrobras em áreas de Niterói e São Gonçalo, bombeiam o óleo para caminhões tanques. Estes caminhões carregados seguiriam então para galpões de empresas ligadas aos pi-

ratas da Baía da Guanabara.

No início deste mês, o grupo do MP que investiga a Máfia do Óleo passou a ter o apoio da Procuradoria da República no Rio. A investigação aponta para um gigantesco esquema que poderia incluir até funcionários da Petrobras. De acordo com relato de Vanilson, o desvio do óleo é feito por um grupo empresarial, cujo nome é mantido em sigilo. Paralelamente, o grupo compra legalmente o combustível da Petrobras e, atuando como interme-

diário, revende a navios de diferentes empresas. Durante o roubo do produto, com a cobertura das tripulações e de forma a enganar os donos das embarcações, o óleo é repassado a um policial civil – cujo nome não foi divulgado – cúmplice do esquema. As chatas, carregadas com o óleo desviado, são conduzidas até o cais por um rebocador. O esquema, segundo o depoimento de Vanilson de Carvalho, também teria cobertura de funcionários da Alfândega.

¹⁸⁵ Entrevista concedida por Sebastião Bergara, em 22 de novembro de 2016.

Óleo e sangue nas águas da baía

Antônia Werneck, Elenice Bottari e Renato Garcia

Um desvio de 257 mil litros de óleo diesel por dia, 3,5% da produção no país. Isto é apenas uma parte do que é roubado pela chamada máfia do óleo de navios da Petrobras e de outras empresas petrolíferas que ancoram na Baía de Guanabara. Uma ação que deixou em 12 anos de atuação um rastro de 30 assassinatos — dez deles de policiais — só no Estado do Rio e envolve uma rede criminosa com a participação direta de pelo menos 50 pessoas, entre as quais um oficial de alta patente da Marinha; policiais federais, civis e militares; empresários; profissionais liberais; traficantes de drogas; e petroleiros.

Um assunto tão grave que, com o aval do Palácio do Planalto, passou a ser investigado por uma tropa de choque enviada ao Rio, formada por policiais federais de Brasília, fiscais da Agência Nacional do Petróleo (ANP), inspetores do Setor de Inteligência da Receita Federal e procuradores do Ministério Público federal. Batizado de Operação Pelicano, o trabalho de investigação que começou em setembro do ano passado tem pela frente pessoas extremamente violentas que costumam matar seus próprios cúmplices. Alguns dos acusados já foram indiciados (há mais de 20 inquéritos instaurados), mas não se intimidaram; o esquema continua crescendo e envolve atualmente grandes empresas do ramo, além de firmas de fachada.

A máfia — que começou com o desvio de óleo, diversificou suas atividades para pirataria naval, contrabando de armas e tráfico de drogas — conta até com embarcações próprias. Com o roubo ou furto de óleo, cerca de dez derivados vêm sendo negociados. Três vezes por semana, por exemplo, durante a madrugada, um rebocador levando uma chata parte de Gradim, em São Gonçalo, e ainda na Baía de Guanabara, com a conivência de alguns petroleiros, encosta em navios para retirar, através de dutos, parte do óleo diesel que está sendo transportado para os terminais das distribuidoras.

Óleo roubado é revendido em postos

• Depois de roubado, o óleo é levado — segundo inquérito da Polícia Federal — para as empresa Navegação São Miguel (responsável pelo abastecimento de combustível de 70% dos navios que operam na Baía de Guanabara), a Comtrol, o estaleiro Ebin, em Niterói, e o estaleiro Albatroz, no Caju. Destas empresas, o produto é bombeado para caminhões-tanque e distribuído para postos e empresas de navegação.

De acordo com a investigação da Polícia Federal, a venda do produto roubado é feita com notas fiscais frias de empresas criadas pelo esquema, como o Estaleiro Albatroz, cujo dono, Wandilson dos Santos Rodrigues, está desaparecido desde agosto de 1996, quando foi visto pela última vez entrando num contêiner da empresa Cargo Wei, supostamente envolvida no esquema. O carro usado pelos suspeitos do sumiço de Wandilson foi encontrado no fundo da Baía de Guanabara. Até hoje, a família do empresário espera que a história seja esclarecida:

— Se pelo menos encontrássemos o corpo, essa história teria um desfecho. Mas não sabemos nada — conta o filho da vítima, Wanderson.

A responsável pela criação e por alterações contratuais de firmas ligadas ao esquema seria uma advogada, velha conhecida da Justiça do Rio. Ela foi condenada em outubro de 1990 a quatro anos e seis meses de prisão por receptação e uso de documento falso. O processo disciplinar na Ordem dos Advogados do Brasil, seccional Rio, instaurado na época da condenação, prescreveu e a advogada voltou a atuar no Rio.

Outras empresas envolvidas no esquema são a Comtrol e a Ebin, de propriedade do policial Jorge Luiz Seixas Guinãncio, o Jorge Lambel, que seria um dos chefes da quadrilha, assassinado no Estaleiro Ebin em dezembro do ano passado. ■

Porém, ao analisar as falas referentes aos primeiros anos da empresa Control e como ela foi se constituindo, torna-se inconcebível pensar que um negócio tão lucrativo não tenha despertado interesse. Ao contrário, todavia, os novos empresários souberam lidar com a “disputa de mercado”.

Em pouco tempo eles já dominavam a extração de óleo da Baía da Guanabara, São Gonçalo e Niterói, e usavam da força, da coação e da compra de proteção de delegados, policiais e políticos.¹⁸⁶

Indo além:

Era o Lambel que ajeitava tudo isso aí. O Sérgio era um contador, só resolvia as coisas de escritório. O Lambel era malandro, já tinha muito BO (boletim de ocorrência) na rua (...) e ele só ajeitava por cima, não tinha peixe pequeno era só com os graúdos que ele falava.¹⁸⁷

¹⁸⁶ Entrevista concedida em 9 de julho de 2016. A pessoa prefere que sua identidade seja mantida em sigilo.

¹⁸⁷ Entrevista realizada em 12 de dezembro de 2016. A pessoa prefere que sua identidade seja mantida em sigilo.

Petrobras pode ter funcionários na máfia do óleo

Nº: 53253

O Globo

Data: 29/07/2001

Antônio Werneck, Elenilce Bottari e Renato Garcia

• A Petrobras está investigando o envolvimento de seus funcionários com a máfia do óleo. A companhia começou a apurar quantas pessoas de seus quadros participariam dessa quadrilha. O delegado Cláudio Nogueira, responsável pelas investigações, adiantou que vai apontar o nome dos funcionários da estatal envolvidos no esquema em seu relatório final, que será enviado para a empresa e para a Justiça Federal.

Com base em denúncias sobre roubo de combustível e em levantamento do Sindicato Nacional das Distribuidoras de Combustíveis (Sindicom), o deputado federal Carlos Santana (PT-RJ) pedirá ao presidente da Câmara de Deputados, deputado Aécio Neves (PMDB-MG), na próxima quarta-feira, a instalação urgente de uma CPI para investigar a máfia do óleo. O pedido de CPI já conta com 270 assinaturas de parlamentares, bem mais do que o mínimo exigido que são 170 assinaturas.

Vinte e seis empresas estão sob suspeita

O GLOBO revelou, no domingo passado, que 1,8 milhão de litros de óleo diesel de navios-petroleiros são roubados por semana na Baía de Guanabara. O produto volta ao mercado formal através de notas frias de empresas de fachada, que têm à frente laranjas de grandes empresários do ramo. Desde que assumiu as investigações da máfia do óleo em setembro do ano passado em seis cidades brasileiras, a Polícia Federal já identificou pelo menos 26 empresas envolvidas no esquema. Elas poderão ser denunciadas e a Justiça Fede-

ral deverá pedir a prisão preventiva de seus sócios.

Levantamento do GLOBO constatou que boa parte das empresas tem endereços iguais. Na Rua Carlos Seidl 846, no Caju, por exemplo, funcionam o Estaleiro Albatroz, a Tecno Boiler Multi Serviços Ltda e a L. Nolasco Comércio e Transportes Marítimos. No número 2.996, na Vila do João, em Bonsucesso, funcionam a Tecon Terminais de Cargas, Cargo Wei e a Hipemar Terminais de Cargas. No número 950 da Carlos Seidl, além da Aquarius Serviços Marítimos, funcionam outras empresas de engenharia.

No endereço comercial da

Companhia de Navegação São Miguel, no 44º andar da torre do Rio Sul, em Botafogo, policiais e auditores fiscais constataram o funcionamento de mais quatro empresas: a Clima e Detalhes Comércio Ltda; a Hidroclean Serviço Marítimo Ltda; a Import-Empresa Marítima Portuária Ltda; e a Skaymar Ltda. Os auditores afirmaram ter encontrado uma agenda com anotações de grandes movimentações financeiras supostamente realizadas pelos sócios da São Miguel. Os depósitos e ordem de pagamento estão descritas detalhadamente. Ao todo cinco bancos são citados seguidamente nas anotações, com os

respectivos números das contas e os supostos beneficiários. Numa delas, um dos sócios autoriza o depósito de US\$ 330 mil num banco situado num paraíso fiscal.

De acordo com as investigações da Polícia Federal, muitas empresas foram criadas apenas para fornecer notas fiscais frias ao esquema de revenda do combustível roubado no mercado formal. O delegado Cláudio Nogueira tem em mãos cerca de uma tonelada de documentos apreendidos semana passada em empresas ligadas à máfia. Essa documentação está sendo agora analisada por auditores.

Segundo o deputado federal

Carlos Santana, autor do pedido de CPI da máfia do óleo, o mercado negro do combustível atua hoje em todo o país:

— É muito grave a situação, um assunto que estou acompanhando há muito tempo. Estamos aguardando o fim do recesso para pedir à Presidência da Câmara que instale a CPI da máfia do óleo.

O deputado acha que os consumidores devem desconfiar de preços de gasolina:

— Quando um posto vender gasolina a preço muito baixo, este produto é roubado, adulterado, ou não está sendo recolhido o ICMS — afirmou o deputado.

Diretor da Defesa da Concorrência do Sindicato Nacional das Distribuidoras de Combustíveis, Alísio Vaz, explicou que o levantamento feito pelo Sindicom tratava da questão da adulteração dos combustíveis. Segundo ele, a própria Agência Nacional de Petróleo (ANP) estima que cerca de 7% da produção nacional esteja sendo adulterada e revendida em postos do Rio e de São Paulo:

— Não é difícil verificar quem são os envolvidos na máfia. Mas um comerciante que consegue comprar o litro do combustível por R\$ 1,20 pode desconfiar que ele é adulterado. Porque os bons fornecedores cobram em média R\$ 1,50. ■

Entenda o caso

• Responsável pelo desvio de 257 mil litros de óleo diesel por dia, 3,5% da produção do país, a máfia do óleo deixou em 12 anos de atuação um rastro de 30 assassinatos — dez deles de policiais — só no Estado do Rio. O esquema envolve uma rede criminosa com a participação direta de pelo menos 50 pessoas, entre as quais um oficial de alta patente da Marinha, além de policiais federais, civis e militares, empresários, profissionais liberais, traficantes de drogas e petroleiros.

Até agora foram presas oito pessoas suspeitas e apreendidos caminhões e barcos no Rio, Santos (SP) e Vitória (ES). A Polícia Federal deve indiciar 25 pessoas no Rio.

Esse era, como se sabe, um negócio lucrativo, que incluía funcionários dos mais variados poderes e empresas, a Petrobras, por exemplo, como mostra a reportagem acima. Contudo, era obviamente perigoso. E um negócio como esse geram em um curto espaço de tempo, inimigos em potencial, dentre os quais o governo. Para mascarar suas atividades ilícitas e o ganho rápido de dinheiro, a dupla decidiu comprar um terreno no bairro do Porto da Pedra, nas proximidades do largo da ATN, e lá montou uma pequena casa de shows. Passou também a investir novamente no carnaval. Desse modo, estava de volta ao cenário cultural de São Gonçalo o Grêmio Recreativo Unidos do Porto da Pedra.

Esse terreno foi comprado com ajuda de Pedro Gordo e Sebastião Bergara. O local, embora bem localizado, era acidentado e tinha alguns problemas, como por exemplo, uma árvore que precisava ser retirada. Parte do lugar pertencia a Pedro Gordo e a outra, maior, pertencia a um senhor.¹⁸⁸

Quem intermediou a compra e venda desse terreno foi Sebastião Bergara, que nesse momento trabalhava como vendedor para uma imobiliária. Pedro vendeu a eles a parte do terreno que lhe cabia, isso porque queria ele abrir um novo sacolão.

Eu que fiz esse arranjo todo, era uma casinha velha que tinha lá atrás. Lambel queria comprar para fazer um pagode, o Sérgio não queria não. Lambel adorava samba. Carnaval era com ele mesmo. Aí teve um dia que ele falou assim comigo: “Tião, fecha o negócio”, aí eu falei para ele: “e Sérgio?” e ele me disse: “com Sérgio resolvo eu.” Eu fui para casa, lavrei o documento e pronto. Negócio fechado.¹⁸⁹

A idéia que me foi passada era que Lambel, amante do carnaval, tinha a intenção de fazer neste local uma casa de shows. E o fez, mas foi convencido a reativar a Porto da Pedra depois que Shirley, Pedro Gordo e alguns outros moradores do bairro foram até o Engenho da Rainha, disputar samba. Vale lembrar que, Jorge Lambel e Sérgio de Oliveira ajudaram na criação do bloco em 1973.

O que o Lambel queria mesmo era fazer um bar, por isso ele comprou esse terreno. Ele queria era ter um lugar para poder parar e beber (...). Ele também queria ganhar mais dinheiro, porque o negocio do óleo tava dando dinheiro, mas não tanto quanto ele queria. (...) Sérgio queria era manter o que tinha.¹⁹⁰

Pedro Gordo também nos concedeu a sua versão dessa história:

¹⁸⁸ Infelizmente nem Pedro Gordo e nem Sebastião Bergara lembraram do nome do tal senhor.

¹⁸⁹ Entrevista concedida por Sebastião Bergara, em 22 de novembro de 2016.

¹⁹⁰ Idem.

Ele (Lambel) era meu amigo a muitos anos. (...) Eu gostava de parar com ele para beber e jogar conversa fora, e naquela época eu tinha um bar, bem ali na esquina. E nesse bar ele me perguntou como que estava indo os negócios. Eu que já conhecia ele, estranhei. Lambel era um cara meticoloso, gostava de saber onde estava pisando, por isso ele veio me perguntar antes, ele não era um cara que jogava dinheiro fora.¹⁹¹

Sobre o retorno ou fundação da Porto da Pedra, como preferem alguns¹⁹², será explicado com mais detalhes no próximo capítulo. Todavia, sabe-se que se antes a mesma foi arquitetada a partir de doações e construções coletivas, dessa vez a Porto da Pedra se estabelecerá a partir da lógica do mecenato, muito parecida com outras Escolas de Samba espalhadas pelo Rio de Janeiro. E se nos outros locais do Estado era o jogo do bicho e até o tráfico de drogas que investia no carnaval e na agremiação do lugar, no Porto da Pedra era a Máfia do Óleo que comandava a festa.

Por fim, viu-se ao longo desse capítulo o afastamento gradativo, durante a década de 1980, do Estado brasileiro naquilo que tange a economia naval. A lógica da liberalização da economia, explicada no subitem 2.1, mostrou-nos que conforme as empresas públicas foram saindo desse mercado, empresas privadas foram chegando, para prestar determinados serviços. Todavia, como podemos observar, nem todas essas empresas agiam de maneira legal para manter o seu aparato mercadológico.

E seguindo a mesma lógica empreendida pelo ditado popular que diz: “Deus fecha a porta, mas abre a janela”, o processo de neoliberalização da economia gonçalense, que segundo o nosso entendimento, auxiliou no fim do carnaval do lugar, ajudou na vinda e também na formação de empresas privadas da região. A Control s/a é exemplo disso. Em outras palavras, o processo de abertura de capital que levou a Porto da Pedra a encontrar seu fim em 1985 é o mesmo que fez renascer a Agremiação gonçalense em 1993.

¹⁹¹ Entrevista concedida por Pedro Gordo, em 22 de novembro de 2016.

¹⁹² Como já demonstrado nesse capítulo, para Sebastião Bergara, a Porto da Pedra que desfilava no carnaval gonçalense na década de 1980 era outra instituição, diferente da Porto da Pedra que estava sendo criado em 1992.

Referências

Fontes Pesquisadas:

- Jornal do Brasil e Jornal O Globo: exemplares do primeiro trimestre entre os anos de 1994 até 1997;
- Jornal *O São Gonçalo* e *O fluminense*: exemplares do primeiro Trimestre entre os anos de 1970 até 1997;
- Atas de assembleias e de reuniões e fotografias colhidas no GRES Unidos do Porto da Pedra;
- Acervo digital (atas e fotografias) do Centro de Memória da Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro;

Entrevistas:

- Seu Jorair Ferreira: Jogador do Unidos do Porto da Pedra Futebol Clube (time que ajudará a fundar o bloco carnavalesco), Fundador do Bloco carnavalesco Unidos do Porto da Pedra (sem oficialidade 1973-75), fundador do Bloco carnavalesco Unidos do Porto da Pedra (com oficialidade 1978) Ex-presidente dos anos de 1993 até 1997.
- Pedro Celestino: Jogador do Aranha Futebol Clube (Time do bairro que ajudará a fundar o bloco Carnavalesco), Fundador do Bloco (sem oficialidade 1973-75), Diretor Social do G.R.E.S.U. Porto da Pedra (1993-1997).
- Paulo Chaffin: Comerciante do bairro (1977), fundador do Bloco carnavalesco Unidos do Porto da Pedra (com oficialidade 1978), Comprador do G.R.E.S.U. Porto da Pedra (1993-95), Diretor de apoio do G.R.E.S.U Porto da Pedra (97-2012).
- Maurício Pinheiro (Maurição): Diretor de Harmonia do GRESU Porto da Pedra (1993-1999).

- Jorge Antônio Carlos (Jorginho do Império): Colaborador do Carnaval (1993-97)
- Fábio Montebello: Vice-diretor de segurança no GRESU Porto da Pedra (1994-1999), atual presidente da Escola.
- Mauro Quintaes: Carnavalesco do GRESU Porto da Pedra (1993-97).
- Fábio Montebelo: Presidente da GRESU Porto da Pedra.
- Dona Gilce de Oliveira: Viuva de Sérgio de Oliveira, patrono da GRESU Porto da Pedra.
- Sebastião Bergara: Colaborador e diretor da GRESU Porto da Pedra na década de 1990.
- Dona Ana Maria: Colaboradora do GRESU Porto da Pedra e Foliã dos Carnavais do bairro do Porto da Pedra.
- Pedro Gordo: Folião e colaborador do GRESU Porto da Pedra.

Bibliografia:

AGOSTINHO, Zilmar Luiz. *A roseira balançou: o surgimento dos Acadêmicos do Salgueiro no carnaval carioca*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2014.

ALMEIDA, Gelsom; NETO, Sydenham Lourenço. *Estado, Hegemonia e Lutas de Classes: interesses organizados no Brasil recente*. São Paulo: editora canal6, 2012.

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos & Abusos da história oral*. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. Pp 14.

ARAÚJO, Hiram. *Carnaval: Seis milênios de História*. 2 ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1999.

BARROS, José D'Assunção. *História, região e espacialidade*. In: Revista de História Regional 10 (1): 95-129. Verão, 2005

BOURDIEU, Pierre. *Como é possível ser esportivo?* In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983.

_____. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____. *Os três estados do capital cultural*. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). *Escritos de educação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. *O capital social – notas provisórias*. In: CATANI, A. & NOGUEIRA, M. A. (Orgs.) *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRAGA, Maria Nelma Carvalho. *O município de São Gonçalo e sua história*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Falcão, 1998

Burke Peter, *O que é História Cultural?* Trad. Sergio Goes de Paula 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008.

CABRAL, Sérgio. *As Escolas de Samba do Rio de Janeiro*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996.

CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. *Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile*. 4 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

_____, *Carnaval, ritual e arte*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

FARIA, Guilherme José Motta. *O Estado Novo da Portela: circularidade cultural e representações sociais no governo Vargas*. 2008. 211f. Dissertação (Mestrado em

História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2008.

FERNANDES, Nelson da Nóbrega. *O carnaval e a modernização do Rio de Janeiro*. In: Revista Geo-paisagem. Ano 2, n 4, 2003. Disponível em: <http://www.feth.ggf.br/Carnaval.htm> Acesso em: 24/06/2015.

FERNANDES, Rui Aniceto Nascimento. *Um santo nome. Histórias de São Gonçalo do Amarante*. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2000.

FERREIRA, Felipe. *Inventando Carnavais: o surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

_____. *O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro*. Rio de Janeiro. Ediouro: 2004.

_____. *Traduzindo o enredo: o processo de produção das escolas de samba*. In: KAMEL, José Augusto Nogueira (org.). *Engenharia e entretenimento: Meu vício, minha virtude*. Rio de Janeiro: E-papers, 2006: 99-111.

FRAGA, Alexandre. *Oeste: a guerra do jogo do Bicho*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2014.

FRESTON, Paul. *Protestantismo e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo. 1993.

FRUGOLI JUNIOR, Heitor. *Esboços de uma trajetória: Cidade, Pesquisa, Universidade*. Porto Alegre, Iluminuras v.12, n. 28, p. 18-40, jul./dez. 2011.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. S. Paulo: Cia das Letras, 1987.

GOMES, Ângela de Castro. *Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados*. In: *As leituras possíveis dos documentos pessoais* do Seminário Internacional sobre Arquivos Pessoais, Rio/São Paulo, CPDOC/FGV-IEB/USP, 1997.

GUIMARÃES, Alberto Passos. *Quatro Séculos de Latifúndio*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1968.

HAESBAERT, Rogério. *Território e Territorialidade: Um Debate*. GEOgraphia, Rio de Janeiro, Ano IX - n 17, p 3-5. 2007

HALBWACHS, Maurice (1877-1945). *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence (eds.). *A Invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

JUPIARA, Aloy; OTAVIO, Chico. *Os porões da contravenção. Jogo do Bicho e ditadura militar: a história da aliança que profissionalizou o crime organizado*. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2016.

LEOPOLDI, José Sávio. *Escolas de Samba, ritual e sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1978.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003

LESSA, Carlos. *O Rio de Janeiro de todos os Brasis: Uma reflexão em busca de auto-estima*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

LOUSADA, Maria Alexandre. *As praças como lugares de sociabilidade: práticas e representações*. In Miguel Figueira de Faria (coord.), *Praças reais: passado, presente e futuro*, Lisboa, Livros Horizonte.

MAGNANI, José Guilherme. *A Rua e a Evolução da Sociabilidade*. 1993. Disponível em: <http://osurbanitas.org/antropologia/osurbanitas/revista/RUA.html>

MATA, Salvador e Silva. *São Gonçalo 1890 – 1990*. São Gonçalo: Ed. Belarmino de Mattos, 1993

_____. *São Gonçalo no Século XVII*. São Gonçalo. Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1997.

_____. *São Gonçalo no Século XVIII*. São Gonçalo. Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1998.

MARIANO, Ricardo. *Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal*. Estudos avançados, vol.18, no.52 São Paulo Sept./Dec. 2004.

MENDONÇA, Adalton da Motta Mendonça. *Transformações Sócio-Econômicas no eixo Niterói-Manilha em São Gonçalo/RJ*. 2007. 249 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. P 121.

MORAES, Eneida de. *História do carnaval carioca*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro: 1967.

MUSSA, Alberto; SIMAS, Luiz Antônio. *Samba de Enredo: História e Arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

NORA, Pierre Between. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. In: Projeto História. Nº 10. São Paulo: PUC, 1993.

OLIVEIRA, Floriano José Godinho. *Reestruturação produtiva e regionalização da economia no território fluminense*. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.

PALMIER, Luiz. *São Gonçalo Cinquentenário*. São Gonçalo: IBGE, 1940.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *Quem Sabe Faz a Hora... E Espera Acontecer*. In Em Busca do Brasil Contemporâneo, Rio de Janeiro, Notrya Ed., 1993.

POLLACK. Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, vol. 2, n.3, 1989, p. 3-15.

_____. Michael. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Carnaval Brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp, 2007, p.71.

ROUSSO, Henry. *A memória não é mais o que era*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.) *Usos e Abusos da história oral*. 7. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. Cap. 7. P.93-101. P.94.

SOUZA, Bruno Cesar. *Orgulho e Paixão de uma Cidade: A história do G.R.E.S. Unidos do Porto da Pedra*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado: história oral*. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1992, p. 17.

TINHORÃO, José Ramos. *Pequena história da música popular*. Petrópolis: Vozes, 1974, pp.171.

VIANNA, Hermano. *O Mistério do Samba*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar. 2012.